



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS - ILL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM – PPGLIN
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - MEL**

MARCLEIDE NASCIMENTO DA SILVA

**A EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE NO GÊNERO CRÔNICA: UMA ANÁLISE
DOS TEXTOS FINALISTAS DA 6ª EDIÇÃO DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

REDENÇÃO

2025

MARCLEIDE NASCIMENTO DA SILVA

A EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE NO GÊNERO CRÔNICA: UMA ANÁLISE
DOS TEXTOS FINALISTAS DA 6ª EDIÇÃO DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguagem: diversidade e políticas linguísticas.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca

REDENÇÃO

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Marcleide Nascimento da.

S578e

A expressão da evidencialidade no gênero crônica: uma análise dos textos finalistas da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa / Marcleide Nascimento da Silva. - Redenção, 2025.
145f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Profª. Drª. Cláudia Ramos Carioca.

1. Evidencialidade (Linguística). 2. Gramática discursivo-funcional. 3. Crônica. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.43

MARCLEIDE NASCIMENTO DA SILVA

A EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE NO GÊNERO CRÔNICA: UMA ANÁLISE
DOS TEXTOS FINALISTAS DA 6ª EDIÇÃO DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

Aprovada em: 28/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Cláudia Ramos Carioca - Orientadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profª. Drª. Ediene Pena Ferreira - 1ª examinadora

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Prof. Dr. José Olavo da Silva Garantizado Júnior - 2º examinador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este estudo:
Ao meu grande amor, José Pedro!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pelas oportunidades, pelas pessoas colocadas em minha trajetória e pela resiliência frente aos desafios.

Aos meus pais, em especial, à minha mãe, por todo amor, carinho e palavras que acalentam a minha alma. Obrigada por ser minha maior incentivadora e nunca me deixar desistir.

A meu filho, José Pedro, por ser minha inspiração e por ser luz na minha vida.

Ao meu esposo Alex, pelo amor, pelo cuidado e pela compreensão em todos os momentos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca, pelo acompanhamento durante a realização desta pesquisa.

Ao professor Dr. Olavo da Silva Garantizado Júnior, meu agradecimento especial. Desde a primeira aula até a defesa desta pesquisa, sua contribuição foi importantíssima para a conclusão deste projeto. Sou profundamente grata pelas suas orientações e pelo incentivo ao longo do Mestrado.

À professora Dra. Ediene Pena Ferreira, pelas preciosas sugestões durante os exames de qualificação.

A todos os meus professores do PPGLIN, pelas contribuições na minha formação acadêmica.

À minha turma, composta por seis mulheres incríveis, pela alegria e pela leveza que trouxeram às nossas aulas.

À minha amiga Adriely, pelo apoio, pelas conversas nos momentos difíceis, por sempre me incentivar com palavras de otimismo e pela companhia no retorno às nossas casas.

À minha amiga Kellivania, pelo incentivo a fazer o mestrado e pelas orientações ao longo da caminhada, ainda que o tempo e a distância possam ter sido desafiadores.

Ao meu amigo Tiago Ribeiro, pelas conversas descontraídas e pelas boas risadas ao final de um dia de trabalho cansativo.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para minha formação, minha sincera gratidão.

RESUMO

A evidencialidade caracteriza-se como uma categoria linguística responsável pela fonte da informação. Por meio dela, é possível estabelecer o grau de comprometimento sobre o conteúdo asseverado. Este trabalho tem como principal objetivo analisar como a evidencialidade se expressa em textos finalistas do gênero textual crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Brasil, para a 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que a caracterizam nos textos em análise. Para isso, adotamos a perspectiva funcionalista, mais especificamente, o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF - Hengeveld e Mackenzie, 2008) que permite a classificação das diferentes categorias qualificacionais da língua de acordo com o nível e a camada em que atuam. Essa teoria contempla aspectos cognitivos e pragmáticos que atrelam as funções das expressões linguísticas ao seu contexto de uso, característica primordial para o estudo da evidencialidade. A opção por essa abordagem funcionalista também se justifica por compreendermos que, a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva da linguagem, explica-se a construção mais reflexiva e subjetiva que conferimos ao gênero crônica. O corpus desta pesquisa é composto por 38 crônicas que compunha a coletânea de textos finalistas da 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa. Para analisar a manifestação da evidencialidade nesse gênero textual, consideramos as seguintes categorias de análise: i) quanto aos aspectos sintáticos, analisamos os meios linguísticos que servem de expressão da evidencialidade e também a posição deste item evidencial no enunciado; ii) quanto aos aspectos semânticos, identificamos o tipo de evidencialidade usado com mais frequência nas crônicas bem como revelamos qual fonte da informação predomina nos textos; iii) quanto aos aspectos pragmáticos, analisamos o nível de comprometimento dos autores em relação às informações veiculadas, considerando a relação de aproximação ou afastamento do público-leitor. Os resultados revelam que, em relação aos aspectos sintáticos, o verbo é o meio linguístico mais utilizado para a expressão da evidencialidade, com a prevalência do uso de verbos de percepção e cognição, pois, ao utilizá-los, os estudantes-cronistas marcam sua experiência individual com os fatos narrados e revelam o seu ponto de vista, convidando o leitor a compartilhar essa percepção. Vimos também que a marca evidencial tende a ocupar majoritariamente a posição inicial dos enunciados, principalmente quando é manifestada por meio de verbos que expressam inferência. Isso ocorre porque esses verbos, nessa condição, geralmente assumem a função de fonte da informação, visto que ela está implícita na desinência do verbo. Em relação aos aspectos semânticos, os resultados apontam que a evidencialidade inferida é o subtipo evidencial que predomina na construção textual da crônica. Isso acontece, provavelmente, pelo fato do narrador colocar-se como fonte da informação e essa ser gerada a partir de seus conhecimentos internos que ajudam a construir a narrativa, atribuindo a ela um traço maior de subjetividade, característica que percebemos de forma recorrente nas produções das crônicas. Quanto aos aspectos pragmáticos, os dados apontam para uma relação paradoxal entre o alto e o baixo nível de comprometimento do narrador em relação às informações elencadas na narrativa porque embora conste, em nosso *corpus*, a presença de marcas que caracterizam o baixo comprometimento, o efeito de sentido decorrente do seu uso não é de distanciar o leitor. Ao utilizar essas marcas, o autor busca trazer para o texto a heterogeneidade narrativa, em que a combinação de elementos factuais e subjetivos conferem à crônica suas características de ser um texto simples, leve e envolvente, como uma “conversa ao pé do ouvido”.

Palavras-chave: Evidencialidade; Gramática Discursivo-Funcional; Crônica.

ABSTRACT

Evidentiality is characterized as a linguistic category responsible for indicating the source of information. Through it, it is possible to establish the degree of commitment to the asserted content. This study aims to analyze how evidentiality is expressed in finalist texts of the chronicle genre, produced by students from Brazilian public elementary schools for the 6th Portuguese Language Olympiad, considering the syntactic, semantic, and pragmatic aspects that characterize it in the analyzed texts. To achieve this, we adopt a functionalist perspective, specifically the model of Discourse Functional Grammar (DFG – Hengeveld & Mackenzie, 2008), which allows the classification of different qualificational categories of language according to the level and layer in which they operate. This theory encompasses cognitive and pragmatic aspects that link the functions of linguistic expressions to their context of use, a fundamental characteristic for studying evidentiality. The choice of this functionalist approach is also justified by our understanding that, from a pragmatic-discursive perspective of language, it is possible to explain the more reflective and subjective construction that defines the chronicle genre. The corpus of this research consists of 38 chronicles that were part of the collection of finalist texts in the 6th Portuguese Language Olympiad. To analyze the manifestation of evidentiality in this textual genre, we consider the following categories of analysis: i) Regarding syntactic aspects, we analyze the linguistic means used to express evidentiality and the position of the evidential marker within the utterance. ii) Regarding semantic aspects, we identify the type of evidentiality most frequently used in the chronicles and determine which source of information predominates in the texts. iii) Regarding pragmatic aspects, we analyze the level of commitment of the authors to the conveyed information, considering the relationship of approximation or distancing from the reader. The results reveal that, in terms of syntactic aspects, verbs are the most commonly used linguistic means to express evidentiality, with a prevalence of perception and cognition verbs. By employing this resource, student-authors mark their individual experiences with the narrated facts and reveal their perspectives, inviting the reader to share their perception. We also found that evidential markers tend to occupy the initial position of utterances, especially when expressed through verbs that indicate inference. This occurs because such verbs, in this position, generally assume the function of the source of information, as it is implicitly contained in the verb's inflection. Regarding semantic aspects, the results indicate that inferred evidentiality is the predominant evidential subtype in the textual construction of the chronicle. This likely occurs because the narrator positions themselves as the source of information, which is generated based on their internal knowledge, helping to build the narrative and attributing a greater degree of subjectivity to it—a characteristic frequently observed in the production of chronicles. In terms of pragmatic aspects, the data point to a paradoxical relationship between the high and low levels of the narrator's commitment to the information in the narrative. Although our corpus contains markers indicating low commitment, the resulting effect is not one of distancing the reader. By using these markers, the author aims to bring narrative heterogeneity to the text, in which the combination of factual and subjective elements gives the chronicle its defining characteristics—being a simple, light, and engaging text, much like an intimate conversation.

Keywords: evidentiality; discourse functional grammar; chronicle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evidencialidade na GDF	46
Quadro 2 - Categorias da Olimpíada de Língua Portuguesa	59
Quadro 3 - O caderno do professor: Orientação para a produção de textos	60
Quadro 4 - SD do gênero crônica no caderno: A ocasião faz o escritor	63
Quadro 5 - Critérios de Avaliação para o gênero Crônica	66
Quadro 6 - Subtipos evidenciais nos NI e NR da GDF	75
Quadro 7 - Ficha de análise das ocorrências	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal	23
Figura 2 – Esquema Geral da GDF	25
Figura 3 - Organização dos níveis de análise da GDF	26
Figura 4: Organização do Nível Interpessoal (NI)	28
Figura 5: Organização do Nível Representacional (NR)	30
Figura 6 - Organização do Nível Morfossintático (NM)	33
Figura 7 - Organização do Nível Fonológico (NF)	36
Figura 8 - Tipos de evidencialidade segundo Willett (1988)	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Meios linguísticos de expressão da evidencialidade	81
Tabela 2 - Posição da marca evidencial para a expressão da evidencialidade	85
Tabela 3 - Subtipos evidenciais presentes no gênero textual crônica	87
Tabela 4 - Tipos de Fonte da informação no gênero textual crônica	91
Tabela 5 - Níveis de comprometimento apresentados nas crônicas	94
Tabela 6 - A relação entre a fonte da informação e o nível de comprometimento	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CENPEC: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

CONSED: Conselho Nacional das Secretarias da Educação

GDF: Gramática Discursivo-Funcional

GF: Gramática Funcional

NI: Nível Interpessoal

NR: Nível Representacional

NM: Nível Morfossintático

NF: Nível Fonológico

OLP: Olimpíada de Língua Portuguesa

P^I: Posição inicial

P^M: Posição medial

P^F: Posição final

SD: Sequência Didática

SPSS: Statistical Package for Social Science

UNDIME: União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

PB: Português Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO	19
2.1 A Gramática Discursivo-funcional (GDF)	21
2.1.1 Arquitetura da GDF	24
2.1.2 Nível Interpessoal	27
2.1.3 Nível Representacional	30
2.1.4 Nível Morfossintático	33
2.1.5 Nível Fonológico	35
3 A EVIDENCIALIDADE	37
3.1 Estudos tipológicos da evidencialidade	38
3.2 Evidencialidade na GDF	44
4 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA	51
4.1 O estudo dos gêneros	51
4.1.1 Caracterização do gênero crônica	55
4.2 A Olimpíada de Língua Portuguesa	58
4.2.1 A crônica na OLP	61
5 METODOLOGIA	68
5.1 Natureza da pesquisa	68
5.2 Constituição e delimitação do corpus	68
5.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados	69
5.4 Categorias de análise	69
5.4.1 Aspectos sintáticos	70
5.4.1.1 Meios linguísticos	70
5.4.1.2 Posição do item evidencial	71
5.4.2 Aspectos semânticos	72
5.4.2.1 Fonte da informação	72
5.4.2.2 Tipos evidenciais	73
5.4.3 Aspectos pragmáticos	75
5.4.3.1 Níveis de comprometimento	76
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES EVIDENCIAIS NAS CRÔNICAS DA OLP	80

6.1 Análise dos aspectos sintáticos da evidencialidade	80
6.1.1 Meios linguísticos	80
6.1.2 Posição da marca evidencial	84
6.2 Análise dos aspectos semânticos da evidencialidade	86
6.2.1 Tipos evidenciais	86
6.2.2 Fonte da informação	91
6.3 Análise dos aspectos pragmáticos da evidencialidade	93
6.3.1 Níveis de comprometimento	93
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	107

1 INTRODUÇÃO

A evidencialidade caracteriza-se como uma categoria linguística responsável pela fonte da informação. Por meio dela, é possível estabelecer o grau de comprometimento sobre o que é dito. Em algumas línguas, ela é materializada por sistemas gramaticais, como é o caso da língua indígena Tukano, citada nas pesquisas de Cezário (2019). Mas, em outras, a exemplo do Português do Brasil, a evidencialidade é marcada por expressões lexicais ou em processo de gramaticalização¹, como mostram os estudos realizados por Casseb-Galvão (2001) e Gonçalves (2003).

Ao longo dos anos, os estudos sobre esse fenômeno ocasionaram uma variedade de classificações e tipologias evidenciais. As primeiras pesquisas publicadas sobre o tema, como a coletânea organizada por Chafe e Nichols (1986), já apresentavam a diversidade de critérios utilizados para caracterizar a evidencialidade. Quase quatro décadas depois, em 2024, o estudo sobre essa categoria linguística cresceu exponencialmente. A publicação do livro *The Oxford Handbook of Evidentiality* [Aikhenvald (ed.) 2018], juntamente com outros dois novos volumes: *Epistemic Modalities and Evidentiality in Cross-Linguistic Perspective*, editado por Zlatka Guentchéva, e *Evidence for Evidentiality*, editado por Ad Foolen, Helen de Hoop e Gijs Mulder, revela como a evidencialidade tornou-se um conceito estabelecido na linguística.

Como mencionado anteriormente, há uma diversificação de critérios que definem e classificam a evidencialidade. Em pesquisas que consideram o estudo das línguas que possuem sistemas mais gramaticalizados, trabalhos como os de Willet (2001) e de Casseb-Galvão (2001) propuseram, pelo menos, três tipos de evidências: a) Evidência Direta, que pode ser visual ou não-visual. Nela, o falante é a fonte da informação e afirma ter obtido a informação diretamente por meio sensorial; b) Evidência Menos Direta, neste caso, o falante é a fonte da informação, mas afirma ter derivado essa informação por meio de uma inferência. Isso pode ser resultado de observações, raciocínio lógico ou dedução; e c) Evidência Indireta, aqui, o falante não é a fonte original da informação. Ele afirma ter obtido a informação por meio de um relato de segunda ou terceira mão, ou seja, através do relato de outra pessoa.

Já em línguas com sistemas evidenciais menos gramaticalizados, os tipos de evidência geralmente se dividem em apenas duas categorias: evidência direta (ou "de primeira mão") e evidência indireta (ou "não de primeira mão"). Quando o sistema é predominantemente

¹ De acordo com a GDF, a gramaticalização é tida como um processo no qual elementos linguísticos alargam o seu escopo (Hengeveld, 2011).

lexical, é importante destacar que a evidência direta é considerada a forma padrão de expressar a fonte da informação, conforme sugerido por Anderson (1986). Ele observa que os evidenciais são raramente empregados quando o falante testemunha diretamente o evento, sendo usados apenas em casos de ênfase. Essa afirmação nos faz refletir que, independente de manifestar-se por meio gramatical ou lexical, a evidencialidade é uma categoria presente em qualquer língua, assumindo um papel relevante na estratégia discursiva.

Neste trabalho, adotamos as subcategorizações propostas por Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fischer (2018). Os autores identificaram cinco subcategorias evidenciais as quais abordamos nesta pesquisa: a reportativa e a citativa, que atuam no Nível Interpessoal das relações pragmáticas; a inferência, a dedução e a percepção de evento, que atuam no Nível Representacional das relações semânticas. Dessa forma, o principal motivo para a adoção desta subcategorização deve-se ao fato de que este modelo separa evidenciais que têm por escopo unidades do nível pragmático de evidenciais que têm por escopo unidades do nível semântico. Essa separação é relevante para a nossa pesquisa porque permite uma análise mais precisa das estratégias discursivas e do impacto comunicativo pretendido pelos estudantes-cronistas. Os evidenciais que atuam no nível semântico nos ajudam a construir a veracidade ou a legitimidade dos eventos narrados. Já evidenciais que atuam no nível pragmático são cruciais para construirmos o tom subjetivo e reflexivo, que é característico do gênero.

Além disso, esse modelo proposto pela GDF permite distinguir duas subcategorias pragmáticas que atuam em camadas diferentes, fato que revela a intenção comunicativa do falante, na produção de significados distintos, pois, somente numa perspectiva pragmática da linguagem, será possível explicar como o uso das marcas evidenciais na construção da crônica afeta o grau de envolvimento com o público, distanciando-o ou aproximando-o da fonte e das informações.

Na língua portuguesa, há muitas pesquisas sobre essa categoria linguística. Destacamos o estudo de Carioca (2009), por exemplo, o qual investiga o uso das marcas evidenciais na construção dos trabalhos acadêmicos de grau do português brasileiro (monografias, dissertações e teses) e como elas contribuem para asseverar as informações que estão sendo veiculadas. Por meio da análise de 10 monografias, de 10 dissertações e de 10 teses, a autora mostrou que, para o discurso acadêmico, a evidencialidade revela o predomínio do nível de baixo comprometimento em todos os trabalhos que compunham o *corpus* da pesquisa, chegando à conclusão de que a evidencialidade é utilizada como estratégia discursiva para mostrar o efeito de sentido decorrente do baixo comprometimento. Diferente

dessa investigação, acreditamos que, na nossa pesquisa, as marcas evidenciais serão utilizadas como uma estratégia que marcará o alto comprometimento do autor sobre o que é dito.

Outro estudo relevante na área foi o de Lucena (2013) que, por sua vez, analisa a manifestação da evidencialidade no contexto dos gêneros textuais (da ordem do narrar, do relatar, do argumentar, do expor e do prescrever ou instruir) buscando uma abordagem mais ampla dos usos das marcas evidenciais e de suas funções no português escrito do século XX. Para isso, a autora utilizou o COMTELPO (2006), de onde selecionou 163 textos para realizar a análise. Ela observou que a evidencialidade se manifesta em diferentes subcategorias a depender do gênero textual estudado. Assim, considerando o agrupamento total dos gêneros, os dados revelaram que as marcas Reportativas e Inferidas foram as mais frequentes na amostra textual. A nossa pesquisa apresenta um cenário semelhante, embora tenhamos focado em um estudo mais específico do gênero textual da ordem de narrar, a crônica, tendo em vista que a pesquisa mencionada anteriormente apresenta a evidencialidade em textos narrativos diversos.

Além dessas pesquisas, podemos citar as de Kapp-Barboza (2017), Miranda (2020), Vidal (2021), Bernardo (2023), Ferreira (2023), dentre outras. Essas investigações mostram a manifestação da evidencialidade em diferentes contextos, mas nenhuma delas apresenta análise e descrição da evidencialidade no contexto de gêneros narrativos, como a crônica. Em nossas pesquisas, vimos que o estudo da evidencialidade ocorre majoritariamente em textos argumentativos, o que evidencia a necessidade de alargar o escopo de investigação desse fenômeno para textos predominantemente narrativos.

Nesse cenário de pesquisas sobre a evidencialidade, o presente trabalho objetiva analisar como ela se expressa em textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Brasil, para a 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que a caracterizam nos textos em análise.

Dado o objetivo geral, seguem os objetivos específicos desta pesquisa:

- a) Descrever quais meios linguísticos são utilizados como marcas evidenciais nas crônicas da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa;
- b) Identificar de que forma é delimitada a fonte das informações veiculadas no gênero textual crônica, verificando o maior ou menor grau de comprometimento sobre o que é dito;
- c) Analisar se há um tipo de evidencialidade (subcategoria) mais frequente nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica.

Para realizar esse estudo, optamos por adotar os pressupostos funcionalistas, mais especificamente a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), modelo que permite a classificação das diferentes categorias qualificacionais da língua de acordo com o nível e a camada em que atuam.

Assim, analisamos 38 crônicas que compõem a coletânea “O lugar onde vivo – textos finalistas” produzida para o concurso nacional Olimpíada de Língua Portuguesa, 6ª edição (2019). Os textos estão disponíveis na plataforma digital Escrevendo o Futuro.² Os autores dos textos são estudantes do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de todo o país. A coletânea possui 116 textos, divididos da seguinte maneira: 20 poemas, 38 memórias literárias, 38 crônicas e 20 artigos de opinião. Para compor o *corpus* desta pesquisa, escolhemos o gênero crônica, conforme já mencionado. Utilizamos esse recorte porque objetivamos descrever a evidencialidade com o foco na tipologia textual narrativa, considerando também as características composicionais do gênero em destaque.

Dito isso, tomamos como ponto de partida o seguinte questionamento:

Como a evidencialidade se expressa em textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de todo o Brasil, para a 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que caracterizam o seu uso nos textos em análise?

Acreditamos que, por se tratar de uma competição, cuja autenticidade e originalidade são aspectos importantes na construção de suas narrativas, os autores colocam-se como fonte das informações, o qual chamamos de sujeitos-enunciadores. Por meio da utilização de marcas evidenciais lexicais, como os verbos, principalmente, os de percepção e cognição, conjugados na 1ª pessoa do singular, os estudantes-cronistas mostram um maior grau de envolvimento com as informações, provocando uma aproximação com seu público-leitor.

Além disso, sustentamos a hipótese de que, ao analisar a evidencialidade em um gênero tipicamente narrativo, como é o caso da crônica, encontraremos a inferência como a subcategoria evidencial mais frequente, pois os alunos utilizam seus conhecimentos prévios para dar substancialidade às suas produções textuais. Esse tipo de construção contribui para o caráter reflexivo da crônica, pois convida o leitor a participar do raciocínio do cronista, compartilhando de suas impressões e conclusões. Acreditamos, portanto, que o uso da evidencialidade reforça o tom subjetivo e reflexivo do gênero em destaque.

²<https://www.escrevendoofuturo.org.br/>

Com essa proposta, pretendemos responder às seguintes questões:

- a) Quais meios linguísticos são utilizados como marcas evidenciais nas crônicas da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa?
- b) De que forma é delimitada a fonte das informações veiculadas no gênero textual crônica, há maior ou menor grau de comprometimento sobre o que é dito?
- c) Há um tipo de evidencialidade (subcategoria) mais frequente nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica?

Um aspecto que justifica a relevância dessa pesquisa é a contribuição para os estudos da linguagem ao analisar a evidencialidade em um gênero textual (crônica) que ainda não foi investigado por pesquisas anteriores, como já mencionamos. Isso irá ampliar o campo de investigação sobre esse fenômeno que poderá fornecer dados para a confirmação de um subsistema evidencial em língua portuguesa, pois, apesar da sua manifestação ser majoritariamente lexical, a evidencialidade tem uma importante função textual-discursiva para compreendermos os posicionamentos apresentados no texto/discurso.

Ao investigar a evidencialidade no gênero crônica, a pesquisa possibilita uma compreensão mais detalhada sobre como os marcadores evidenciais funcionam na construção do ponto de vista dos estudantes-cronistas, influenciando a maneira como os leitores interpretam os fatos e opiniões apresentadas. A crônica, por apresentar uma natureza híbrida, geralmente combina elementos factuais e subjetivos, tornando-se um espaço privilegiado para observar como os autores utilizam estratégias evidenciais para especificar níveis de certeza, provocando aproximação ou distanciamento das informações veiculadas. Dessa forma, o estudo não apenas contribui para o mapeamento dos recursos evidenciais no português, mas sobretudo, para a análise dos mecanismos discursivos que sustentam as reflexões do narrador nesse gênero textual.

Além disso, buscamos, com a seleção dos textos finalistas produzidos para a 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa, valorizar as produções de alunos que ainda estão na educação básica bem como o trabalho de orientação e de preparação dos discentes realizado pelos professores para que eles possam participar de uma Olimpíada que envolva leitura e produção textual, pois sabemos que é uma proposta bem desafiadora tendo em vista que os principais desafios que permeiam a educação pública dizem respeito à dificuldade de acesso à cultura, aos livros, ao cinema, ao teatro e a outras oportunidades que podem transformar a realidade social dos alunos dessa rede de ensino.

Em relação à estrutura desta dissertação, ela está organizada em sete capítulos, incluindo esta introdução. No Capítulo II, apresentamos a abordagem Funcionalista, com foco na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), que servirá como base teórica para nossa investigação. Discutiremos os princípios dessa abordagem, destacando sua relevância para a análise da evidencialidade no português e sua aplicabilidade ao estudo dessa categoria para a organização da fonte da informação no discurso.

No capítulo III, abordamos o conceito de evidencialidade, explorando suas subcategorias à luz da perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Mostramos, a partir de várias pesquisas, como a evidencialidade se manifesta nas línguas naturais, sua categorização e as estratégias linguísticas utilizadas no português para indicar a fonte da informação.

No capítulo IV, focamos no gênero textual crônica, discutindo suas características, estrutura e função comunicativa. Além disso, apresentamos a Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), contextualizando sua proposta pedagógica e justificando a escolha desse material para análise.

No capítulo V, detalhamos a metodologia da pesquisa, explicando os critérios de seleção do *corpus*, os procedimentos de análise e as categorias evidenciais elaboradas para a realização deste estudo. Discutimos, ainda, a abordagem qualitativa e quantitativa empregada na investigação, ressaltando as categorias utilizadas para garantir a validade dos resultados.

No capítulo VI, apresentamos a análise e descrição dos resultados obtidos a partir da investigação linguística realizada nas crônicas. Examinamos como a evidencialidade se manifesta nos textos selecionados, identificando padrões e discutindo implicações para os estudos da linguagem.

Por fim, no capítulo VII, expomos nossas considerações finais, refletindo sobre as contribuições da pesquisa para o estudo da evidencialidade no português e seus desdobramentos para futuras investigações.

2 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Para a análise da evidencialidade nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, a vertente teórica de base será o Funcionalismo Linguístico. Escolhemos essa vertente pelo fato de analisarem a língua em uso porque, embora existam diversos modelos, existe uma característica comum a todos eles que é estudar a gramática da língua por meio da interação verbal, ou seja, levando em consideração o propósito comunicativo, os sujeitos envolvidos e o contexto discursivo. Seguindo esse princípio, assim como os funcionalistas, acreditamos que não há como estudar a forma sem ser motivada pela função.

Ao dizer isso, entendemos que a língua é um instrumento de comunicação, um sistema não autônomo que contempla um conjunto de tarefas, caracterizando-se como uma forma de ação que envolve uma interação continuada entre os falantes e sociedade, resultando, assim, em sua função primordial, a de fazer comunicar e interagir.

Neves (2013, p.16) apresenta um resumo das premissas que orientam a perspectiva funcionalista da linguagem:

- ❖ A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987).
- ❖ A língua (e a gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995).
- ❖ As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (Halliday, 1985).
- ❖ Na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (Dik, 1978, 1980, 1989a, 1997; Givón, 1984; Hengeveld, 1997).
- ❖ A gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades linguísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (Beaugrande, 1993).
- ❖ Existe uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (Mackenzie, 1992).
- ❖ O falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas (Halliday, 1973, 1985).
- ❖ A gramática é susceptível às pressões do uso (Du Bois, 1993), ou seja, às determinações do discurso (Givón, 1979b), visto o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes (Beaugrande, 1993).
- ❖ A gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (Du Bois, 1985).
- ❖ O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (Martinet, 1994).

Percebemos que, dentre os vários caminhos de estudos proporcionados pelo Funcionalismo, todas as vertentes consideram o aspecto funcional da língua e que a estrutura linguística é resultado de fatores além dos gramaticais, ou seja, a função comunicativa da língua impacta diretamente na escolha das expressões linguísticas do falante. Portanto, a sintaxe não é autônoma, mas governada pela semântica e pela pragmática.

Os primeiros estudos sobre o Funcionalismo surgiu, inicialmente, no Círculo Linguístico de Praga, onde foi considerado o uso da língua de forma funcional, ou seja, a língua é o meio para atingir determinado fim. Nesse período, surgiram o conceito e a classificação sobre funções da linguagem (Jakobson), além dos conceitos de perspectiva funcional da sentença (Mathesius) e de dinamismo comunicativo (Firbas).

Para além da Escola de Praga, destacamos, de acordo com a autora Neves (2021), outras vertentes do Funcionalismo, cujas contribuições foram cruciais para a compreensão da língua como instrumento de interação social, dentre elas: a vertente norte-americana, representada por Givón (1979,1995), a britânica, com Halliday (1985) e a europeia, mais especificamente, a holandesa, representada pelos nomes Dik (1989, 1997) e Hengeveld e Mackenzie (2008), a qual realizamos uma breve exposição sobre cada uma delas.

Em relação ao Funcionalismo norte-americano, Givón (1995, p. 09), em seu livro *Funcionalismo e Gramática*, lista como pressupostos funcionalistas:

- a) a linguagem como atividade sócio-cultural;
- b) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- c) a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
- d) mudança e variação estão sempre presentes;
- e) o significado é dependente do contexto e não-atômico;
- f) as categorias não são discretas;
- g) a estrutura é maleável, não rígida;
- h) as gramáticas são emergentes;
- i) as regras de gramática permitem algumas exceções.³

Esses pressupostos possibilitam-nos concluir que, no paradigma funcional, a análise da língua não se limita às relações entre palavras dentro da oração. Para os funcionalistas, essa abordagem de análise não inclui um conjunto de componentes linguísticos cujas funções podem influenciar a organização e a apresentação da gramática nas sentenças, alterando, assim, a representação linguística durante interações sociais, ideia a qual corroboramos.

No contexto do funcionalismo britânico, Halliday propõe uma teoria sistêmico-funcional que concebe a língua como um sistema de escolhas. Conforme essa teoria, cabe ao falante a responsabilidade pela seleção das expressões que geram um determinado significado. Halliday (1994) identifica que as línguas se organizam em torno de metafunções, ou seja, em partes funcionais da linguagem no que diz respeito ao sistema total da língua. As metafunções dividem-se em três níveis, a saber: a ideacional, a interpessoal e a

³ No original: “- language is a social-cultural activity; - structure is non-arbitrary, motivated, iconic; - meaning is context-dependent and non-atomic; - structure is malleable, not rigid, grammars are emergent; grammar rules allow for some exceptions.”

textual, sendo que esta última serve como instrumento para as duas primeiras. Por meio da metafunção ideacional, o falante utiliza a língua para expressar suas experiências com o mundo externo e interno, sejam elas relacionadas a pensamentos, a crenças ou a sentimentos. A metafunção interpessoal permite ao falante participar da situação comunicativa ao expressar seus julgamentos e contribui para a definição dos papéis sociais dos participantes nessa situação. E, por último, a metafunção textual está associada à construção e organização do conteúdo em forma de texto.

Para concluir, apresentamos o funcionalismo holandês. Representado pela Gramática Funcional de Dik e, mais tarde, reformulada por Hengeveld e Mackenzie denominada Gramática Discursivo-Funcional, esse modelo compreende as relações funcionais da língua em diferentes níveis de organização linguística, considerando as estruturas utilizadas em situações de uso reais durante a interação verbal e os componentes que a envolvem. Uma teoria gramatical que inicia sua análise a partir do discurso para chegar à forma, utilizando o Ato Discursivo como sua unidade fundamental, ao contrário de outras teorias que partem da oração. A abordagem Gramática Discursivo-Funcional (GDF) concebe a organização do discurso como estratificada em diferentes níveis e camadas hierárquicas, nos quais as operações de formulação nos níveis superiores influenciam as operações de codificação nos níveis inferiores.

Diante das abordagens mencionadas anteriormente, adotamos, nesta dissertação, a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), pois entendemos que essa teoria contempla aspectos cognitivos e pragmáticos que atrelam as funções das expressões linguísticas ao seu contexto de uso, característica primordial para o estudo da evidencialidade. A opção por essa abordagem funcionalista também se justifica por compreendermos que, a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva da linguagem, explica-se a construção mais reflexiva e subjetiva que conferimos ao gênero crônica.

Na próxima seção, apresentamos nossa teoria de base, aprofundando a discussão em relação às suas características bem como a sua organização em níveis e camadas.

2.1 A Gramática Discursivo-Funcional

Sucessora da Gramática Funcional de Dik, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF, daqui em diante) se difere de outras teorias funcionalistas por diversas características, dentre elas podemos citar: a) a sua organização top-down (descendente); b) o Ato Discursivo passa a

ser a unidade básica de análise; c) ela é compreendida como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal e, por isso, vincula-se aos componentes Contextual, Conceitual e de Saída; e, por fim; d) os níveis morfossintáticos e fonológicos constituem sua estrutura subjacente.

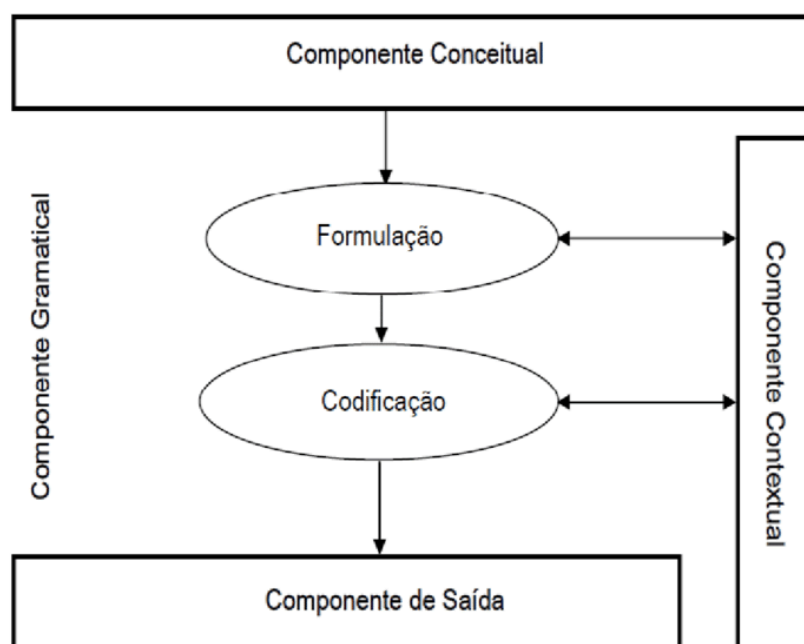
A Gramática Discursivo-Funcional (GDF), por ser dividida em diferentes níveis e estratos, permite a distinção de categorias que englobam fenômenos de natureza diversa. Essa capacidade de diferenciação é viabilizada pela análise das relações de escopo e interações com outras categorias pragmáticas e semânticas, indo além de critérios estritamente formais.

Dessa forma, categorias que desempenham funções semelhantes e que frequentemente são expressos pelos mesmos elementos morfossintáticos, podem ser satisfatoriamente discriminadas com base em parâmetros que consideram não apenas significados estáticos, desvinculados do contexto de uso, mas também em formas morfossintáticas que, em muitos casos, são polissêmicas e servem à expressão de diversas funções, como é o caso da manifestação lexical da evidencialidade observada nas análises do nosso *corpus*.

Com o propósito de apresentar uma teoria com fundamentos psicológicos sólidos, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) é concebida de modo a espelhar as operações mentais do falante conforme ocorrem na produção dos enunciados. Nesse sentido, o Componente Gramatical é organizado de forma que, nos níveis superiores, reflitam as formulações pragmáticas e semânticas, sendo posteriormente traduzidos, nos níveis inferiores, em codificações morfossintáticas e fonológicas. Essa abordagem de cima para baixo (top-down) é baseada no princípio de que a função é preponderante para a forma, uma vez que esta surge para expressar os propósitos que devem ser cumpridos por aquela. Por conseguinte, a GDF propõe um nível específico para cada uma das principais operações envolvidas na produção da linguagem: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico, que veremos mais detalhadamente sobre cada um deles mais adiante.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), dois grandes processos devem ser diferenciados na arquitetura modular descendente dos enunciados: os processos de Formulação e os de Codificação na produção linguística. O primeiro refere-se às regras que determinarão as representações pragmáticas e semânticas que pertencem a uma determinada língua, enquanto que, o segundo processo refere-se às regras que transformam essas representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas. Tanto a Formulação como a Codificação são processos peculiares de cada língua, de modo que se relacionam entre si e com os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída, consoante exposto na Figura 1

Figura 1 – A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 44)

A partir da figura 1, podemos observar uma relação motivada entre as representações morfossintáticas da expressão linguística e as representações semânticas e pragmáticas, as quais são derivadas dos componentes cognitivo e contextual. Em outras palavras, isso significa que, embora a teoria leve em consideração fatores extralinguísticos da interação, seu objeto de análise são os procedimentos linguísticos da produção comunicativa, que acontecem no Componente Gramatical, meio pelo qual são efetivadas as operações de Formulação e Codificação. Nele, encontramos a distinção entre os níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico, nesta ordem hierárquica, que aprofundaremos a discussão em seções seguintes.

O Componente Conceitual está relacionado com o desenvolvimento da intenção comunicativa que será expressa no Componente Gramatical bem como se relaciona com as associações relativas a eventos extralinguísticos. Nesse sentido, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 7. Tradução nossa⁴) sustentam que “o Componente Conceitual é a força motriz por trás do Componente Gramatical como um todo”.⁵

⁴ Todas as traduções contidas nesta dissertação são minhas. Por isso, de agora em diante, a expressão “tradução nossa” será omitida, ficando subentendido que os trechos traduzidos foram elaborados pela autora deste trabalho.

⁵ No original: “The Conceptual Component is the driving force behind the Grammatical Component as a whole.”

O Componente Contextual leva em consideração os conteúdos e as formas do discurso utilizados no contexto real em que o evento da fala ocorreu, além das relações sociais estabelecidas entre os falantes. Dessa forma, a situação comunicativa interfere diretamente nas escolhas linguísticas do falante. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p.6), esse componente “contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso anterior e da configuração perceptível real em que os eventos de fala ocorrem e das relações sociais entre os participantes”.⁶ O Componente de Saída é responsável pela geração das expressões acústicas ou escritas a partir das informações trazidas pelo Componente Gramatical. Segundo os autores, este componente “gera expressões ortográficas, sinalizadas e acústicas com base em informações fornecidas pelo componente gramatical” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.6).⁷

Na próxima seção, detalhamos como se constitui a arquitetura da GDF.

2.1.1 A arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional

Como já mencionamos, a GDF possui como uma de suas características principais a sua arquitetura top-down, ou seja, a análise parte da intenção comunicativa do falante para a articulação das expressões linguísticas. Esse modelo se justifica porque, para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 1), “um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais se assemelhar à organização do processamento de linguagem no indivíduo”.⁸

Embora a GDF considere a influência do discurso para as escolhas das expressões linguísticas que o falante utilizará, ela não pode ser considerada uma gramática do falante ou uma gramática do discurso, pois a ela não interessa extrapolar os limites do texto produzido em situação real. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 9), a GDF busca entender “a estrutura dos enunciados em seu contexto discursivo (não no sentido de um modelo de análise do discurso). A intenção do falante não surge no vácuo, mas em um contexto comunicativo multifacetado”.⁹

⁶ No original: “The Contextual Component contains a description of the content and form of preceding discourse and of the actual perceivable setting in which the speech event takes place and of the social relationships between Participants”.

⁷ No original: “The Output Component generates acoustic, signed, or orthographic expressions on the basis of information provided by the Grammatical Component”.

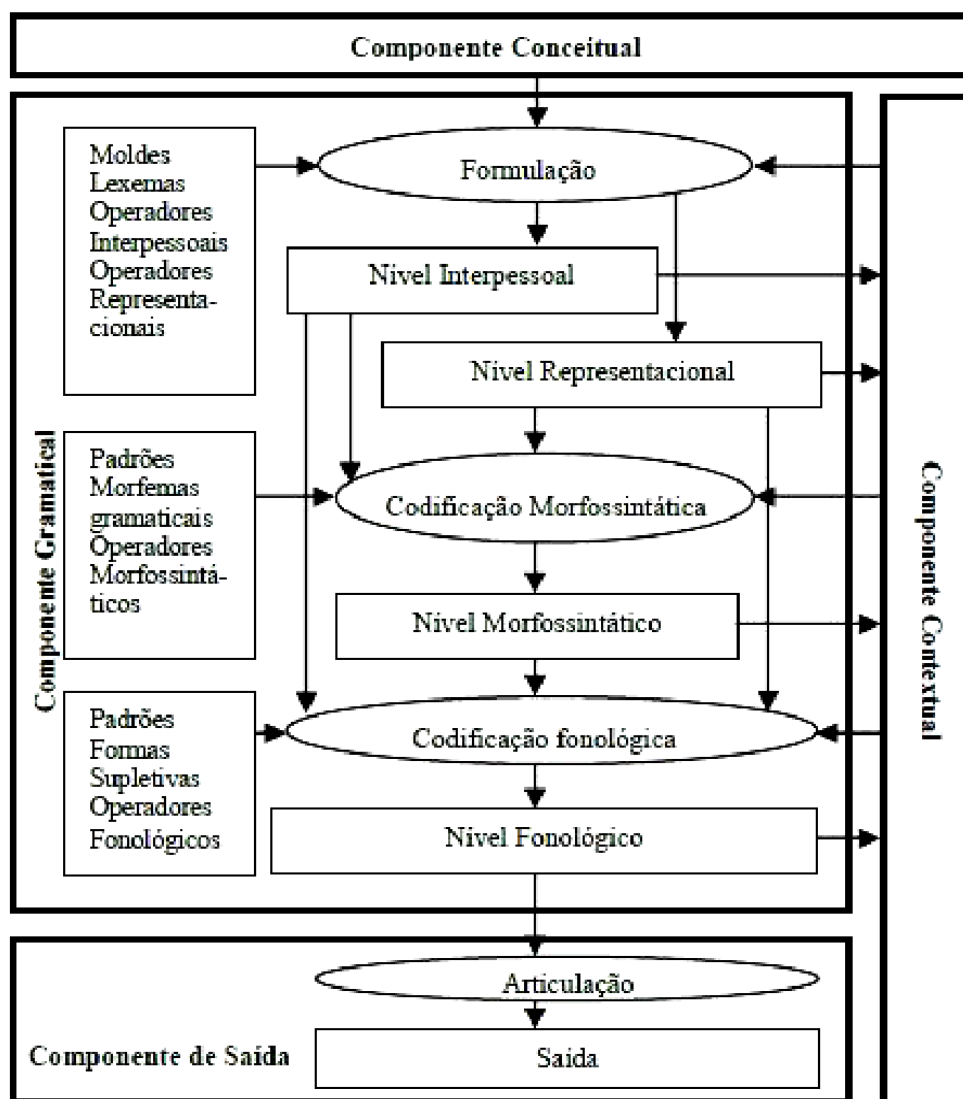
⁸ No original: “A model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual.”

⁹ No original: “The structure of utterances within their discursive context. The speaker's intention does not emerge in a vacuum, but within a multifaceted communicative context.”

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF pode captar tanto a função interpessoal como a função representacional, ou seja, capta as estruturas das unidades linguísticas em termos do mundo que elas descrevem quanto capta as intenções comunicativas com as quais elas são produzidas, de acordo com suas respectivas funções. Dessa forma, para a GDF, o falante de uma língua possui o conhecimento tanto das unidades funcionais e formais da língua assim como os modos pelos quais essas unidades podem ser definidas.

Na figura 2, apresentamos a organização geral da GDF. Ao centro, encontra-se o Componente Gramatical. O Componente Conceitual está no topo, o Componente contextual, à direita e o Componente de saída, na parte inferior. Nas elipses estão as operações; nos quadrados, os primitivos usados nas operações e nos retângulos estão os níveis de representação.

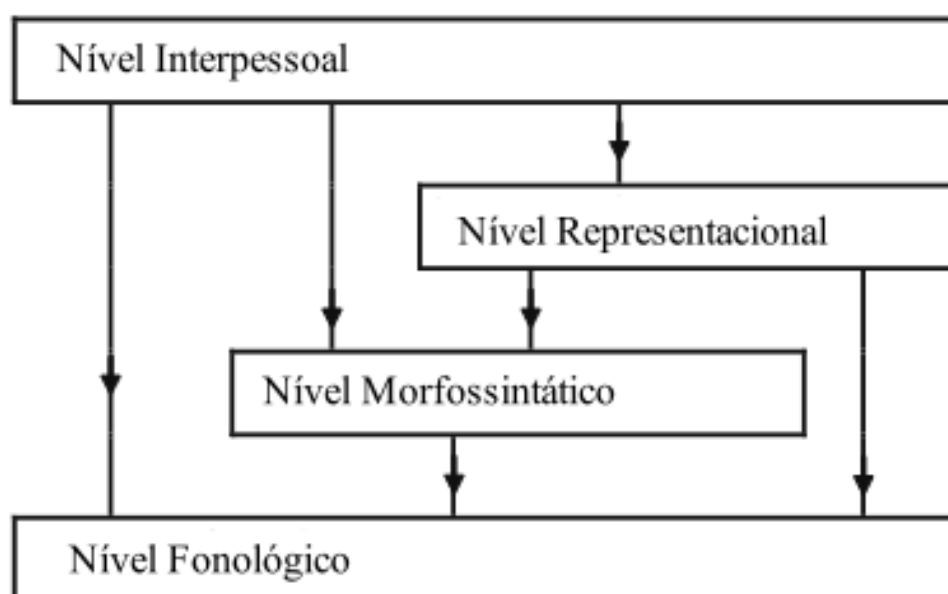
Figura 2 – Esquema Geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

Nesse modelo de análise, a gramática está dividida em quatro níveis: o Interpessoal, que contém operações pragmáticas e retóricas empregadas pelo falante para atingir suas intenções comunicativas; o Representacional, que é formado pelas operações semânticas que fazem o mundo extralinguístico significar; o Morfossintático, cuja produção dos níveis anteriores é codificada em unidades formais e ordenada de acordo o formato de cada língua e, por fim, o Fonológico, onde estruturam-se as unidades virtuais que representam sons, gestos e símbolos para que sejam apresentadas na forma de linguagem real pelo Componente de Saída. Cada um desses níveis é organizado em camadas hierárquicas, conforme apresentada na figura 3:

Figura 3 - Organização dos níveis de análise da GDF



Fonte: traduzida de Fang e Hengeveld (2020, p. 286).

Notamos, por meio da visualização das setas descendentes, que os níveis superiores determinam os aspectos dos níveis inferiores, enquanto o inverso não ocorre. Nesse sentido, a GDF considera, por exemplo, que os elementos pragmáticos do enunciado influenciam as operações de todos os outros níveis, ao passo que os elementos fonológicos apenas codificam o que é determinado pelos demais, sem exercer influência direta sobre eles. Isso significa que, dentro da estrutura hierárquica, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13) estabelece que a “Pragmática governa a Semântica; a Pragmática e a Semântica governam a Morfossintaxe e, juntas, governam a Fonologia.”¹⁰

¹⁰ No original: “... Pragmatics governs Semantics, Pragmatics and Semantics govern Morphosyntax, and Pragmatics, Semantics and Morphosyntax govern Phonology.”

Percebemos, com a análise das figuras 2 e 3, que a GDF organiza seus componentes de modo que mais se aproximem do processamento linguístico do falante. Embora ela esteja organizada em níveis, não quer dizer que eles sejam autônomos, pois existem regras que ligam um nível ao outro, dependendo da intenção comunicativa. Porém, o que todos eles têm em comum é o fato de se organizarem de forma hierárquica, ordenada e em camadas.

Dentro do modelo de descrição linguística apresentado pela GDF, a unidade fundamental de análise é o Ato Discursivo (A). Um ou vários Atos Discursivos compõem um Move (M), que é a menor unidade identificável de comportamento comunicativo. Conforme explicado por Hengeveld e Mackenzie (2008), o Move consiste em um Ato Discursivo central, que pode ser complementado por um ou mais Atos Discursivos Subsidiários, como os atos de atribuição (T) e de referência (R).

Vejamos, a seguir, o detalhamento de cada nível de organização da gramática e suas unidades de análise, começando pelo Nível Interpessoal.

2.1.2 Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal (NI) é caracterizado pela função comunicativa de uma unidade linguística. Em outras palavras, as expressões linguísticas, por meio do ato discursivo, mostram as intenções comunicativas do falante. É nesse nível que reúne todas as distinções de Formulação relevantes para a interação verbal. Por isso, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 46) afirmam que ele “lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre o falante e o destinatário.”¹¹

Hengeveld e Mackenzie propõem a apresentação do NI da seguinte maneira:

¹¹ No original: “[...] deals with all the formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee.”

Figura 4 - Organização do Nível Interpessoal (NI)

(π M ₁ : [Movimento ²
(π A ₁ : [Ato Discursivo
(π F ₁ : ILL (F ₁): Σ (F ₁))	Illocução
(π P ₁ : ... (P ₁): Σ (P ₁)) _S	Falante
(π P ₂ : ... (P ₂): Σ (P ₂)) _A	Ouvinte
(π C ₁ : [Conteúdo Comunicado
(π T ₁ : [...] (T ₁): Σ (T ₁)) _Φ	Subato de atribuição
(π R ₁ : [...] (R ₁): Σ (R ₁)) _Φ	Subato de referência
] (C ₁): Σ (C ₁)) _Φ	Conteúdo Comunicado
] (A ₁): Σ (A ₁)) _Φ	Ato Discursivo
] (M ₁): Σ (M ₁))	Movimento

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 51)

A camada mais alta do NI é o Move, em português, movimento (M), que pode ser definido como “uma contribuição autônoma para uma interação em andamento”¹² (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50), representa a unidade de análise mais abrangente, consistindo em um ou mais Atos Discursivos.

O Ato Discursivo (A) é compreendido como “a menor unidade identificável de comportamento comunicativo”¹³ (Kroon, 1995, p.65). Em outras palavras, é uma unidade linguística que engloba tanto estruturas predicativas quanto frases nominais. Assim, ainda se tivermos uma única palavra, dependendo do contexto, pode expressar um Ato Discursivo completo, como o uso de “Corre!” para alertar sobre um perigo. A compreensão desta unidade pragmática é muito importante para cumprirmos um dos objetivos do nosso trabalho que é a identificação dos subtipos evidenciais porque sobre o Ato Discursivo, por exemplo, incide a evidencialidade citativa, como podemos ver a seguir em (1):

(1) Cofán (Hengeveld e Fischer, 2018, p. 340)
 Chigane afe=’fa=ja **khen**.
 por favor. dar=1PLS=IMP QUOT
 “Por favor, deem-no para mim” (ela disse).

Verificamos no exemplo (1), uma ocorrência da língua Cofán que marca a evidencialidade gramaticalmente. Nela, o falante exprime a totalidade da fala do outro falante, introduzida pela partícula *khen*. Ou seja, a citação é a reprodução de um Ato Discursivo da forma em que ele foi dito pelo falante original, configurando, dessa forma, a marca evidencial

¹² “[...] an autonomous contribution to an ongoing interaction.”

¹³ “[...] the smallest identifiable units of communicative behaviour.”

citativa. Apresentamos um exemplo retirado no nosso *corpus* que demonstra essa característica nos textos analisados:

(13) Vovó apagando com um sopro a vela **diz**: “Não é nada”. (C2.OLP.13)

A Ilocução (F) indica o uso convencional em conversação de cada Ato Discursivo. Pode se manifestar tanto por meio de uma unidade lexical, como um verbo performativo (por exemplo, garanto, juro..), quanto por uma unidade abstrata, conhecida como “performativos implícitos”. Nesse último caso, a ilocução é realizada por meio de uma construção pronta, frequentemente referida pelos autores como “sentença-tipo”. Existem diversas forças ilocucionárias, entre as quais se destacam: Declarativa, Interrogativa, Imperativa, Proibitiva, Optativa, Imprecativa, Exortativa, Comissiva, Admoestativa, Suplicativa e Mirativa (Hengeveld & Mackenzie, 2008, p. 71-72).

Os Participantes (P1) e (P2), por sua vez, correspondem, respectivamente, ao falante (S) e ao ouvinte (A), atuando como agente e receptor.

O Conteúdo Comunicado (C) abarca tudo aquilo que o falante deseja comunicar ao ouvinte, composto por um ou mais Subatos. Esses Subatos podem ser de dois tipos: atribuição (T) e referencial (R). O Subato Atributivo representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade, enquanto o Subato Referencial ocorre quando o falante evoca um referente.

De igual modo, o Conteúdo comunicado também constitui uma unidade pragmática relevante para a nossa pesquisa, já que a evidencialidade reportativa, um dos subtipos evidenciais que investigamos no gênero textual crônica, incide sobre ele.

Vejamos um exemplo de Conteúdo Comunicado na língua inglesa em (2), retirado de Hengeveld e Hattnher (2015, p. 484-489):

(2) Inglês (Hengeveld e Hattnher, 2015, p. 484-489)
I was told that Sheila will probably come.
(Foi-me dito que Sheila provavelmente virá.)

Para a GDF, o Conteúdo Comunicado contém tudo o que o Falante deseja comunicar ao Ouvinte, ou seja, a mensagem que o falante deseja transmitir. No exemplo (2), o falante deixa claro que o conteúdo comunicado “Sheila provavelmente virá” não foi originalmente produzido por ele. Mesmo não declarando quem é a fonte dessa informação, o falante deixa claro que ele não é essa fonte. No nosso *corpus*, essa camada se manifesta da seguinte forma:

(36) **Inventaram** de um tudo: que ela veio fugida de Tremembé por ser menor infratora, que sua mãe não deu conta do “fogo” e mandou pra cá pra se esconder na casa da avó, ou ainda que suas virtudes eram disfarce de uma boa bisca... (C6.OLP.36)

Na ocorrência (36), a construção marcada pelo verbo na 3ª pessoa do plural indica que a informação relatada não provém diretamente do falante, mas sim de terceiros. Essa marcação evidencial sugere que os eventos narrados são resultado de rumores ou boatos, sem que haja um compromisso do enunciador com a veracidade do que está sendo dito. Na crônica, essa estratégia pode ser utilizada para recontar a história sem perder a fluidez da narração.

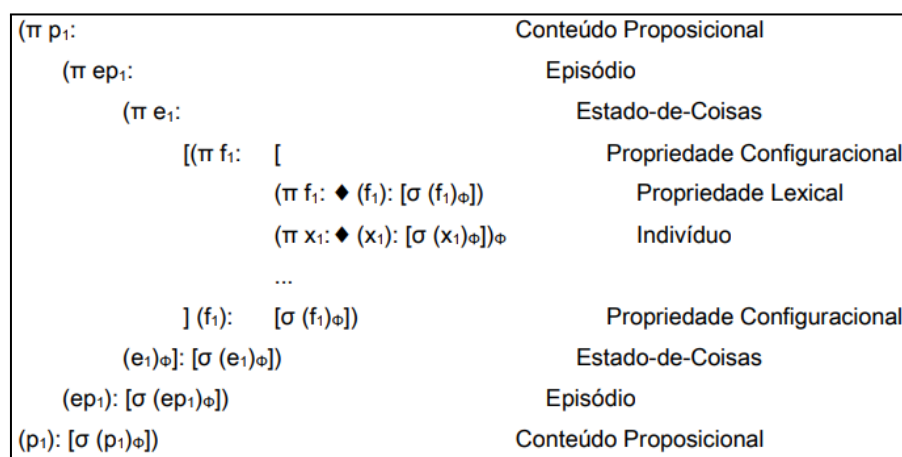
Na subseção seguinte, apresentamos as características do Nível Representacional.

2.1.3 Nível Representacional (NR)

O Nível Representacional (NR) faz referência à unidade linguística em seu caráter semântico. Nele, as camadas de análise apresentam uma hierarquização de acordo com as especificidades de cada língua. Este nível, por conter os aspectos semânticos do enunciado, ele se organiza em torno de categorias ontológicas como as que foram propostas por Lyons (1977), as quais podem ser analisadas por meio de diferentes parâmetros, como tempo, realidade, verdade, entre outros.

A organização proposta por Hengeveld e Mackenzie para este nível está disposta da seguinte forma:

Figura 5 - Organização do Nível Representacional (NR)



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 55)

Como podemos observar na Figura 5, a camada mais alta do Nível Representacional é a do Conteúdo Proposicional (p). Os conteúdos proposicionais, por serem construções mentais, não possuem uma existência temporal ou espacial e são avaliados em termos de sua veracidade. Conforme descrito por Hengeveld e Mackenzie (2008, p.144), "os conteúdos proposicionais podem ser factuais, quando se referem a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não-factuais, quando se relacionam a desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário".¹⁴ A compreensão desta unidade semântica torna-se relevante, uma vez que a evidencialidade inferida, a principal subcategoria evidencial que acreditamos encontrar na análise das crônicas da OLP, está alocada nesta camada. Vejamos o exemplo (3):

(3) Jenny acreditava que sua mãe a visitaria. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 144)¹⁵

A camada do Conteúdo Proposicional é demonstrada no exemplo acima. Em (3), a proposição destacada manifesta um exemplo de Evidencialidade Inferida introduzida por meio do verbo de cognição acreditar no pretérito imperfeito. Como base em uma evidência inferida, o falante elabora um construto mental acerca de que sua mãe lhe visitaria. A seguir, apresentamos um exemplo da evidencialidade inferida percebida em nosso *corpus*:

(05) **Fiquei imaginando** o quanto as pessoas mais velhas podem se sentir sozinhas no vazio de suas casas. (C1.OLP.05)

Na ocorrência (05), a construção com o verbo imaginar indica que a informação veiculada provém de uma inferência construída a partir das reflexões do falante. Esse tipo de evidencialidade nos permite dizer que o autor elabora suposições sobre o sentimento das pessoas mais velhas com base em indícios, experiências anteriores ou seu conhecimento sociocultural.

O episódio (ep), por sua vez, é a segunda camada mais alta na hierarquia do Nível Representacional. Ele denota um conjunto semanticamente coerente de situações, caracterizando-se pela unidade ou continuidade de tempo (t), lugar (l) e indivíduos (x). No entanto, é possível que um episódio contenha apenas um evento descrito. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), em várias línguas, essa unidade semântica é expressa no sistema gramatical, e um dos sinais de sua marcação gramatical pode ser sua localização em

¹⁴ No original: "Propositional contents may be factual, as when they are pieces of knowledge or reasonable belief about the actual world, or nonfactual, as when they are hopes or wishes with respect to an imaginary world".

¹⁵ No original: Jenny believed that her mother would visit her.

tempo absoluto. Para a análise das crônicas na identificação do fenômeno da evidencialidade em nossa pesquisa, essa camada é essencial, pois nela encontramos a marca evidencial da dedução.

Os estados de coisas (e) são eventos e condições que, por estarem situados no tempo e no espaço, são avaliados em termos de sua realidade. Conforme observado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p.166), “essas unidades são diferenciadas dos indivíduos, por um lado, e dos conteúdos proposicionais, por outro, devido à sua natureza temporal”.¹⁶ Para a nossa pesquisa, essa unidade semântica constitui-se característica primordial para a identificação da percepção de eventos, subtipo evidencial também analisado no nosso *corpus*.

Os exemplos, a seguir, demonstram esses usos:

(4) Luiza está acordada, **sei** pelo barulho do chuveiro ligado no outro banheiro. Tomara que a água quente dê para todo mundo. (Kapp-Barboza, 2017, p. 127)

(5) “Estava passando pela ponte e **vi** a mulher rolando no barranco e caindo de cabeça.” (Hattnher, 2018, p. 104)

Em (4), temos uma dedução, pois o falante ‘sabe’ aquela informação, por deduzir após ouvir “o barulho do chuveiro ligado no outro banheiro”, por meio de uma percepção sensorial, nesse caso, auditiva. Já, no exemplo (5), temos uma percepção de evento, o falante tem conhecimento daquela informação após ter percebido de forma direta, após ter visto “a mulher rolando no barranco e caindo de cabeça”.

As ocorrências (19) e (30) exemplificam, em nosso *corpus*, a atuação dessas duas camadas que manifestam a evidencialidade dedutiva e de percepção de eventos, respectivamente:

(19) “...mas ao observar com mais atenção, **percebi** que essas dançarinas não tinham todo aquele molejo.” (C3.OLP.19)

(30) Quando olhei para trás e **vi** o menino carregando as bugigangas e se sentando ao lado de Manoel de Barros eu tive certeza de uma coisa: eles eram amigos, e isso era o suficiente. (C4.OLP.30)

As Propriedades (f) são unidades semânticas que podem ser avaliadas exclusivamente em termos de sua aplicabilidade, não possuindo uma existência independente. Elas podem estar presentes nas representações semânticas de todas as unidades desse nível e serem

¹⁶ "These units are distinguished from individuals, on the one hand, and from propositional contents, on the other, due to their temporal nature."

atribuídas a entidades de primeira, segunda e terceira ordens. Além disso, existem dois tipos de Propriedades: Configuracionais e Lexicais. A Propriedade Configuracional (f1) corresponde ao conjunto de esquemas de predicação relevantes em uma língua, enquanto a Propriedade Lexical (f2) pode ser representada por classes de itens lexicais e partes do discurso. Por último, temos o Indivíduo (x1), que pode ser localizado no espaço e também em termos de sua existência.

A seguir, apresentamos o Nível Morfossintático.

2.1.4 Nível Morfossintático (NM)

No Nível Morfossintático (NM) ocorre o processo de codificação das operações de formulação realizadas nos Níveis Interpessoal e Representacional. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 282), “a tarefa do Nível Morfossintático é receber o input duplo do Nível Interpessoal e do Nível Representacional e mesclá-los em uma única representação estrutural que, por sua vez, vai ser convertida em um construto fonológico no nível seguinte”.¹⁷

Vejamos a representação deste nível sugerida por Hengeveld e Mackenzie:

Figura 6 - Organização do Nível Morfossintático (NM)

(Le ₁ :	Expressão Linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Palavra
(Xp ₁))	Frase
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão Linguística

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 59)

¹⁷ No original: “The task of the Morphosyntactic Level is to take the dual input from the Interpersonal Level and the Representational Level and to merge the two into a single structural representation which will in turn be converted into a phonological construct at the next level”.

No topo da hierarquia do Nível Morfossintático encontra-se a Expressão Linguística (Le), que é definida como "qualquer conjunto de pelo menos uma unidade que pode ser utilizada de forma independente" ¹⁸ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 308).

Em seguida, vem a camada da Oração (Cl), que é definida como "uma configuração sequenciada de Palavras (Xw), Sintagmas (Xp) e outras Orações (Cl) (subordinadas)" ¹⁹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 310). Essa camada é analisada com base em critérios específicos de cada língua, como a ordem dos constituintes na oração. Os autores destacam dois tipos principais de organização: i) Hierárquica e não configuracional, quando a posição dos elementos é opcional, e ii) Não hierárquica e argumental, quando a posição está ligada à valência do verbo, ou seja, quantidade de argumentos necessários.

Além disso, os autores propõem quatro posições absolutas em que os constituintes podem ocorrer: P^I (posição inicial), frequentemente usada para tópicos ou elementos destacados; P² (segunda posição), com expansões lineares; P^M (posição medial), menos saliente, reflete funções semânticas, como agente, paciente, locativo; P^F (posição final), geralmente marcada, usada para foco ou contraste.

A posição inicial (P^I) e a final (P^F) são mais salientes e refletem fatores pragmáticos (como tópico, foco e contraste) relacionados ao nível interpessoal. Já a posição medial (P^M) é menos saliente e está ligada ao nível representacional, marcando funções semânticas (como ativo, inativo ou locativo).

Pezatti e Fontes (2011) explicam que diversas situações podem influenciar essa variação na posição dos constituintes nas línguas, tais como, fatores interpessoais e representacionais. Assim, esses autores, com base na perspectiva da GDF, defendem que o PB é uma língua de predicado-medial, com três posições absolutas (P^I, P^M e P^F).

Nesse sentido, a posição dos constituintes é uma categoria de estudo relevante para nossa pesquisa, visto que ela se constitui como critério de análise do nosso trabalho com a análise dos itens evidenciais.

As ocorrências (47), (24) e (116) demonstram as posições inicial, medial e final encontradas em nosso *corpus*:

(47) **Notei** que na copa dessa árvore frutífera tinha um ninho de passarinho que com certeza deveria abrigar uma vida ali! (C8.OLP.47)

¹⁸ No original: "[...] any set of at least one unit that can be used independently."

¹⁹ "[...] consists of a sequenced configuration of Words (Xw), Phrases (Xp), and other (embedded) Clauses (Cl)."

(24) “...eu **vi** que o menino aguardava ao lado da estátua do Manoel de Barros.”
(C4.OLP.24)

(116) Meu pai voltara, **pensei**. (C22.OLP.116)

A próxima camada de acordo com a hierarquia do Nível Morfossintático é o Sintagma (Xp), que “potencialmente consiste em uma configuração sequenciada de Palavras (Xw), outros Sintagmas (Xp), e Orações subordinadas (Cl)”²⁰ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 376).

A camada mais baixa deste nível é a Palavra (Xw), que “consiste em uma configuração sequenciada de Morfemas (Xm), outras Palavras (Xw), Sintagmas (Xp), e Orações (Cl)”²¹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 400).

É importante destacar que, como o Nível Morfossintático pode refletir unidades dos Níveis Interpessoal e Representacional, as orações subordinadas, por exemplo, são classificadas, nesse nível, com base nas camadas interpessoais ou representacionais. Dessa forma, uma oração subordinada pode corresponder a Moves, Atos Discursivos ou Conteúdos Comunicados (no Nível Interpessoal), ou ainda a Conteúdos Proposicionais, Episódios ou Estado-de-Coisas (no Nível Representacional).

Por fim, apresentamos o Nível Fonológico.

2.1.5 Nível Fonológico (NF)

O nível Fonológico (NF) recebe o *imput* dos três níveis anteriores, realizando o processo de codificação dos aspectos não contemplados pelo NM e direcionando ao Componente de Saída. Nesse nível, a estrutura hierárquica é representada da seguinte forma:

²⁰ “[...] potentially consists of a sequenced configuration of Words (Xw), other Phrases (Xp), and embedded Clauses (Cl).”

²¹ “[...] consists of a sequenced configuration of Morphemes (Xm), other Words (Xw), Phrases (Xp), and Clauses (Cl).”

Figura 7 - Organização do Nível Fonológico (NF)

(π U ₁ : [Enunciado
(π IP ₁ : [Frase Entonacional
(π PP ₁ : [Frase Fonológica
(π PW ₁ : [Palavra Fonológica
(π F ₁ : [Pé
(π S ₁) ^N	Sílaba
] (F ₁))	Pé
] (PW ₁))	Palavra Fonológica
] (PP ₁))	Frase Fonológica
] (IP ₁)	Frase Entonacional
] (U ₁))	Enunciado

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 61)

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 429), “um Enunciado (U) consiste em uma ou mais Frases Entoacionais (IP), as quais são compostas por uma ou mais Frases Fonológicas (PP); cada frase fonológica contém uma ou mais Palavras Fonológicas (PW), e essas são compostas de um ou mais Pés (F), que, por sua vez, são feitos de, pelo menos, uma Sílabas(S)”.²²

Dado que a GDF aborda a evidencialidade considerando níveis e/ou camadas conforme as características pragmáticas (Nível Interpessoal), semânticas (Nível Representacional) e morfossintáticas (Nível Morfossintático) que o item ou a construção evidencial demonstra na língua em análise, neste trabalho, não iremos nos aprofundar na especificação das categorias do Nível Fonológico.

No próximo capítulo, abordamos o conceito de evidencialidade, explorando suas subcategorias à luz da perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Mostramos, a partir de várias pesquisas, como a evidencialidade se manifesta nas línguas naturais, sua categorização e as estratégias linguísticas utilizadas no português para indicar a fonte da informação.

²² No original: “An Utterance (U) consists of one or more intonational Phrases (IP), which themselves are composed of one or more Phonological Phrases (PP); each pp contains one or more PhonologicalWords (PW), and these are composed of one of more Feet (F), which in turn are made of at least one syllable (S)”.

3 A CATEGORIA DA EVIDENCIALIDADE

O estudo sobre a evidencialidade, em consenso geral entre os principais estudiosos da categoria, refere-se à forma como a fonte da informação é adquirida e transmitida. Nesse contexto, a definição que se tem sobre evidencialidade é a de que se trata de uma categoria semântica que focaliza a fonte da informação. Uma das definições mais reconhecida dessa categoria é a apresentada por Aikhenvald (2004), que analisou as marcas gramaticais da evidencialidade em mais de 500 línguas em vários países. Conforme a autora,

a evidencialidade é uma categoria linguística cujo significado primário é a fonte da informação. [...] ela trata do modo como a informação foi adquirida, sem necessariamente estar relacionada ao grau de certeza do falante com relação ao enunciado ou a seu estatuto enquanto verdadeiro ou não.²³ (Aikhenvald, 2004, p. 3)

De maneira mais particular, a evidencialidade indica “se o falante viu o evento acontecer; se não o viu, mas o ouviu (ou o sentiu pelo olfato); se o inferiu com base em evidências visuais, conjectura ou conhecimento geral; ou se lhe contaram sobre esse evento” (Aikhenvald, 2018, p. 1).²⁴ O exemplo 6, que mostraremos adiante, retirado de Barnes, mostra algumas dessas possibilidades. Vale ressaltar que a informação que consta entre parênteses são interpretações do significado das marcas evidenciais fornecidas pelo próprio autor dos materiais consultados.

(6) Tuyuca (Barnes, 1984, p. 257)

a. diiga ape-**wi**

“Ele jogou futebol (eu o vi jogar).”

b. diiga ape-**ti**

“Ele jogou futebol (ouvi o jogo e a ele, mas não vi nenhum dos dois).”

c. diiga ape-**yi**

“Ele jogou futebol (observei uma pista de que ele jogou: sua pegada inconfundível no campo de futebol. No entanto, não o vi jogando).”

d. diiga ape-**hiyi**

“Ele jogou futebol (é razoável supor que ele jogou).”

²³ “Evidentiality is a linguistic category whose primary meaning is source of information. [...] this covers the way in which the information was acquired, without necessarily relating to the degree of speaker’s certainty concerning the statement or whether it is true or not.”

²⁴ No original: [...] whether the speaker saw the event happen, didn’t see it but heard it (or smelt it), made an inference about it based on visual traces or reasoning or general knowledge, or was told about it.

e. diiga ape-**yigi**

“Ele jogou futebol (obteve a informação por meio de outra pessoa).”

A partir da interpretação fornecida por Barnes (1984), podemos observar a diferença de significado que cada evidencial imprime ao enunciado. Logo, em (6a), o falante utiliza **-wi** porque percebeu o evento descrito diretamente, por meio da visão. Em (6b), o evidencial **-ti** é empregado porque o evento foi percebido por um sentido diferente da visão. Já em (6c), o falante conclui que alguém jogou futebol com base em uma evidência observável, marcando essa conclusão com o evidencial **-yi**. Em (6d), o evidencial **-yih** indica uma conclusão baseada em conhecimento prévio. Finalmente, em (6e), o evidencial **-yigi** é usado quando o falante comunica informação relatada por terceiros, ou seja, quando contam ao falante que alguém jogou futebol. Esses dados da Tuyuka demonstram como o sistema evidencial dessa língua é marcada, de forma gramatical, utilizando diferentes meios de expressar como o conhecimento foi adquirido.

Contudo, é preciso reconhecer que a evidencialidade apresenta um histórico bem diversificado de teorias e classificações. Apresentamos, a seguir, um breve resumo sobre as principais classificações acerca das tipologias evidenciais.

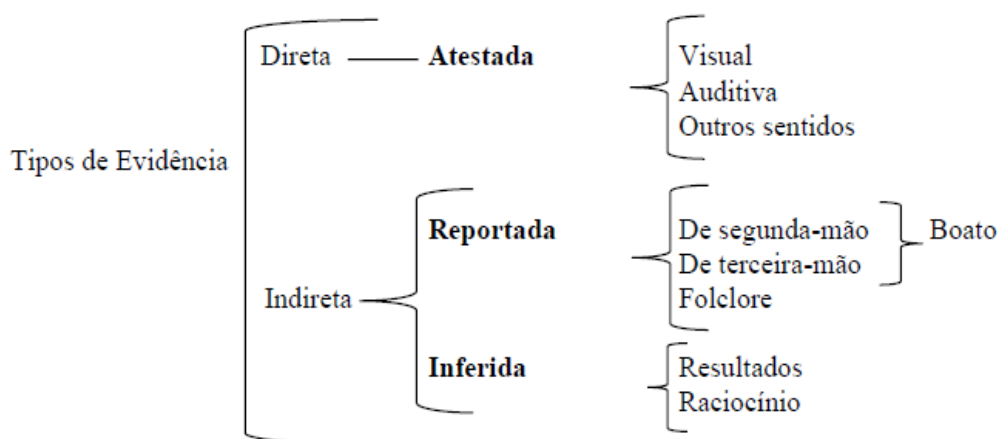
3.1 Estudos tipológicos da Evidencialidade

Diversas pesquisas foram conduzidas com o propósito de definir a evidencialidade como uma categoria linguística dentro do domínio gramatical. Estes estudos, de forma geral, buscam descrever e analisar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que influenciam a manifestação da "fonte da informação" nas línguas naturais. Entretanto, por empregarem critérios distintos, cada um apresenta suas particularidades. Diante disso, Silva (2013), em sua pesquisa de doutorado, apresenta, de forma abrangente, pelo menos três principais perspectivas teóricas para a delimitação e a classificação da evidencialidade com a qual concordamos. São elas: i) evidencialidade como uma categoria de expressão gramatical; ii) evidencialidade como categoria semântica, manifestada por expressões lexicais; iii) evidencialidade como categoria cognitivo-pragmática, indo além da sua codificação e abrangendo aspectos relacionados à interação e ao contexto comunicativo.

Em relação à primeira perspectiva teórica que busca delimitar e classificar a evidencialidade como uma categoria gramatical, o estudo conduzido por Willet (1988) foi um dos primeiros e mais influentes. Ao pesquisar as marcas evidenciais gramaticais em 38

línguas ameríndias, o autor descreve-a como uma categoria que indica a fonte da informação, identificando dois principais tipos de evidencialidade: a direta e a indireta. A evidencialidade direta, que é afirmada pelo próprio falante, pode ser categorizada em três subtipos: visual, auditiva ou proveniente de outros sentidos. Já a evidencialidade indireta pode ser classificada como relatada ou inferida. A relatada se origina de relatos em primeira ou segunda mão, bem como de narrativas mitológicas. Ao passo que a evidencialidade inferida pode surgir a partir de resultados perceptíveis pelos sentidos ou de raciocínios baseados em deduções. Na figura 8, sintetizamos a tipologia evidencial reconhecida por Willett:

Figura 8 - Tipos de evidencialidade segundo Willett (1988)



Fonte: Willett (1988, p. 57).

Nesta configuração, o autor distingue três subtipos principais de evidencialidade — atestada, reportada e inferida — cada um abrangendo sentidos mais específicos. Segundo Willett, há marcas gramaticais que indicam se a informação foi obtida por meio de visão, audição ou outro sentido. De forma similar, existem marcas para situações em que a informação foi relatada ao falante, diferenciando-se entre casos em que quem a relatou presenciou o fato (segunda-mão) ou não (terceira-mão). Também há evidenciais que sinalizam informações pertencentes à tradição oral de um povo, como o folclore. Por último, Willett distingue dois tipos de evidencialidade inferida: a inferência de resultados, em que o falante deduz algo com base em evidências observáveis, e a inferência de raciocínio, que se fundamenta em processos mentais, como intuição ou conhecimento prévio.

Aikhenvald é outra pesquisadora que defende essa perspectiva e se coloca como a principal defensora de uma interpretação estritamente gramatical do termo “evidencialidade”.

Para ela, a evidencialidade é um fenômeno de manifestação unicamente gramatical. Ou seja, a expressão da evidencialidade seria marcada por meio de itens gramaticais, como afixos, clíticos, partículas ou verbos auxiliares e não lexicais e que pode ser acessada de diferentes formas, tais como inferências, experiências, sejam elas visuais, auditivas ou olfativas, dentre outras possibilidades. A autora, em seus estudos, defende que a evidencialidade é uma categoria autônoma e que muitas línguas apresentam-na de forma marcada. Em outras palavras, se tais línguas não apresentarem as formas gramaticais correspondentes a essa categoria, as frases se tornariam agramaticais.

Tanto em seu trabalho inicial quanto em trabalhos mais recentes, Aikhenvald (2004; 2018; 2021) revela seis critérios diferentes nos quais a evidencialidade pode se manifestar:

- I. VISUAL: recobre informação adquirida por meio da visão;
- II. NÃO VISUAL SENSORIAL: recobre informação adquirida por meio da audição, além de tipicamente se estender ao olfato, ao paladar e, às vezes, também ao tato;
- III. INFERÊNCIA: baseada em evidência visível ou tangível, ou em algum resultado;
- IV. SUPosição: baseada em evidência que não resultados visíveis: pode incluir raciocínio lógico, suposição ou simplesmente conhecimento geral;
- V. BOATO: para informação relatada sem referência a quem a reportou;
- VI. CITAÇÃO: para informação relatada com uma referência explícita à fonte citada. (Aikhenvald, 2004, p. 63-64)²⁵

No que diz respeito à percepção sensorial, Aikhenvald (2004) adota uma abordagem distinta de Willett (1988), propondo um padrão específico apenas para a visão, enquanto agrupa todos os outros sentidos sob a categoria geral de “sensoriais não visuais”. Quanto à informação relatada, Aikhenvald (2004) apresenta uma distinção importante: a existência ou não de referência explícita à fonte do relato, algo ausente na classificação de Willett (1988). Apesar dessas diferenças, ambas as classificações compartilham semelhanças, como o reconhecimento de que os padrões mencionados podem ser marcados individualmente ou agrupados em um único evidencial, dependendo das características de cada língua.

É importante ressaltar que, embora o foco dos estudos de Aikhenvald esteja na marcação da evidencialidade por meio das expressões gramaticais, ela reconhece que, em algumas línguas, a exemplo do inglês, pode ocorrer por meio da expressão lexical, o que ela chama de “estratégias evidenciais”. A autora explica que

²⁵ No original: I. VISUAL: covers information acquired through seeing. / II. NON-VISUAL SENSORY: covers information acquired through hearing, and is typically extended to smell and taste, and sometimes also to touch. / III. INFERENCE: based on visible or tangible evidence, or result. / IV. ASSUMPTION: based on evidence other than visible results: this may include logical reasoning, assumption, or simply general knowledge. / V. HEARSAY: for reported information with no reference to those it was reported by. / VI. QUOTATIVE: for reported information with an overt reference to the quoted source.

“estratégias evidenciais são categorias e formas que adquirem sentidos secundários de alguma forma relacionados com a fonte da informação [...] elas são diferentes dos evidenciais propriamente ditos, cujo primeiro – e não raramente o único – sentido é a fonte da informação.” (Aikhenvald, 2004, p. 105)²⁶

A segunda perspectiva que os autores defendem acerca do estudo da Evidencialidade é a de que ela é compreendida como uma categoria semântica de expressão lexical. Sob esse viés, a categoria evidencial é vista como um domínio semântico de expressão lexical. Baseados nessa perspectiva, trabalhos, como os de Casseb-Galvão (2001), Gonçalves (2003) e Vendrame (2010), analisam a categoria da evidencialidade como uma categoria semântica sob uma abordagem funcionalista.

Partindo desse princípio, conforme apontado por Casseb-Galvão (2001), a evidencialidade pode ser compreendida como uma noção fundamental presente nas línguas naturais, ou seja, um domínio semântico universal, já que todas as línguas possuem meios de especificar a origem da informação. A autora reestrutura o modelo delineado por Willet (1988) e propõe a consideração de três categorias de evidência: direta, menos direta e indireta. A evidência direta é aquela em que o falante se posiciona como a fonte da informação transmitida, obtendo-a diretamente da situação. Na evidência indireta, o falante indica que não é a fonte da informação, mas a adquiriu por meio de relatos. Quanto à evidência menos direta, demonstra que o conhecimento resulta de uma inferência contextual feita pelo falante.

Já Gonçalves (2003) analisa, semanticamente, cinco contextos de uso do verbo ‘parecer’ no Português Brasileiro. Levanta a hipótese de que esses diferentes usos podem ser interpretados como um caso de gramaticalização em que o verbo deixa de ser usado em sua função referencial da linguagem e passa a ser utilizado como uma expressão das atitudes subjetivas do falante. A partir dessa mudança de estatuto categorial do verbo, emergem duas categorias semântico-pragmáticas relacionadas a ele: a modalidade epistêmica e a evidencialidade. O estudo feito por Gonçalves permitiu dizer que, pelo fato do PB não possuir um sistema evidencial gramaticalizado, a gramaticalização da evidencialidade ainda está em processo. Foi possível dizer também que provavelmente só a evidencialidade indireta poderá ser gramaticalizada e a evidencialidade direta seja uma forma não marcada. Assim, na evidencialidade em desenvolvimento no PB, o verbo ‘parecer’ pode desenvolver um valor puramente evidencial.

²⁶ No original: “Evidential strategies are categories and forms that acquire secondary meanings somehow related to the source of information [...] they are different from evidentials themselves, whose first – and not rarely the only – meaning is the source of information.”

Por fim, Vendrame(2010), em sua pesquisa, considera que a evidencialidade pode ser expressa lexicalmente por meio de verbos de percepção em Língua Portuguesa. Além disso, busca analisar em que contextos sintático-semânticos estes verbos podem ter valor evidencial. A autora concluiu que os verbos ver, ouvir e sentir são formas muito utilizadas para expressar a evidencialidade e que a diversidade de tipos evidenciais que eles representam depende da variedade de recursos linguísticos que os falantes do português disponibilizam para transmitir as informações.

A terceira abordagem considera que a evidencialidade é uma categoria que está sob um parâmetro cognitivo-pragmático, sem limitar sua expressão a aspectos gramaticais ou lexicais. Isso implica dizer que a evidencialidade pode, pragmaticamente, expressar o envolvimento e o grau de comprometimento do falante com o conteúdo comunicado, pois o uso das marcas evidenciais está condicionado ao contexto e a forma como o falante deseja modelar o seu discurso para atingir o seu propósito comunicativo.

Sobre essa questão, Silva (2013, p. 56) explica a Evidencialidade como “(...) um domínio conceptual-funcional que pode manifestar-se nas línguas naturais por meio de itens lexicais, gramaticais ou em processo de gramaticalização”. Ao definir a categoria quanto à funcionalidade, a autora ressalta que “(...) a evidencialidade indica a fonte da informação, manifestando o modo como essa informação foi adquirida.”

Seguindo o paradigma apresentado, Timóteo (2011) estuda as manifestações evidenciais e modais epistêmicas que indicam (des)comprometimento do autor de artigos científicos em relação aos conteúdos anunciados, o qual revela, de fato, uma importante estratégia na construção da argumentação em textos científicos, uma vez que elas podem convencer o leitor a aceitar como verdade as informações que lhes são apresentadas. Ao analisar 9 artigos científicos, ela verificou que o uso da evidencialidade reportada nesse tipo de gênero textual é o mais recorrente, pois lhe confere uma alta confiabilidade, característica imprescindível para o texto acadêmico.

Estudos recentes reforçam o caráter cognitivo-pragmático da evidencialidade. Verhees (2019), em seu artigo ‘Defining evidentiality’, discute como essa categoria é definida na pesquisa linguística contemporânea. A autora ressalta que a maioria dos estudiosos concorda que o estudo tanto de expressões gramaticais quanto não gramaticais (incluindo expressões lexicais e semi-gramaticais) contribui para o entendimento do fenômeno em questão.

Nessa perspectiva, novas abordagens sobre a temática da evidencialidade surgem para agregar valor a conceitos já consolidados. Há vários estudos, por exemplo, que analisam “os evidenciais como elementos dêiticos porque designam uma relação entre um evento narrado e

um evento de fala sob a perspectiva de um centro dêitico” (Verhees, 2019, p. 23).²⁷ Ou seja, especificam uma fonte de informação a partir da perspectiva de um participante de um evento de fala (geralmente o falante). Assim, eles são determinados pelo contexto em que são usados, de maneira semelhante à marcação de tempo verbal ou pronomes pessoais. Conforme Verhees, (2019, p. 14), “uma vantagem dessa abordagem é que ela captura a função comunicativa dos evidenciais além de seu conteúdo semântico”²⁸. Em outras palavras, ela considera que um aspecto favorável das abordagens dêiticas é levar em conta o evento de fala como ponto de referência que pode influenciar o uso dos evidenciais.

De maneira semelhante acontece quando levamos em consideração a evidencialidade associada ao discurso: as escolhas desses elementos são norteadas pelos aspectos pragmáticos da língua, logo “os evidenciais usados na interação são influenciados pelo gênero do discurso e pela forma como os falantes querem se afirmar com base no que imaginam ser as expectativas do interlocutor” (Verhees, 2019, p. 23).²⁹

Salientamos que, embora as três abordagens citadas tenham como ponto em comum o fato de reconhecerem a evidencialidade como uma categoria inerente a toda língua natural, cada uma delas oferece formas distintas de compreensão sobre como ela se manifesta na linguagem. Quando tratada como uma categoria gramatical, a marcação da fonte da informação é obrigatória, sendo incorporada diretamente na estrutura sintática por meio de afixos ou partículas. Nesse caso, o falante não pode omitir a evidência sem afetar a gramaticalidade da frase. Já sob a perspectiva semântica, a evidencialidade é percebida a partir dos significados das palavras e expressões utilizadas no enunciado, sem uma obrigatoriedade de recurso gramatical próprio. O uso de expressões lexicais (verbos como "parecer", "dizer" ou advérbios como "provavelmente") exemplifica essa manifestação que desempenha um papel essencial na maneira como a informação é apresentada.

No entanto, acreditamos que considerar apenas a estrutura da língua ou o significado das palavras não é suficiente para explicar a complexidade da expressão da evidencialidade. A opção de marcar ou não a origem da informação pode depender de vários fatores contextuais, da intenção comunicativa e da interação entre os interlocutores. Nessa perspectiva, a evidencialidade também deve ser analisada como um aspecto pragmático-cognitivo, no qual o

²⁷ No original: From a variety of theoretical frameworks, evidentials are construed as deictic or indexical elements designating a relation between a narrated event and a speech event from the perspective of a deictic centre.

²⁸ No original: An advantage of deictic or deictic-like approaches is that they capture the communicative function of evidentials beyond their semantic content.

²⁹ No original: Evidentials used in interaction are influenced by the genre of discourse, and by the way in which speakers want to assert themselves based on what they imagine to be the expectations of the addressee.

falante pode recorrer a estratégias discursivas para enfatizar sua posição em relação à informação, distanciar-se de uma afirmação ou criar efeitos de ironia e persuasão. Dessa forma, a marcação evidencial não ocorre apenas por meio de elementos lexicais ou gramaticais, mas também por meio de escolhas discursivas baseadas no contexto. Essa é a principal distinção da terceira perspectiva teórica sobre a evidencialidade.

Portanto, considerando o objetivo do nosso trabalho que é analisar como a evidencialidade se expressa nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Brasil, para a 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa, adotamos a terceira abordagem porque, assim como muitos autores que a defendem, acreditamos que a evidencialidade é uma categoria que está sob um parâmetro cognitivo-pragmático. Assim, percebemos que a manifestação das estratégias textuais-discursivas (marcas evidenciais) observadas nas crônicas são influenciadas pelos aspectos pragmáticos que envolvem a produção desse gênero narrativo.

Na próxima seção, apresentamos a categoria da evidencialidade baseada nos princípios da GDF.

3.2 A Evidencialidade na Gramática Discursivo-Funcional

A evidencialidade, inicialmente, para a GDF, constituiu-se como um dos domínios semânticos da categoria Modalidade - categoria que diz respeito à qualificação do enunciado com relação ao teor de verdade que é expresso pelas escolhas linguísticas realizadas pelo falante. Nesse contexto, durante anos, a Modalidade teve sobre seu escopo a evidencialidade como sendo uma de seus componentes. Em Hengeveld (1988), a evidencialidade era considerada um subtipo modal usado pelo falante quando ele intenciona mostrar, em seu discurso, uma espécie de distanciamento ou ‘descomprometimento’ com a fonte da informação transmitida. Em sua obra, o referido autor propôs que a evidencialidade como parte da modalidade epistemológica e estaria condicionada à modalidade epistêmica que faz referência ao comprometimento do falante com a verdade expressa no enunciado.

Ainda em trabalhos voltados para a classificação da Modalidade, Hengeveld (2004) resolve definir as subclassificações da modalidade em âmbito geral. Nesse estudo, o autor reclassifica a evidencialidade, retirando-a do posto de subtipo epistemológico – proposto por ele em estudo anterior – e apresentando-a como modalidade evidencial pertencente ao grupo de modalidade ali definidas: epistêmica, deôntica, facultativa, volitiva e evidencial. Assim, ainda que a evidencialidade tivesse sido classificada como um dos domínios semânticos da

modalidade, ela já apresentava sua própria subdivisão trazendo para os estudos posteriores algumas possibilidades de classificação evidencial, são elas: *reportatividade* - quando indica que o falante está transmitindo uma informação repassada de outra fonte; *inferência* - quando indica que o falante utiliza seus próprios conhecimentos para inferir a informação e *percepção do evento* - quando o falante usa recursos provindos do contexto em que está inserido para fundamentar suas evidências.

Em 2015, Hengeveld e Hattnher redefinem a modalidade evidencial e passam a considerá-la como categoria linguística de análise distinta da Modalidade, denominando-a de evidencialidade. Ao considerar a evidencialidade como uma categoria linguística independente, os autores estabelecem critérios mais precisos para sua análise, considerando os diferentes níveis em que atua. No nível Interpessoal (pragmático), a evidencialidade está diretamente relacionada à intenção comunicativa do falante e à interação discursiva. No Nível Representacional (semântico), o foco está no conteúdo da informação e na maneira como a fonte é explicitada dentro da estrutura linguística. Essa distinção representa um avanço na compreensão da forma como as línguas expressam a origem da informação.

A partir do estudo realizado em 64 línguas indígenas do Brasil e, nos materiais descritivos de 34 delas, os autores observaram que a evidencialidade trazia, além dos evidências já conhecidos, uma nova forma de expressão evidencial, a qual foi identificada por *dedução*, assim reconhecida por “indicar que a informação apresentada pelo falante é deduzida com base em evidência perceptual”³⁰ (Hengeveld; Hattnher, 2015, p. 486).

Com a evolução das pesquisas no âmbito da análise da evidencialidade, mais uma subcategoria é identificada e associada ao conjunto de subcategorias evidenciais. No trabalho realizado por Hengeveld e Fischer (2018), os autores apresentam a evidencialidade *citativa*. Diferentemente da reportada, que apenas indica que uma informação foi obtida de terceiros, nesse caso, o falante não reconta apenas a mensagem de um enunciado, mas reproduz por completo o ato de fala em que a informação foi dita. Essas implicações são importantes, pois reforçam o papel da evidencialidade na construção das falas e na forma como diferentes perspectivas são representadas no discurso.

Portanto, a partir do trabalho de Hengeveld e Hattnher (2015) e do acréscimo proposto por Hengeveld e Fischer (2018), reconhecemos, na perspectiva da GDF, cinco subtipos evidenciais apresentados no quadro-síntese a seguir:

³⁰ No original: “[...] indicate that the information the speaker presents is deduced on the basis of perceptual evidence.”

Quadro 1 - Evidencialidade na GDF

SUBCATEGORIAS	NÍVEL	CAMADAS	DEFINIÇÃO
Reportativa	Interpessoal	Conteúdo Comunicado (C)	Indica que o falante não está comunicando seu próprio conhecimento, mas está compartilhando a opinião de outras pessoas, de forma indireta.
Citativa	Interpessoal	Ato discursivo (A)	Indica que o conteúdo comunicado pelo está sendo reproduzido da mesma forma que ele o recebeu, deixando expressa a fonte da informação.
Percepção de Evento	Representacional	Estado de Coisas (e)	Indica se um evento foi ou não testemunhado pelo falante.
Dedução	Representacional	Episódio (ep)	Indica que a ocorrência de um evento é deduzida pelo falante com base em evidências disponíveis; o falante não é testemunha direta, porém consegue deduzir sua realização a partir da percepção de evidências resultantes.
Inferência	Representacional	Conteúdo Proposicional (p)	Indica que o falante infere o Conteúdo Proposicional com base em seu conhecimento anterior.

Fonte: Elaboração nossa, baseado em Bernardo (2023).

Como já mencionamos anteriormente, atualmente, cinco subtipos de evidencialidade são reconhecidos, com o suporte teórico da GDF, distinguindo-se com base na camada e no nível em que operam, conforme discutido por Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fischer (2018). A evidencialidade abrange fenômenos de naturezas distintas, tanto pragmáticas quanto semânticas, distribuídas entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional.

No Nível Interpessoal, a função da evidencialidade é assinalar uma informação como originária de outra pessoa, e não do próprio falante, indicando assim a fonte da informação. Assim, o subtipo evidencial mais abrangente é a citação (Hengeveld; Fischer, 2018), que tem influência sobre a camada do Ato Discursivo neste Nível. A função deste subtipo evidencial é sinalizar que a informação presente em um enunciado foi proferida por outro falante, fielmente como foi apresentado. Miranda (2020) exemplifica esse uso:

(7) "O tumor encontra um jeito de resistir à quimioterapia, e nós estamos interessados em descobrir de que forma isso acontece", **diz** a Clarissa Ribeiro Reily Rocha, doutora pela USP e pesquisadora do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) (FSP – Equilíbrio e Saúde). (Miranda, 2020, p. 44)

No exemplo acima, a evidencialidade citativa ocorre por meio do discurso direto, ou seja, usada em contexto de citação literal, podendo combinar-se com diferentes ilocuções. Percebemos a reprodução fidedigna do Ato Discursivo proferido pela falante original, no caso, Clarissa Ribeiro.

O segundo subtipo evidencial mais elevado na hierarquia é a Reportatividade. Hengeveld e Hattner (2015) afirmam que, nele, "a fonte da informação comunicada pelo falante é indicada por outro falante".³¹ (Hengeveld e Hattner, 2015, p. 484). A reportatividade, semelhante à citação, também denota uma informação como retransmitida, porém é narrada com as próprias palavras do falante. Além disso, este subtipo abrange Conteúdos Comunicados ou Subatos, podendo indicar toda a informação semântica apresentada em um enunciado de outro falante ou apenas parte dessa informação. Para explicar, vejamos o exemplo de Bernardo (2023):

(8) "... **Para** o filósofo, sem a cultura e a sabedoria, nada separa a espécie humana do restante dos animais." (ENEM2019AFS(6)). (Bernardo, 2023, p. 101)

No exemplo (8), temos um Conteúdo Comunicado produzido por uma determinada fonte (estudos), sendo retransmitido pelo falante, o que caracteriza a subcategoria reportatividade da Evidencialidade introduzida pela unidade lexical *para*.

No Nível Representacional, os dois subtipos evidenciais encontrados, a inferência e a dedução, estão associados ao modo de obtenção da informação, pois eles indicam o próprio falante como fonte, variando na maneira como essa informação foi adquirida.

³¹ No original: "[...] indicate that the source of the information that the speaker is passing on is another speaker."

De acordo com Hengeveld e Hattnher (2015, p. 485), a inferência é empregada pelo falante "para indicar que infere certa porção de informação com base em seu próprio conhecimento existente".³² Esta é a manifestação linguística de que a informação transmitida em um enunciado é resultado de um processo mental baseado no conhecimento prévio do falante sobre o mundo. Vejamos o exemplo dado por Carioca (2009) para demonstrá-la:

(9) Apesar da aproximação do período de oficialização de candidaturas para as eleições deste ano, o grupo governista no Ceará ainda **parece** estar longe de uma definição (p. 1). (A22.DN.101) (Carioca, 2009, p. 78)

No exemplo (9), por meio da utilização do verbo *parecer*, percebemos que a informação dita é uma inferência baseada em um padrão de comportamento conhecido do grupo a qual a sentença se refere, ou seja, o falante infere certa informação a partir do conhecimento que tem sobre como ocorre o processo de escolha das candidaturas.

Nesse sentido, de acordo com os autores, a inferência abrange a camada do Conteúdo Propositional devido ao tipo de evidência utilizada para esse raciocínio, que é um conhecimento, conforme explicitado a seguir:

Empregamos esse termo ["inferência"] exclusivamente para expressões evidenciais usadas pelo falante a fim de indicar que ele infere certa porção de informação tendo como base seu próprio conhecimento existente. Nesse sentido, um enunciado caracterizado por um operador inferencial se constrói sobre esse conhecimento existente armazenado, em vez de reagir a estímulos perceptuais. (Hengeveld; Hattnher, 2015, p. 485)³³

A dedução, por sua vez, segundo Hengeveld e Hattnher (2015, p. 486), refere-se a "distinções evidenciais que são utilizadas para indicar que a informação apresentada pelo falante é deduzida com base em evidências perceptuais".³⁴ Semelhante à inferência, constitui-se também como uma marca linguística, indicando que a informação contida em um enunciado é resultado de um raciocínio mental, mas difere desta última pelo tipo de evidência utilizada para a conjectura. Ademais, de acordo com Hengeveld e Hattnher (2015), a dedução abrange a camada do Episódio porque envolve pelo menos dois eventos relacionados: a

³² No original: "[...] to indicate that he infers a certain piece of information on the basis of his/her own existing knowledge."

³³ No original: "We use this term exclusively for evidential expressions that the speaker uses to indicate that he infers a certain piece of information on the basis of his/her own existing knowledge. An utterance characterized by an inferential operator thus elaborates on that existing and stored knowledge rather than reacts to external perceptual stimuli."

³⁴ No original: "[...] evidential distinctions that are used to indicate that the information the speaker presents is deduced on the basis of perceptual evidence."

percepção das evidências e o evento deduzido. O exemplo (10), a seguir, retirado de Dall’Aglio-Hattner (2018), demonstra um conhecimento deduzido baseado em evidências disponíveis para o falante:

(10) Estive olhando as fotos da Camila e **percebi** que ela varia os filtros de acordo com a cor da foto. (Dall’aglio-Hattner, 2018, p. 102).

Em (10), temos um exemplo de uma informação deduzida, introduzida pelo verbo *perceber*. O conhecimento é construído mentalmente a partir da capacidade perceptual do falante com base em evidências disponíveis nas fotos de Camila.

O último subtipo evidencial do Nível Representacional é a percepção de evento, definida por Hengeveld e Hattner (2015, p. 487) como indicadores através dos quais "o falante indica se presenciou ou não diretamente o evento descrito em seu enunciado".³⁵ Este subtipo é a expressão linguística da experiência direta de um único Estado de Coisas através de um dos cinco sentidos e, portanto, abrange a camada do Estado de Coisas. Observemos esse subtipo evidencial, retirado de Silva e Silva (2022), no exemplo a seguir:

(11) “Fui à janela para ver se sabia o que se passava, mas apenas **vi** o filho do senhor a fechar o portão.” (Silva; Silva, 2022)

Em (11), podemos observar a ocorrência de um Estado de Coisas sendo atestada pelo falante por meio da percepção sensorial da visão, expressa pelo verbo “ver”, o que qualifica a manifestação da Evidencialidade através do subtipo Percepção de Evento.

Em suma, na abordagem da Gramática Discursivo-Funcional (2008), a evidencialidade é delineada como uma categoria linguística conceptual e funcional, que está relacionada à indicação da fonte e do modo de obtenção da informação. Para a GDF, não interessa uma distinção rígida entre a expressão evidencial em itens lexicais ou gramaticais, mas foca em sua funcionalidade. Isso quer dizer que as significações que os elementos evidenciais podem assumir no uso linguístico são mais relevantes para essa teoria. Nesse sentido, considerando a organização top-down da GDF, os elementos evidenciais podem operar em diferentes camadas e níveis da estrutura linguística.

Essa proposta tipológica da GDF para o estudo da evidencialidade revela-se adequada para os objetivos deste trabalho, uma vez que nos possibilita a análise de itens lexicais e

³⁵ “[...] the speaker indicates whether or not he witnessed the event described in his utterance directly.”

gramaticais no nosso *corpus*, abrangendo os significados evidenciais mais comuns na língua portuguesa.

Além disso, é possível distingui-los com base em sua função (interpessoal ou representacional), pois as expressões linguísticas são examinadas em função das decisões comunicativas tomadas pelo falante na construção das crônicas.

Desta forma, a evidencialidade pode ser analisada não apenas como um domínio que identifica a fonte da informação ou o modo como ela foi adquirida, mas também como um fenômeno relacionado aos graus de comprometimento do falante com o conteúdo enunciado, mostrando-se, assim, um domínio verdadeiramente multifuncional. Em outras palavras, a evidencialidade não se restringe a um único nível da estrutura linguística ou a uma única função comunicativa. Isso significa que ela se expressa de forma variável entre as línguas e desempenha funções que vão da estruturação sintática à construção do significado no discurso, adaptando-se às exigências estruturais da língua e às necessidades comunicativas do falante.

No capítulo seguinte, tratamos sobre o gênero textual crônica, discutindo suas características, estrutura e função comunicativa. Além disso, apresentamos a Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), contextualizando sua proposta pedagógica e justificando a escolha desse material para análise.

4 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NA OLIMPIÁDA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo.

Davi Arrigucci Jr.

Ao delimitarmos como nosso *corpus* o gênero textual crônica dentro do universo da OLP, consideramos que suas características facilitam a manifestação da evidencialidade. Eis porque o autor, ao narrar fato de forma leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, por vezes, tido como banal, utilizando estratégias evidenciais, convida ao leitor a fazer uma reflexão sobre assuntos do cotidiano que costumam passar despercebidos. A crônica tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes.

Nesse sentido, a forma como a evidencialidade se manifesta na crônica está diretamente relacionada ao seu caráter subjetivo, reflexivo e envolvente. Esse gênero textual, por se construir a partir da observação do cotidiano, com a exploração de pequenos eventos, o cronista precisa equilibrar entre apresentar fatos e imprimir sua interpretação pessoal, e é nesse cenário que a evidencialidade se torna um recurso fundamental. A forma como o autor escolhe marcar ou omitir a origem da informação influencia o tom do texto e o efeito pretendido sobre o leitor.

Nas seções seguintes, apresentamos o estudo dos gêneros baseado em alguns autores, aprofundaremos a discussão sobre a crônica e suas principais características e, em seguida, apresentamos a OLP e como ela se configura como uma política de incentivo à leitura e à escrita na educação básica do nosso país bem como o trabalho desenvolvido com o gênero crônica dentro desse concurso.

4.1 O estudo dos gêneros

Antes de iniciarmos a discussão, esclarecemos que trataremos como sinônimos as denominações gênero textual e gênero discursivo, pois compreendemos que as especificidades ou a utilização de um termo ou o de outro depende das concepções teóricas de cada autor. Portanto, a denominação a qual utilizaremos não interfere na análise que realizamos neste

estudo. Marcuschi (2008) diz que texto e discurso possuem função complementar da atividade enunciativa. E ainda acrescenta:

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula (Marcuschi, 2008, p. 84).

Nesse sentido, percebemos a abordagem do autor que concebe o gênero com seus aspectos textuais e discursivos, optando pelo uso do termo gênero textual sem diferenciá-lo do termo gênero discursivo e assim também o faremos.

Os gêneros textuais são frequentemente estudados por pesquisadores que têm a preocupação de conceituá-lo como uma prática que privilegie tanto a interação verbal quanto às diversas situações de interlocução. Porém, conforme Marcuschi (2008, p. 147) orienta, "o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se com Platão". Essa afirmação nos permite observar que o tema apresenta vários enfoques teóricos ainda hoje.

Dessa forma, os gêneros textuais, ao longo do tempo, têm recebido muitas definições. Por exemplo, na Antiguidade clássica, os gêneros eram conceituados conforme os elementos que apresentavam: forma (prosa ou verso), composição (expositiva, representativa ou mista) e conteúdo (subjetivo ou objetivo). Definiu-se, então, três gêneros, o lírico, o épico e o dramático. Já na Idade Média, a diferenciação se dava por meio da teoria dos três estilos: elevado, médio e humilde, o qual considerava o aspecto literário e o aspecto social, fator importante na obra para poder defini-la. Ao voltarmos nosso olhar para o século XVIII, o modelo clássico que era referência entra em decadência e, a partir do século XIX, o estudo dos gêneros passa assumir novas e importantes concepções com o surgimento da linguística.

Marcuschi (2002) traz uma definição de gêneros, numa visão mais ampla sobre o que se entende por gênero textual:

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia (sic). São entidades sócio-discursivas (sic) e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (Marcuschi, 2002, p. 19).

Ainda segundo Marcuschi (2011, p. 19), os gêneros “devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

De acordo com Adam (1999, apud Marcuschi, 2008, p. 83), inspirado nas concepções bakhtiniana de gênero e enunciado, o gênero textual pode ser compreendido como “a diversidade socioculturalmente regulada das práticas discursivas humanas”.

Bronckart (2003, p. 72) afirma que “os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos.” Essa conexão promove a produção de textos de diferentes tipos, considerando a diversidade de situações comunicativas; ao mesmo tempo, as esferas sociais favorecem a criação de tipos textuais semelhantes, que, juntos, formam os gêneros.

Assumimos para este trabalho, as perspectivas bakhtiniana, pois quando se trata do estudo dos gêneros do discurso, Bakhtin é considerado um dos pensadores mais influentes. Em suas pesquisas, ele elaborou a teoria dos gêneros, que teve um forte impacto no pensamento ocidental. Esta teoria estava associada a uma concepção de linguagem que alterava o paradigma estruturalista e incorporava a visão de um sujeito sócio-histórico, ativo e crítico de sua condição, acreditando que a linguagem era um poderoso instrumento de mudança social.

Seguindo a perspectiva teórica de Bakhtin, Dolz & Schneuwly (2004) consideram que todo gênero se define por três dimensões essenciais:

- 1) Os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis através dele;
- 2) A estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero;
- 3) As configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. (Dolz & Schneuwly, 2004, p. 52)

Bakhtin expõe que a compreensão dos gêneros discursivos faz parte integrante do nosso domínio da língua materna e que toda a nossa comunicação verbal está intrinsecamente ligada a esses gêneros. Portanto, “as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas” (Bakhtin, 2003, p. 283)

Para Bakhtin(2003), os gêneros discursivos, como, por exemplo, as crônicas, são formas específicas de uso da língua, ou seja, parte da necessidade de cada atividade humana que utiliza recursos linguísticos para construir enunciados com o formato que eles adquiriram com o uso concreto da língua. Portanto, os gêneros são elaborados e determinados pelas esferas sociais. “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos” (Bakhtin, 2003, p. 66).

Nessa perspectiva, Bakhtin classifica-os a partir de sua finalidade discursiva como primários e secundários. Os primários referem-se a situações comunicativas relacionadas ao cotidiano, com construções espontâneas, não elaboradas e informais, tais como bilhetes, cartas, diálogos e muitos outros. Já os gêneros secundários ocorrem, geralmente, por meio da escrita, em situações comunicativas mais complexas e elaboradas. Como exemplo deles, podemos citar o romance, o teatro, a crônica, dentre outros. Vale ressaltar que, embora sejam compostos por fenômenos da mesma natureza, no caso, os enunciados verbais, esses gêneros se diferenciam pelo nível de complexidade em que se apresentam.

Para realizar a classificação citada anteriormente, Bakhtin considera alguns aspectos fundamentais: o primeiro refere-se ao conteúdo temático, ou seja, ao assunto abordado pelo autor, o segundo está ligado ao plano composicional ou à estrutura formal do gênero e, por fim, o estilo, aspecto que leva em conta a forma individual de escrever, o vocabulário, a composição frasal e gramatical que compõem o gênero.

Dessa forma, sob a perspectiva bakhtiniana, os gêneros são compreendidos como práticas sócio-comunicativas historicamente construídas, que são influenciadas por fenômenos sociais e dependentes da situação comunicativa em que ocorrem. Isso implica que, na interação, seja ela oral ou escrita, recorreremos sempre a um gênero discursivo. Embora este esteja intrinsecamente relacionado à situação específica, reflete as necessidades dos participantes, seja a intenção do falante, seja a vontade do enunciatador. Assim, o gênero é determinado pela esfera discursiva e permeia toda atividade comunicativa humana, representando as formas de expressão e interação em cada contexto. Conforme Bakhtin (2003, p. 268), os gêneros “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”.

Nesse sentido, a crônica por ser um gênero que apresenta tais características, configura-se, nesta pesquisa, como uma importante ferramenta para analisarmos a evidencialidade, uma vez que emerge como um gênero multifacetado que reflete as

complexidades do cotidiano por meio de uma linguagem acessível, um olhar subjetivo e uma interação direta com o leitor.

Ao utilizar marcadores evidenciais, como de percepção de eventos, por exemplo, o cronista busca transmitir uma sensação de proximidade com o acontecimento narrado. Essa marcação pode fortalecer o efeito de realismo da crônica e aproximar o leitor, que pode ter a impressão de estar compartilhando uma experiência autêntica do autor. Portanto, a escolha desses marcadores também pode ser uma estratégia discursiva para sugerir familiaridade com os eventos descritos.

Na próxima seção, promovemos uma discussão mais aprofundada sobre o gênero textual em análise.

4.1.1 Caracterização do gênero crônica

Existem muitos conceitos que definem a crônica com base na raiz etimológica "cronos", que se refere a eventos organizados em sequência temporal. Nessa perspectiva, a crônica é um gênero que tem acompanhado as evoluções da humanidade, tendo em vista sua ancestral origem que remonta à Idade Média.

No Brasil, ela manteve a mesma característica de relatar os fatos cronologicamente, principalmente, com a chegada dos portugueses. Porém, com o passar do tempo, a crônica foi adquirindo outras características na esfera jornalística, cujo principal objetivo é refletir sobre questões cotidianas de cunho social a partir da perspectiva individual [o cronista] que vai além de relatar fatos reais.

A crônica não foi inventada no Brasil, mas em poucos países esse gênero literário atingiu o grau de excelência que conquistou aqui, a ponto de transformar-se na principal porta de entrada da literatura para boa parte do público. [...] Na crônica, ao contrário, estamos diante de experiências do homem comum, expressas em linguagem ordinária e publicadas regularmente nas páginas da imprensa, ou seja, nesses catalisadores da vida pública que são os jornais e as revistas. Sua linguagem procura captar o lirismo contido na simplicidade [...] (Pinto, 2005, p. 7-8).

A influência da abordagem jornalística impregnou à crônica, um certo caráter efêmero e uma abordagem mais acessível, razão pela qual, para muitos críticos e teóricos, ela é considerada um gênero de menor prestígio. Partindo da observação direta de eventos cotidianos, o cronista descreve, comenta e informa o leitor, incorporando a concisão e a urgência típicas do jornalismo, ao mesmo tempo em que tece a magia e a poeticidade da literatura. Essa fusão peculiar entre os âmbitos jornalístico e literário conferiu à crônica características distintas conforme Simon (2011) explica: “há crônicas que são narrativas,

estruturalmente semelhantes ou idênticas a contos; há outras que são comentários, com ou sem teor lírico; e há, ainda, aquelas que mesclam esse procedimento” (Simon 2011, p. 24).

Partindo dessa relação com a esfera social, esse gênero discursivo estabelece-se nos campos jornalístico e literário, assumindo mais de uma identidade, refletindo a visão pessoal, íntima e subjetiva do cronista diante de qualquer evento, seja extraído das notícias do jornal ou do cotidiano. Trata-se de uma produção breve e ágil, comumente redigida para o jornal em dias específicos da semana ou em colunas diárias, utilizando uma linguagem informal, próxima e familiar ao leitor, cuja finalidade, segundo Abaurre (2012), é “analisar uma experiência particular para revelar seu significado mais geral com relação ao comportamento humano” (Abaurre; Abaurre, 2012, p. 39).

Frequentemente, a crônica explora o humor, porém ocasionalmente aborda questões sérias através de uma suposta conversa casual. Mas também, de forma despreziosa, aborda assuntos relevantes em tom de poesia, capazes de unir discurso e ideologia, sendo, portanto, considerado um gênero híbrido. Por possuir tal característica, o estilo da crônica é bem complexo, pois envolve a integração de enunciados (primários e secundários) e estilos de linguagem diferentes (literária e não literária).

Por outro lado, ao registrar os aspectos circunstanciais do nosso cotidiano mais simples e inserir toques de humor, sensibilidade, ironia, crítica e poesia, o cronista, com leveza e habilidade, proporciona ao leitor uma compreensão mais ampla, indo além do mero acontecimento; ele revela, de diferentes perspectivas, os sinais de vida que diariamente ignoramos. Para Candido (1992, p.20) "a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio de um ziguezague de uma aparente conversa fiada". Na realidade, o desfecho, embora conclusivo, nem sempre irá oferecer uma resolução completa do conflito, incentivando, assim, o leitor a usar a imaginação e formular suas próprias interpretações. Importa-nos dizer que, independente dos fatos serem do cotidiano e os personagens serem reais ou fictícios, serão sempre apresentados sob uma perspectiva subjetiva.

Por apresentar tais características, a crônica passou a integrar os currículos escolares, pois a leitura e produção desse gênero parece ser uma tarefa fácil, mas, na verdade, requerem dos alunos, maturidade e perspicácia para compreender seu caráter subjetivo. Assim como outros gêneros, a crônica é um construto histórico e social no uso da linguagem, e as escolhas sobre seu conteúdo temático, estilo e construção composicional são influenciadas pela dinâmica social. São razões pelas quais acreditamos que a crônica se configura como um dos gêneros selecionados para compor um concurso de nível nacional, a OLP.

Em relação à estrutura discursiva, existem gêneros que, mesmo atravessando as fronteiras do tempo, permanecem estáveis de acordo com o propósito geral para o qual foram concebidos. Todavia, alguns, para atender a objetivos mais específicos, podem sofrer alterações na sua sequência discursiva. Esse é o caso da crônica, que inicialmente se organizava predominantemente em torno de uma sequência temporal como mecanismo central. Atualmente, porém, é possível encontrar crônicas com diferentes sequências discursivas predominantes. Já não percebemos a crônica como sendo um gênero textual marcado somente pela sequência narrativa, que focaliza o fazer apreender, o desenrolar de um fato. Encontramos crônica de sequência dialogal, cuja tendência é o fazer interagir; ou descritiva, direcionada para o fazer ver; ou argumentativa, com o intuito de fazer crer; ou injuntiva, que mostra o fazer agir e, assim, dentre outras tantas possibilidades de classificações. Para nossa pesquisa, interessa-nos as crônicas cuja sequência predominante é a narrativa, pois buscamos compreender como a evidencialidade se expressa neste tipo de texto.

Levando em consideração as sequências textuais propostas por Adam (2008), a sequência narrativa estrutura-se nas seguintes macroproposições: i) Situação inicial, que pode ser facultativa, refere-se à parte da narrativa que apresenta o contexto, situando o leitor em relação às pessoas, ao lugar, ao tempo e à situação comportamental; ii) Complicação, constitui o corpo da narrativa, onde a trama se desenvolve. É a parte indispensável da narrativa; iii) Resolução, que diz respeito ao segmento que apresenta o desenlace dos acontecimentos; iv) (Re)ações ou avaliação, refere-se a momentos em que o narrador busca engajar o destinatário (ouvinte ou leitor), incentivando-o a valorizar os eventos narrados; v) Situação final, marca o encerramento da narrativa, indicando o seu término, e vi) Moral, trata-se de uma reflexão complementar ao fato narrado. Pode ser apresentada explicitamente, geralmente no final do texto, ou de forma implícita. Na crônica, essa ordem é normalmente fixa, obedecendo à linearidade temporal. Esses aspectos são relevantes porque acreditamos que a compreensão deles fortalece o reconhecimento desse gênero e das suas características que lhes são próprias, identificando, assim, com mais clareza, as marcas evidenciais utilizadas na produção de uma crônica.

Portanto, a flexibilidade estrutural da crônica também pode influenciar o modo como a evidencialidade está inserida no texto. Acreditamos que as marcas evidenciais surgem de forma mais fluida e são inseridas naturalmente na narrativa porque essa relação entre o que é afirmado diretamente e o que é apenas sugerido contribui para a construção de um texto mais dinâmico e interpretativo, em que a subjetividade do cronista se mistura com a percepção do leitor.

Assim, a evidencialidade na crônica não se limita a indicar de onde vem a informação, mas se integra à construção do tom, da ironia e da subjetividade do texto. Seja para reforçar a contribuição do relato, criar um efeito humorístico ou convidar à reflexão, a escolha de como marcar (ou não) a origem da informação faz parte do estilo do cronista e da maneira como ele estabelece um vínculo com seu leitor.

A seguir, faremos uma breve exposição sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa.

4.2 A Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP)

A OLP integra as ações que compõem o programa Escrevendo o Futuro. Criado em 2002 pelo Itaú Social, sob coordenação técnica do CENPEC- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, e em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o canal Futura, esse programa consiste em promover ações para a formação de professores de língua portuguesa bem como disponibilizar materiais com orientações pedagógicas com o intuito de promover a reflexão sobre as práticas educativas adotadas pelos docentes.

O principal objetivo da OLP é contribuir para que haja melhoria do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas públicas de todo o país. Em outras palavras, a referida olimpíada visa superar o fracasso escolar relacionado às dificuldades no ensino da leitura e da escrita na Educação Básica. Para isso, três pilares precisam ser organizados: a democratização dos usos da Língua Portuguesa, promovendo condições igualitárias para o desenvolvimento de todos os participantes; a ampliação das competências de leitura e escrita dos estudantes envolvidos; e a contribuição para a formação docente dos professores responsáveis pelo Ensino de Língua Portuguesa.

A partir de 2008, o programa transformou-se em política pública, por meio da parceria com o Ministério da Educação. Desde então, o concurso de redação que já acontecia para os alunos das 5º e 6º séries do Ensino Fundamental foi estendido para as demais séries dessa mesma etapa, além de contemplar também o Ensino Médio, passando a ser conhecido pela sua nova denominação: Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP).

Realizada a cada dois anos, a OLP, desde a sua implementação, já possui 7 edições. O concurso é amplamente divulgado pelas Secretarias de Educação de cada Estado e Município. As escolas são convidadas a participarem, considerando o regulamento criado para cada edição. É importante mencionar que já na 1ª edição, o concurso alcançou 6 milhões de alunos

e mais 202 mil professores inscritos. Para realizar as inscrições, os alunos devem estar matriculados regularmente e escolherem a categoria que se encaixa ao seu perfil. São 5 categorias, distribuídas de acordo com a série escolar, conforme exposto no quadro a seguir:

Quadro 2: Categorias da Olimpíada de Língua Portuguesa.

CATEGORIA	SÉRIES
POESIA	5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental
MEMÓRIAS LITERÁRIAS	7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental
CRÔNICAS	9ª série do Ensino Fundamental
DOCUMENTÁRIO	1ª e 2ª séries do Ensino Médio
ARTIGO DE OPINIÃO	3ª série do Ensino Médio

Fonte: A autora

Ressaltamos que a participação na OLP é voluntária, ficando a cargo dos próprios professores a inscrição de suas escolas e turmas. Os professores inscritos recebem material de apoio para orientar os alunos na produção de seus textos e contam com acesso, em um ambiente interativo, a fóruns de discussão, formações e oficinas. Esses recursos, disponibilizados por meio do Portal Escrevendo o Futuro, auxiliam no desenvolvimento de atividades que podem subsidiar o trabalho em sala de aula.

Primeiramente, a adesão deve partir das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação que realizam a divulgação da OLP e organizam as ações necessárias à sua realização. Ao longo do processo, as Secretarias de Educação recebem apoio e orientação dos organizadores para a execução das tarefas. Uma vez que as Secretarias confirmam a sua adesão, todas as escolas de sua rede podem realizar a inscrição de seus professores, cabendo a elas promover a divulgação das informações bem como incentivar à participação da comunidade escolar.

A OLP busca intercalar os momentos formativos com os de produção escrita. Os professores, por meio da utilização do material de apoio, desenvolvem oficinas que promovem uma reflexão sobre o tema daquela edição e orientam os alunos a desenvolvê-lo na prática da produção textual. Para a 6ª edição, a que nos interessa, pois dela que constituímos o nosso *corpus* da pesquisa, o tema foi “O lugar onde vivo”. Escolhemos essa edição porque acreditamos que a valorização dos espaços onde esses estudantes se desenvolvem enquanto

cidadãos facilitará o processo de escrita, pois, a partir da sua realidade, buscam ressignificar suas vivências, estreitando os vínculos com a comunidade em que vivem.

A metodologia de ensino utilizada pela OLP está baseada na abordagem da produção textual sob a perspectiva dos Gêneros Discursivos/Textuais, estruturada em Sequências Didáticas (SD). Uma SD é, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 82) “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Essas sequências abordam os conteúdos de Língua Portuguesa previstos nos currículos escolares, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades em leitura e escrita. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.83), “uma Sequência Didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Fica evidente, portanto, que a OLP não busca "talentos", como afirmam os organizadores, mas tem como objetivo único contribuir para a melhoria da escrita dos estudantes envolvidos.

Ao realizar a inscrição para participação da Olimpíada de Língua Portuguesa, as escolas têm acesso, por meio do Portal Escrevendo o Futuro, à coleção da Olimpíada: os Cadernos do Professor em PDF. Esse material apresenta uma SD que está organizada em oficinas para o ensino da escrita dos gêneros discursivos contemplados na OLP. Para cada gênero, há um caderno específico, cuja denominação é apresentada de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 3: O Caderno do Professor: Orientação para Produção de Textos

Gênero Textual/ Discursivo	Nomenclatura do Caderno
Poema	Poetas da escola
Memórias Literárias	Se bem me lembro...
Crônicas	A ocasião faz o escritor
Artigo de Opinião	Pontos de vista

Fonte: a autora

Como já mencionamos, as atividades propostas nos cadernos estão direcionadas para o desenvolvimento da competência comunicativa que envolvem leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, ortografia, pesquisas, produção, aprimoramento de textos dos alunos e reescrita. É um material planejado para apoiar o trabalho dos Professores de Língua Portuguesa em sala de aula durante o desenvolvimento de todas as etapas da OLP. Além disso, ele foi elaborado por pesquisadores, como o professor Joaquim Dolz, que buscam aprimorar propostas didáticas para o ensino de língua. Em suma, esse material visa fornecer as condições necessárias para que os objetivos da Olimpíada sejam concretizados, e, dessa forma, possa contribuir para a superação do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita na Educação Básica.

Para finalizarmos a apresentação deste importante concurso, de acordo com o Ministério da Educação, a 6ª edição da OLP contou com mais de 170 mil inscrições, considerando todas as categorias. Foram mais de 42 mil escolas, em quase 4.900 municípios espalhados por todo o Brasil, participando desse concurso. Para a etapa regional, foram selecionados 172 alunos finalistas e 20 professores para participarem do encontro de formação que aconteceu de forma presencial no Estado de São Paulo, e, desse encontro saíram os 28 finalistas que foram para a etapa nacional. Os quatro melhores textos de cada categoria textual (poema, memórias literárias, crônica, documentário e artigo de opinião) formam o time de vencedores da Olimpíada.

Em nossa pesquisa, analisamos a evidencialidade no gênero crônica, por isso, na próxima seção, apresentamos com mais detalhes o processo de escrita desses textos que chegaram à etapa final do concurso, justificando o porquê da escolha deles para compor o nosso *corpus*.

4.2.1 A crônica na OLP

A Olimpíada, conforme mencionam os organizadores, fortalece “o processo de (re)significação” das aprendizagens de alunos, professores e comunidade escolar com a palavra, proporcionando “efeitos (trans)formadores” na vida escolar dos nossos jovens e, portanto, uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos. Nesse sentido, a crônica se configura como um dos gêneros que propiciam essa reformulação.

Esse gênero, como já caracterizamos anteriormente, é reconhecido pela sua flexibilidade e por ser considerado um gênero híbrido, pautado nas reflexões dos

acontecimentos reais da vida, pois, “ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos” (Laginestra e Pereira, 2021, p. 29).

Em razão disso, o cronista desenvolve um olhar perspicaz sobre a realidade que o cerca escolhendo, detalhadamente, suas palavras, visto que, “sua linguagem é simples, espontânea, quase uma conversa ao pé do ouvido com o leitor. Tempera os fatos diários com humor, ironia ou emoção, revelando peculiaridades que as pessoas, em sua correria, deixam de perceber” (Laginestra e Pereira, 2021, p.37),

Para conhecermos como este gênero é trabalhado nas escolas durante a preparação para a OLP, apresentamos o Caderno Docentes que orienta o trabalho do professor em sala de aula. Como nos interessa o gênero crônica, iremos nos deter a apresentação dele.

O caderno desenvolvido para o gênero crônica, intitulado como ‘A ocasião faz o escritor’, está dividido em 11 oficinas que devem ser aplicadas nas aulas de língua portuguesa durante a fase escolar, ao longo da preparação dos estudantes para as próximas fases. Essas oficinas visam desenvolver as habilidades e competência relacionadas à leitura e à escrita daquele referido gênero. Elas englobam atividades desde a análise de textos publicados até o aprimoramento das produções escritas. Podemos destacar como principais atividades, de acordo com Oliveira (2015):

- a) Observação de situações cotidianas do lugar onde os estudantes moram;
- b) Uso adequado de marcadores de tempo e espaço para caracterização da situação tratada;
- c) Uso adequado de articuladores textuais;
- d) Emprego de recursos de linguagem em função do tom da crônica escolhido pelo autor;
- e) Leituras das crônicas e reconhecimento de cronistas brasileiros.

(Oliveira, 2015, p. 132.)

É necessário, então, que antes do envio da versão final da crônica para as etapas seguintes, o professor realize todas as atividades de preparação proposta pelo material de apoio, no caso, as oficinas do Caderno do professor, conforme expostas no quadro a seguir:

Quadro 4 - SD do gênero crônica no caderno: A ocasião faz o escritor
(Continua..)

Nº oficinas	Título	Objetivos
01	É hora de combinar	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentar a Olimpíada de Língua Portuguesa, motivando os(as) alunos(as) à participação; ➤ Estabelecer contato com o gênero crônica; ➤ Ler uma crônica de Tiago Germano.
02	Balaio de crônicas	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aproximar os alunos do gênero crônica. ➤ Possibilitar-lhes que identifiquem a diversidade de estilo e de linguagem entre autores de épocas diferentes. ➤ Distinguir o tom de lirismo, ironia, humor ou reflexão em diferentes crônicas. ➤ Favorecer a percepção de que tudo pode caber numa crônica – como em um grande balaio.
03	Primeiras linhas	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Produzir a primeira escrita de uma crônica. ➤ Encorajar os alunos a continuar aprendendo a escrever crônicas.
04	Histórias do cotidiano	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo autor. ➤ Empregar as figuras de linguagem. ➤ Ler uma crônica de Antonio Prata e outra de Vanessa Barbara.
05	Uma prosa bem afiada	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer mais a vida e a obra de Machado de Assis. ➤ Ouvir, ler e analisar uma crônica de Machado de Assis, identificando personagens, cenário, tempo, tom e recursos literários.
06	Trocando em miúdos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Refletir sobre a diferença entre notícia e crônica. ➤ Identificar os recursos de estilo e linguagem numa crônica de Moacyr Seliar.
07	Merece uma crônica	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Retomar as crônicas trabalhadas até o momento e analisar tema, situação escolhida, tom do texto e foco narrativo. ➤ Escolher fatos, situações ou notícias que serão

		<p>foco da crônica e obter informações sobre eles.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Escrever uma crônica como exercício preparatório à realização do produto final.
08	Olhos atentos no dia a dia	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apurar o olhar para o lugar onde se vive. ➤ Esclarecer dúvidas a respeito do foco narrativo e de como iniciar uma crônica. ➤ Apreender as semelhanças entre o ato de escolher um assunto para uma foto e a ação de escolher um tema para ser retratado em uma crônica.
09	Cronicar em parceria: inspiração e transpiração	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Produzir coletivamente uma crônica, inspirando-se na leitura, discussão e análise de uma crônica e escolhendo uma perspectiva própria para a escrita. ➤ Analisar a produção coletiva em relação às características do gênero crônica e aos efeitos de sentido pretendidos. ➤ Reescrever coletivamente o texto produzido para aperfeiçoá-lo.
10	Ofício de cronista	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Retomar os elementos constitutivos da crônica, com base nas ideias de Ivan Ângelo. ➤ Escrever, individualmente, a primeira versão de uma crônica.
11	Assim fica melhor	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazer o aprimoramento e a reescrita do texto.

Fonte: Laginestra e Pereira (2021)

É importante ressaltar que a preparação dos alunos é feita de maneira intencional, as oficinas não acontecem acidentalmente, o professor dedica tempo e estabelece objetivos claros para cada aula, planejando os resultados desejados, que é a produção das crônicas com as características que lhes são atribuídas no Caderno dos docentes, material ofertado para orientar o planejamento do professor. Além disso, o professor deve orientar os alunos individualmente, obedecendo o passo a passo de cada oficina, pois cada uma delas foi estruturada para que o aluno consiga construir o seu texto baseado nos critérios estabelecidos pela OLP. A seguir, listamos tais critérios que servem de roteiro para a revisão das crônicas que deve ser realizada antes do envio da versão final dos textos:

1. O cenário da crônica reflete o lugar onde você vive?

2. Ela cumpre o objetivo a que se propõe: emocionar, divertir, provocar reflexão, enredar o leitor?
3. E o episódio escolhido, como é tratado pelo autor? Há um modo peculiar de dizer?
4. Organiza a narrativa em primeira ou terceira pessoa?
5. As marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos estão presentes?
6. Que tom o autor usa ao escrever: irônico, humorístico, lírico, crítico?
7. Utiliza uma linguagem simples, espontânea, quase uma conversa informal com o leitor?
8. O enredo da crônica está bem desenvolvido, coerente? Há uma unidade de ação?
9. No desenrolar do texto, as características da narrativa (personagem, cenário, tempo, elemento surpresa ou conflito e desfecho) estão presentes?
10. Faz uso de verbos de dizer?
11. Os diálogos das personagens são pontuados corretamente?
12. Há alguma palavra que não está escrita corretamente, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos? E a pontuação está correta?
13. O título mobiliza o leitor para leitura?

Portanto, antes de escreverem a versão final, os alunos passam pelo processo de revisão e aprimoramento dos seus textos. Depois de executada essa etapa, a versão final dos textos produzidos em sala de aula são direcionados para que a Comissão Julgadora Escolar selecione a melhor crônica. Assim, a escola reúne os textos de todas as categorias e envia-os à Comissão Julgadora Municipal. Essa Comissão, por sua vez, analisa os textos que irão representar o município e os encaminha para a Comissão Julgadora Estadual.

Ao chegar na etapa regional, os 500 semifinalistas (125 de cada) participam dessa fase, de forma presencial, em uma capital do país, à escolha da comissão organizadora. São convidados a participarem dessa fase além do estudante, o professor, o diretor da escola e o responsável pelo estudante.

Para a 6ª edição da OLP, a que nos interessa, a semifinal ocorreu em São Paulo. Foram 3 dias de intensas atividades, como propostas de escrita, palestras, workshops, rodas de conversa, debates e uma visita à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Nesse passeio, foram tiradas várias fotos que resultaram, como proposta, a produção de uma nova crônica sobre o instante captado.³⁶ Ao final desse período, a Comissão Julgadora Regional selecionou as 38

³⁶ Para quem interessar, as novas produções mencionadas estão no site oficial da OLP, Portal Escrevendo o Futuro, disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/blog-cronica-2019/>

crônicas para a etapa nacional. Nessa fase, houve a premiação, com a entrega da medalha de prata para os estudantes. Em seguida, os textos foram encaminhados para a Comissão Julgadora Nacional, onde foram escolhidos os quatro vencedores.

Na etapa final, em cerimônia realizada na cidade de São Paulo, capital paulista, foram anunciados os 4 estudantes e professores vencedores da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa na categoria crônica. Os textos vencedores foram: O apanhador de acalantos, Meu morro, À espera da última aula e Escola fábrica, fábrica escola.³⁷

Assim como em qualquer concurso, a escolha das crônicas, em todas as etapas mencionadas, seguem critérios específicos, a qual mencionamos no quadro a seguir:

Quadro 5 - Critérios de Avaliação para o gênero Crônica (continua...)

CRÔNICA		
Proposta de descritores		
CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO	DESCRIPTORES
Tema “O lugar onde vivo”	1,0	A crônica se reporta, de forma singular, a algum aspecto do cotidiano local?
Adequação ao gênero	3,0	Adequação discursiva <ul style="list-style-type: none"> • O texto aborda aspectos da realidade local? • Traz algum detalhe do cotidiano a partir de uma perspectiva pessoal e/ou inusitada do autor? • O fato narrado foi descrito de modo interessante para o leitor a que se dirige? • A forma de dizer do autor é construída como a de alguém que comenta algo que lhe chamou a atenção ou o fez pensar? • As ideias e conteúdos apresentados contribuem para construir o tipo de crônica escolhido (política, cultural, esportiva, poética...)?
	2,5	Adequação linguística <ul style="list-style-type: none"> • A situação que gerou o texto foi narrada de maneira clara e de modo a envolver o leitor? • Os recursos linguísticos selecionados (vocabulário, figuras de linguagem etc.) contribuem para a construção do tom visado (irônico, divertido, lírico, crítico etc.)? • O texto é coeso? Os articuladores textuais são apropriados ao tipo de crônica e são usados adequadamente?

³⁷ As crônicas estão anexadas nesta dissertação.

Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none"> • O autor se posiciona como alguém que quer surpreender o público para o qual escreve, com um olhar próprio e peculiar sobre algo cotidiano e conhecido? • As ideias e conteúdos apresentados estão organizados para seduzir, fazer refletir, mobilizar, criar cumplicidade com o leitor? • Ao escrever o texto, o autor considerou diferentes leitores? • O título da crônica motiva a leitura?
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none"> • A crônica atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação), levando em conta o leitor construído no texto? • O texto rompe convenções da escrita (por exemplo, marcas de oralidade ou de variedades linguísticas regionais ou sociais) a serviço de produção de sentidos no texto?

Fonte: Laginestra e Pereira (2016)

Para finalizarmos, é importante ressaltar que a escolha de compormos o *corpus* da nossa pesquisa com as crônicas finalistas produzidas para a OLP deve-se, primeiramente, como já dissemos anteriormente, à tentativa de valorização das produções de alunos que ainda estão na Educação básica da rede pública que têm acesso limitado, muitas vezes, à diversidade cultural, fato que pode influenciar suas escolhas linguísticas. Não podemos deixar de ressaltar também o trabalho realizado pelos professores nessa difícil tarefa de orientá-los.

Em segundo lugar, a coletânea dos textos finalistas está bem acessível por meio do Portal Escrevendo o Futuro e, assim, pode tornar-se objeto de estudo e, por último, compreendemos que, em razão do processo avaliativo pelos quais os textos passaram (5 comissões julgadoras), eles constituem um texto prototípico do gênero a qual buscamos analisar a evidencialidade.

No capítulo seguinte, detalhamos a metodologia da pesquisa, explicando os critérios de seleção do *corpus*, os procedimentos de análise e as categorias evidenciais elaboradas para a realização deste estudo. Discutimos, ainda, a abordagem qualitativa e quantitativa empregada na investigação, ressaltando as categorias utilizadas para garantir a validade dos resultados.

5 METODOLOGIA

Apresentamos, neste capítulo, os aspectos metodológicos desta dissertação. Inicialmente, a seção 5.1 mostra a natureza desta pesquisa. Em seguida, a seção 5.2 apresenta a composição e delimitação do nosso *corpus* utilizado para análise. Posteriormente, a seção 5.3 explica as etapas dos procedimentos metodológicos de análise. Por fim, a seção 5.4 apresenta as categorias de análise e a ficha de ocorrências utilizada na investigação.

5.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa analisa como a evidencialidade é expressa nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino de todo o país para a 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. Para tanto, o estudo apresenta as seguintes características: 1) quanto à natureza adotaremos a pesquisa básica, justificada pela necessidade de geração de novos conhecimentos que envolvem o uso da evidencialidade em gêneros narrativos; 2) quanto aos objetivos, a análise será descritiva e exploratória, pois tem o propósito de quantificar, qualificar e interpretar o uso e a frequência da evidencialidade no gênero textual escolhido; 3) quanto aos procedimentos, a pesquisa será de cunho documental por apresentar produções autorais que compõem uma obra didática liberada pelo Ministério da Educação e, 4) quanto à técnica, utilizaremos a observacional, pois resultará na observação do fenômeno estudado.

5.2 Constituição e delimitação do corpus

O universo da amostra é composto por textos finalistas divulgados na obra “O lugar onde vivo – textos finalistas” produzidos para o concurso nacional Olimpíada de Língua Portuguesa, 6ª edição (2019) e estão disponíveis na plataforma digital Escrevendo o Futuro.³⁸ Os autores dos textos são estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino de todo o país. A coletânea possui 116 textos, divididos da seguinte maneira: 20 poemas, 38 memórias literárias, 38 crônicas e 20 artigos de opinião. Para compor o *corpus* desta pesquisa, escolhemos o gênero crônica. Utilizamos esse recorte porque objetivamos desenvolver a pesquisa com o foco na manifestação da evidencialidade na tipologia textual narrativa, considerando as características textuais/discursivas que compõem a crônica.

³⁸<https://www.escrevendoofuturo.org.br>

5.3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi organizada em três etapas, levando em conta os passos a seguir:

- I) Verificamos, por meio de uma leitura atenta das crônicas, os meios linguísticos utilizados para expressar as marcas evidenciais. Para isso, fizemos a descrição e a seleção das ocorrências de evidencialidade nos textos analisados, com base nos dados gerados pela utilização da ficha de ocorrência;
- II) Identificamos de que forma é delimitada a fonte das informações veiculadas, classificando-a como sendo a do próprio autor, de 3ª pessoa definida ou indefinida e de domínio comum, considerando os possíveis graus de comprometimento (baixo, médio, alto);
- III) Analisamos se há uma subcategoria de evidencialidade com o uso mais frequente nas crônicas. Para realizar esta etapa, fizemos a análise quantitativa (realizada mediante uso de programa computacional - SPSS ou PSPP) para verificar a frequência de uso das marcas evidenciais nos textos e a análise qualitativa dos resultados, descrevendo as subcategorias encontradas.

É importante ressaltar que o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) é uma ferramenta amplamente utilizada por pesquisadores nas investigações sobre Modalidade e Evidencialidade, como Lucena (2008; 2013), Nogueira (2017), Oliveira (2017; 2021), Lima (2018), Vidal (2021) e Prata e Vidal (2022). Esse programa permite a elaboração de gráficos e tabelas, além de cruzamentos de variáveis, possibilitando a identificação de possíveis relações entre as categorias de análise.

Como já mencionamos, o nosso *corpus* é composto por 38 crônicas. Para identificá-las, utilizamos uma notificação própria, da seguinte maneira: A letra C, enumerada de 1 a 38, para cada crônica (C1 a C38); a sigla OLP, por se tratar de textos da Olimpíada de Língua Portuguesa; o número de ocorrência em cada uma delas (01, 02, 03...). Assim, o registro ficou da seguinte forma: (C3.OLP.01).

Na próxima seção, apresentamos as categorias de análise consideradas na elaboração da ficha de análise.

5.4 Categorias de análise

Para realizar o estudo de como a evidencialidade se expressa em textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de todo o Brasil, para a 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, retornamos aos seguintes questionamentos:

- a) Quais meios linguísticos são utilizados como marcas evidenciais nas crônicas da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa?
- b) De que forma é delimitada a fonte das informações veiculadas no gênero textual crônica, há maior ou menor grau de comprometimento sobre o que é dito?
- c) Há um tipo de evidencialidade (subcategoria) mais frequente nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica?

Para responder tais questionamentos, sob a perspectiva funcionalista, mas especificamente a GDF, utilizamos as categorias de análise, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que caracterizam o seu uso nos textos em análise.

5.4.1 Aspectos sintáticos

Sabemos que a evidencialidade é uma categoria linguística indicadora da fonte de uma informação. Ela pode se manifestar, em língua portuguesa, por diferentes meios linguísticos, dentre eles: verbos, adjetivos, advérbios e preposições bem como pode ocupar diferentes posições na oração que ocorre seja ela inicial, medial ou final. Assim, faremos uma breve exposição dos meios linguísticos que acreditamos encontrar nas crônicas.

5.4.1.1 Meios linguísticos

a) Verbo

De acordo com Carioca (2009, p. 101), “a manifestação prototípica da evidencialidade é a forma verbal, especialmente os predicados encaixadores de proposição”. Em outras palavras, a forma verbal constitui a principal manifestação da expressão evidencial nas proposições, geralmente como predicados encaixadores. Lucena (2013, p.188) afirma também que “os verbos que podem apresentar função evidencial são os que implicam, por parte do Falante, uma relação de pressuposição de que a proposição assertiva é factual, ou seja, é verdadeira ou os que denotam que o Estado-de-Coisas descrito na proposição completiva ocorreu.”

Assim, os verbos que podem expressar a evidencialidade nas crônicas são, principalmente, os de elocução, de cognição e de percepção, mas também outros que possuam o caráter polissêmico e que possam expressar a subjetividade do autor, característica própria do gênero em análise. Interessa-nos, também, as categorias verbais de número e pessoa, pois possuem uma relação direta com a evidencialidade no que se refere ao grau de comprometimento e com o tipo de fonte.

b) Adjetivos

De acordo com Neves (2000), os adjetivos são usados para atribuir, seja de modo qualificado ou subcategorizado, uma característica singular dos substantivos. Segundo Carioca (2009, p. 106), “a marca evidencial adjetiva é qualificadora ou qualificativa, projetando-se por meio do particípio verbal e de todos os adjetivos terminados por sufixos que formam vocábulos derivados de verbos, como *-do / -to* e *-nte* e suas variantes (*-da / -dos / -das / -ta / -tos / -tas*)”.

c) Advérbios

Para Neves (2000), o advérbio pode ser conceituado a partir de variadas perspectivas, dentre as quais destacamos a morfológica. Nela, o advérbio é considerado uma palavra invariável cuja função pode diferenciar-se em modificadores ou não modificadores. Para nossos estudos, interessam-nos os modificadores.

d) Preposição

De acordo com Neves (2000), as preposições são palavras que atuam na esfera semântica para conectar elementos do discurso. Assim, Carioca (2009) afirma que as marcas evidenciais podem ser expressas tanto pelas preposições essenciais quanto pelas acidentais, assim denominadas porque estão em processo de gramaticalização. Por se tratar de da análise de um gênero narrativo, a preposição pode não ser uma marca tão frequente, visto que ela marca a informação relatada principalmente em textos dissertativos.

e) Substantivo

De acordo com Carioca (2009), a marca evidencial substantiva é descrita pelo uso de substantivos abstratos (nomes que indicam ação, processo ou estado) derivados de verbos. Esses substantivos podem variar em tipo, conforme a entidade associada ao verbo que está sendo nomeado.

Em relação à posição do item evidencial, podemos verificar diferentes maneiras que a marca evidencial pode se alocar em um enunciado. Vejamos a seguir.

5.4.1.2 Posição do item evidencial

O item evidencial pode ocupar diferentes posições na oração, segundo a GDF, as quais destacamos:

- a) Posição inicial: Ocorre quando a marca evidencial aparece antes da fonte da informação e da própria informação transmitida. Essa classificação também se aplica quando a fonte da informação está implícita na desinência verbal, mas a marca evidencial precede o conteúdo asseverado.
- b) Posição medial: Nessa posição, a marca evidencial aparece intercalada entre a fonte da informação e a própria informação dita. Além disso, essa posição pode ser observada em casos de rematização, em que o falante antecipa parte do conteúdo asseverado como estratégia para direcionar a comunicação.
- c) Posição final: Neste caso, a marca evidencial encontra-se depois da fonte da informação e da própria informação veiculada.

Entendemos que a análise dessa categoria nas crônicas pode significar encontrar outro parâmetro diferente do que Pezatti e Fontes (2011) defendem a ideia de que o PB é uma língua de predicado-medial, com três posições absolutas (P^I , P^M e P^F).

5.4.2 Aspectos semânticos

Em relação à natureza semântica, consideramos para a nossa análise, o tipo de fonte da informação e os tipos ou subcategorias evidenciais expressos nas crônicas. Em relação ao tipo de fonte utilizada para narrar as histórias, ela pode ser o próprio autor, caracterizado por Lucena (2008) como “sujeito-enunciador”, ou pode ser de origem externa (definida ou indefinida) ou de domínio comum. Na próxima subseção, explicaremos sobre cada uma delas.

5.4.2.1 Fonte da informação

Como mencionado anteriormente, a fonte da informação pode ser:

a) Sujeito-enunciador

Lucena (2008) assim o denomina por se tratar do próprio autor como sendo a origem da informação veiculada ou pelo fato da divulgação dos eventos começar por ele. De acordo com a autora, essa fonte ocorre quando o Falante “deseja qualificar uma informação como sendo uma experiência, inferência ou crença sua.” (Lucena, 2008, p. 75). Em outras palavras, ela é utilizada quando o autor quer demonstrar sua responsabilidade sobre o que é dito, comprometendo com a informação veiculada. Conseguimos identificá-la facilmente pelo uso da desinência número-pessoal de primeira pessoa.

b) Fonte externa definida

A fonte de informação é distinta do falante, e ele torna explícito quem é responsável pelo conteúdo transmitido. O falante opta por atribuir a uma terceira pessoa a responsabilidade pelo que está sendo afirmado, identificando a fonte do conteúdo comunicado. Esse recurso é frequentemente utilizado em artigos acadêmicos, onde o autor do texto científico emprega o chamado "argumento de autoridade". Por outro lado, revela um baixo nível de comprometimento do autor em relação ao que está sendo dito por se tratar de uma exclusão de suas ideias ou seus argumentos próprios.

c) Fonte externa indefinida

Neste tipo de fonte, não sabemos quem é o responsável pela informação, pois o autor não é o responsável pela informação, pois não está em 1ª pessoa, nem há a especificação de outra fonte. Podemos caracterizá-la então como um boato por indeterminar qualquer possibilidade de verificar a fonte do conteúdo asseverado.

d) Domínio comum

A fonte de domínio comum expõe um conhecimento compartilhado de forma que pareça não apenas do falante ou autor do texto, mas também do ouvinte ou leitor, enfim, de todos os envolvidos no discurso. Esse tipo de fonte é empregado pelo autor como uma estratégia discursiva para enfatizar que a informação transmitida não é exclusiva dele, mas representa um conhecimento amplamente reconhecido e, por isso, poderá ser aceito com mais credibilidade.

Apresentamos quatro exemplos que caracterizam o sujeito-enunciador, a fonte externa definida, a fonte externa indefinida e de domínio comum, respectivamente:

- 1) Contudo, mesmo lidando com certos construtos de autores da escola francófona, como Schneuwly e Dolz, que adotam a perspectiva dos gêneros textuais, **acredito** que minha pesquisa se aproxime muito mais da teoria dos gêneros discursivos, cujo maior representante é Bakhtin, que tendem a selecionar suas categorias de análise, [...] (A8-28-329)
- 2) Nesta quinta-feira (31), Jucá **anunciou que** o PMDB receberia o senador, o ministro e outros dissidentes. (FSP – *Poder*) (Miranda, 2021, p.56)
- 3) Se eu recebo dinheiro de empresa, **dizem** que sou ladrão. Se uso dinheiro público, dizem que vou tirar da saúde. (FSP – Colunas) (Miranda, 2021, p.56) (Timóteo 2011, p. 73)

4) Dessa forma, **percebe-se** que os estudos do idealizador da sociolinguística variacionista vão além dos tópicos linguísticos considerados pela linguística geral: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. (A6-9-231) (Timóteo 2011, p. 73)

É importante ressaltar que a relação entre o tipo de fonte e o grau de comprometimento com as informações podem ter diferentes efeitos de sentido, considerando o gênero textual analisado. Portanto, é uma categoria importante a ser observada em nossa análise.

5.4.2.2 Tipos evidenciais

Segundo as postulações realizadas pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF), a evidencialidade é uma categoria linguística que atua tanto no nível interpessoal (campo pragmático) quanto no nível representacional (campo semântico). De acordo com a proposta de Hengeveld e Hattner (2015), Hengeveld e Fischer (2018) são cinco os subtipos evidenciais:

a) Evidencialidade reportativa

A reportatividade, presente na camada do Conteúdo Comunicado no Nível Interpessoal, denota que o falante não está comunicando seu próprio conhecimento, mas está compartilhando a opinião de outras pessoas, de forma indireta.

b) Evidencialidade citativa

Presente na camada do Ato discursivo no Nível Interpessoal, a evidencialidade citativa indica que o conteúdo comunicado pelo Falante está sendo reproduzido da mesma forma que ele o recebeu, deixando expressa a fonte da informação.

c) Evidencialidade inferida

A inferência, presente na camada do Conteúdo Proposicional no Nível Representacional, implica que o falante infere o Conteúdo Proposicional com base em seu conhecimento anterior.

d) Evidencialidade dedutiva

A Dedução, atuando no nível do Episódio, sugere que a ocorrência de um evento é deduzida pelo falante com base em evidências disponíveis; o falante não é testemunha direta, porém consegue deduzir sua realização a partir da percepção de evidências resultantes.

e) Percepção de evento

Percepção de Evento, que atua na camada do Estado-de-Coisas no Nível Representacional, revela se um evento foi ou não testemunhado pelo falante.

Apresentamos os exemplos (5), (6), (7), (8) e (9) que representam a evidencialidade reportativa, citativa, inferida, dedutiva e percepção de eventos, respectivamente:

5) **Diz que** lá na lonjura do tempo, no comecinho de todas as coisas, existiam três irmãos. Dois eram homens, e a irmã, Onhianmuaçabê, era moça bonita, chamada Uniaí. (Casseb-Galvão, 2011, p. 307)

6) "Se em uma operação sai tiro, algo deu errado", **diz** estudioso de violência. (internet) (Silva, 2020, p. 42)

7) Não podemos nos agarrar a nada. Conheceste o Hélio ao nascer e acompanhaste o seu crescimento. Embora não tenhas tido um filho, **sei**, sempre soube pelo teu olhar, que compreendes o sentido mais profundo da paternidade. (Kapp-Barbosa, 2017, p. 121)

8) Estive olhando as fotos da Camila e **percebi** que ela varia os filtros de acordo com a cor da foto. (internet) (HATTNHER, 2018, p. 102)

9) “Os caras da mesa da frente não param de olhar, quando **vejo** um dos caras se aproximando finjo que não o vi e pego meu celular”. (internet) (Silva, 2020, p. 46)

Resumimos, no quadro a seguir, como os subtipos evidenciais se apresentam nos níveis e camadas conforme propõe a GDF:

Quadro 6 - Subtipos evidenciais nos NI e NR da GDF

Nível Interpessoal	Ato Discursivo (A)	Conteúdo Comunicado (C)	
	Citação	Reportatividade	
Nível Representacional	Conteúdo Proposicional (p)	Episódio (ep)	Estado-de-coisas (e)
	Inferência	Dedução	Percepção do evento

Fonte: Elaboração nossa. Baseado em Hengeveld e Hattnher (2015); Hengeveld e Fischer (2018).

5.4.3 Aspectos pragmáticos

Segundo a abordagem funcionalista, os níveis sintático, semântico e pragmático estão entrelaçados, porém, a pragmática assume uma posição central, pois a estrutura é moldada pelo uso, ou seja, é a função desempenhada pelos elementos linguísticos na comunicação que dita sua forma. Nessa perspectiva, o uso das marcas evidenciais indicam as estratégias discursivas utilizadas para mostrar o grau de comprometimento do falante sobre o conteúdo veiculado.

Consideramos, nas crônicas, os diferentes efeitos de sentidos decorrentes do uso dessa marca evidencial, pois percebemos que, neste tipo de gênero textual, elas são usadas para construir a heterogeneidade narrativa, mantendo a fluidez e o dinamismo do texto, características que ajudam a manter a proximidade com o público-leitor.

5.4.3.1 Níveis de comprometimento

Para cumprirmos o que estabelecemos em um dos nossos objetivos que é verificar a fonte da informação e a partir dela, analisar o maior ou menor nível de comprometimento sobre o que é dito, iremos avaliar o uso dos evidenciais em cada contexto, separando-os pela gradação que apresentam: baixo, médio e alto comprometimento.

a) Nível de comprometimento baixo

Ocorre quando o sujeito-enunciador apresenta um menor grau de envolvimento com o conteúdo transmitido, estabelecendo um distanciamento significativo em relação à informação afirmada. Nesses casos, podemos perceber esse distanciamento por meio da utilização de verbos de dizer (ou *dicendi*) e de locuções prepositivas que expressam claramente a autoria de outra pessoa que não é o falante.

b) Nível de médio comprometimento

Implica uma atitude que suaviza a relação com a informação transmitida, ou seja, o falante não assume diretamente a responsabilidade pela informação que está compartilhando, baseando-se em fatos inferidos por meio de reflexões. Assim, esta atenuação é feita por meio do uso de verbos auxiliares modais que indiquem possibilidades (poder), advérbios de dúvidas (talvez) ou, até mesmo, o uso de marcas evidenciais de fonte definida ou de domínio comum, com a utilização da primeira pessoa do plural (nós) que mostra o compartilhamento

da responsabilidade sobre as informações ditas, gerando, dessa forma, o efeito de sentido de envolvimento mediano do autor.

c) Nível de alto comprometimento

Resulta de uma atitude na qual o falante se apropria da informação. Em outras palavras, o autor do texto evidencia-se como a fonte da informação (o próprio autor) e expõe suas crenças ou opiniões acerca de determinado assunto. Esse tipo de comportamento pode ser expresso por meio de várias expressões linguísticas, como os verbos de cognição, opinião ou crença (crer, saber, acreditar), funcionando como predicados encaixadores em primeira pessoa. Portanto, o efeito de sentido gerado nesses casos é de total responsabilização sobre o conteúdo comunicado.

Vejamos as ocorrências (147), (168) e (151), retiradas do nosso *corpus*, que exemplificam os níveis de baixo, médio e alto comprometimento, respectivamente, conforme mencionados anteriormente:

(147) **Dizem** que carnaúba significa “árvore da vida” pelas suas inúmeras utilidades e, principalmente, por sua resistência e capacidade de adaptação a climas adversos. (C30.OLP.147)

(168) Ao longe, em uma longa estrada de terra, entre os últimos tons do crepúsculo, avisto algo vindo em minha direção, **parece** estar montado em um cavalo, e suas roupas vermelhas contrastam com a luz do sol, em um espetáculo de cores que mais se assemelham a uma labareda de fogo. (C35.OLP.168)

(151) A lembrança do poema ainda me azucrinava, quando **observei**, do outro lado da rua, uma carroça daquelas feitas de fundo de geladeira. Estava quase lotada de papelão velho. (C31.OLP.151)

Reforçamos a nossa teoria de que, nas crônicas, o uso de marcas indicadoras de baixo e médio comprometimento apresentam outras funções pragmático-discursivas. Ou seja, embora as marcas estejam presentes no texto, o narrador as utiliza não para se distanciar das informações, mas para fortalecer a heterogeneidade narrativa.

A seguir, apresentamos a ficha de análise que resume as categorias mencionadas aqui:

Quadro 7: Ficha de análise das ocorrências

Crônica: 1	
Ocorrência (nº 4): “Percebi que ali na feira, ele estava em busca de algo, não para saciar sua fome, mas para acalantar seu coração solitário: atenção, carinho, risos, sentimento de ainda pertencer ao lugar e de ter com quem conversar. ”	
1. Aspectos sintáticos	A) Meios linguísticos de expressão da evidencialidade <input checked="" type="checkbox"/> (X) Verbo <input type="checkbox"/> () Advérbio <input type="checkbox"/> () Adjetivo <input type="checkbox"/> () Preposição <input type="checkbox"/> () Substantivo B) Posição do item evidencial <input checked="" type="checkbox"/> (X) inicial <input type="checkbox"/> () medial <input type="checkbox"/> () final
2. Aspectos semânticos	A) Tipos evidenciais <input type="checkbox"/> () Citativo <input type="checkbox"/> () Reportativo <input checked="" type="checkbox"/> (X) Inferência <input type="checkbox"/> () Dedução <input type="checkbox"/> () Percepção de evento B) Fonte da Informação <input checked="" type="checkbox"/> (X) Próprio autor <input type="checkbox"/> () 3ª pessoa indefinida <input type="checkbox"/> () 3ª pessoa definida <input type="checkbox"/> () domínio comum
3. Aspectos pragmáticos	A) Níveis de comprometimento: <input checked="" type="checkbox"/> (X) Alto <input type="checkbox"/> () Médio <input type="checkbox"/> () Baixo

Fonte: Autora (Elaboração nossa)

Na ficha de análise, podemos ver a descrição da ocorrência (4), retirada da crônica 1. Ao relacionar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, concluímos que a evidencialidade, expressa por meio de um verbo que ocupa a posição inicial, foi utilizada como uma estratégia para mostrar que as informações baseiam-se nas percepções do próprio autor, a partir das inferências feitas sobre o evento narrado. Com isso, percebemos que o autor, ao se colocar como fonte da informação, revela um alto comprometimento, causando uma aproximação com o público-leitor.

No próximo capítulo, apresentamos a análise e descrição dos resultados obtidos a partir da investigação linguística realizada nas crônicas. Examinamos como a evidencialidade se manifesta nos textos selecionados, identificando padrões e discutindo implicações para os estudos da linguagem.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES EVIDENCIAIS NAS CRÔNICAS DA OLP

Apresentamos, neste capítulo, os resultados obtidos na análise da manifestação da evidencialidade em textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de todo o Brasil, para a 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. Considerando a abordagem funcionalista deste trabalho, a descrição e análise da evidencialidade foram realizadas com base em critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos que revelam as estratégias evidenciais adotadas na produção dos referidos textos. Nesse sentido, discutimos os resultados com base em categorias que levam em consideração os critérios acima mencionados.

Para tanto, organizamos este capítulo em cinco seções que detalham as nossas categorias de análise: na primeira seção, apresentamos a análise das categorias em relação aos aspectos sintáticos investigados nesta pesquisa, como o meio linguístico utilizado para a expressão da evidencialidade bem como a posição da marca evidencial na oração; em seguida, apresentamos a análise das categorias relacionadas aos aspectos semânticos, considerando os subtipos evidenciais e a fonte da informação; por fim, expomos a análise da categoria relativa aos aspectos pragmáticos, mostrando o grau de comprometimento do falante e seus efeitos de sentido em relação às informações narradas.

Passemos, então, aos resultados relacionados aos aspectos sintáticos da evidencialidade na seção a seguir.

6.1 Análise dos aspectos sintáticos da evidencialidade

Nesta seção, respondemos ao questionamento de quais meios linguísticos são utilizados como marcas de expressão evidencial nas crônicas da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. Para isso, pesquisamos duas categorias que revelam essa manifestação: i) os meios linguísticos, sejam eles verbos, advérbios, substantivos, adjetivos ou preposições; e ii) a posição da marca evidencial (inicial, medial ou final) que aparece na oração. Apresentamos, nas subseções a seguir, o resultado quantitativo dos dados em relação a cada uma delas e a nossa interpretação sobre eles.

6.1.1 Meios linguísticos

O gênero textual crônica apresenta, em sua estrutura, o uso de recursos linguísticos que a caracterizam, como, por exemplo, a opção por uma linguagem simples e espontânea,

marcas de tempo e lugar que revelam fatos do cotidiano, o uso de tempos verbais que alternam entre o presente e o pretérito perfeito que dão a ideia de atemporalidade, o uso dos pronomes pessoais e dos pronomes possessivos em 1ª pessoa que reforçam a subjetividade do texto e mantém a proximidade com o leitor. Assim, por reconhecermos que tais elementos composicionais desse gênero influenciam a manifestação da evidencialidade, analisamos os meios linguísticos (classes gramaticais) que podem expressá-la nos textos analisados..

A tabela 01 mostra os dados relacionados a essa categoria:

Tabela 01 - Meios linguísticos de expressão da evidencialidade

		Frequência	Percentual (%)
Meios linguísticos	verbo	168	97,1
	substantivo	3	1,7
	adjetivo	2	1,2
	Total	173	100

Fonte: Elaborada pela autora com o uso do programa SPSS.

Confirmando a nossa hipótese, o verbo é a classe gramatical encontrada com mais frequência em nosso *corpus* como forma de expressão da evidencialidade nas crônicas analisadas, com 97,1%, considerando o universo das ocorrências. Esse resultado, similar ao de outros estudos que pesquisam a evidencialidade lexical em língua portuguesa, reforça o que Carioca (2009, p. 116) afirma em sua pesquisa: “a grande frequência do verbo confere a ele a condição de forma prototípica da marca evidencial”. Em relação à classe dos adjetivos e dos substantivos, encontramos um número muito baixo de ocorrências, equivalente a 1,7% e 1,2%, respectivamente. Nas demais classes investigadas nesta pesquisa, não identificamos ocorrências.

Os verbos que expressam a evidencialidade tendem a manifestar-se nas categorias semânticas Estado de Coisas, Conteúdo Comunicado e Conteúdo Proposicional descritos numa proposição. Encontramos, em nosso *corpus*, verbos perceptuais³⁹ (ex: ver, ouvir...), elocutivos⁴⁰ (ex: dizer, perguntar ...) e cognitivos⁴¹ (ex: parecer, pensar...) que nos permitem

³⁹ De acordo com Vendrame (2010, p. 116), “os verbos de percepção são considerados evidenciais em usos declarativos afirmativos que têm o Falante como centro dêitico.”

⁴⁰ Os verbos de elocução são divididos, de acordo com Neves (2000), em verbos de dizer ou dicendi, como falar, dizer, comentar e similares; e verbos que introduzem os discursos que não são necessariamente representativos de atos de fala, como afirmar, gritar e similares.

⁴¹ Para Vidal (2021), os verbos de cognição constituem um tipo de codificação da subjetividade, pelo fato de veicularem Conteúdos Proposicionais Inferidos, configurando-se uma marca lexical de expressão da evidencialidade.

fazer uma leitura evidencial. Ao utilizar verbos perceptuais e cognitivos, os autores dessas crônicas transmitem ao leitor uma sensação de proximidade com o acontecimento narrado, fortalecendo, dessa forma, o efeito de realismo da crônica. Esses recursos linguísticos contribuem para a construção do tom visado (irônico, divertido, lírico, crítico...), causando ao leitor a impressão de estar compartilhando uma experiência autêntica do autor.

Por outro lado, quando o autor utiliza verbos de elocução, há uma diferente perspectiva quanto ao uso da evidencialidade. Ao trazer outras vozes para a narrativa, ele pode sugerir um certo distanciamento seu em relação à informação que está sendo transmitida. Mas, na verdade, a utilização desse recurso nas crônicas traz ao texto a heterogeneidade narrativa que tende a criar vários efeitos na narrativa, como dúvida, ironia ou humor. Além disso, esse aspecto permite ao cronista explorar a subjetividade dos relatos que circulam socialmente, pois a crônica, sendo um gênero que dialoga com a oralidade, permite o uso frequente dessa estratégia evidencial para simular conversas e criar um tom descontraído e envolvente nos textos analisados.

Apresentamos as ocorrências (30), (11) e (76) como exemplos dos verbos em questão:

(30) Quando olhei para trás e **vi** o menino carregando as bugigangas e se sentando ao lado de Manoel de Barros eu tive certeza de uma coisa: eles eram amigos, e isso era o suficiente. (C4.OLP.30)

(11) É considerado santo por aqui, tanto que a água dos olhos d'água, presente no caminho que ele percorreu, **dizem** ser benta, usada para a reza das benzedadeiras e benzedores do Paraná. (C2.OLP.11)

(76) Nesses momentos, apesar da tragédia, muitos sorriram, **parece** que até o defunto, se pudesse, também teria sorrido da situação. (C14.OLP.76)

Em (30), o verbo de percepção ‘ver’ marca a evidencialidade Percepção de Eventos. O narrador apresenta-se como fonte da informação, demonstrando que a obteve por vias diretas, nesse caso, pela visão, ou seja, o falante presenciou o estado de coisas acontecer: o menino carregar as bugigangas e se sentar ao lado da estátua de Manoel de Barros. Ao utilizar esse recurso, o autor cria um efeito de proximidade com o leitor, pois deixa evidente que esteve diretamente envolvido com o evento ou fez uma interpretação pessoal dele.

Na ocorrência (11), a evidencialidade é expressa pelo verbo de elocução ‘dizer’. Nesse caso, o verbo indica que o narrador reporta, em seu Ato Discursivo, a fala do outro, marcando a evidencialidade reportativa, o qual atribui a terceiros a crença de que aquela água da qual está falando é benta. Embora o narrador tenha optado por utilizar uma fonte externa

indefinida que pode sugerir distanciamento, na crônica, cria uma relação dialógica com o leitor, pois esse gênero frequentemente introduz vozes sociais, rumores ou falas populares.

Já em (76), o narrador infere, a partir dos estímulos sensoriais (os sorrisos das pessoas em meio àquela situação cômica), que se o defunto pudesse também teria sorrido diante da situação. Em outras palavras, o narrador faz uma interpretação dos fatos ou constroi um raciocínio baseado no contexto ali vivenciado por ele, reforçando a subjetividade da crônica.

Considerando, então, que a crônica é um gênero subjetivo que propõe uma reflexão, os cronistas utilizam diferentes tipos de verbos para indicar se uma informação narrada foi percebida diretamente, inferida ou reportada por terceiros. Percebemos que, na construção dos seus textos, há uma prevalência do uso de verbos de percepção e cognição, conforme apresentamos nos exemplos anteriores, pois, ao utilizar esse recurso, os estudantes-cronistas marcam sua experiência individual com os fatos narrados e revelam o seu ponto de vista, convidando o leitor a compartilhar essa percepção. Em suma, podemos dizer que a escolha dos verbos evidenciais realizada pelos autores das crônicas analisadas revelam a maneira como eles apresentam a informação e se posicionam diante do leitor.

Em relação aos substantivos e aos adjetivos, como mencionamos anteriormente, o nosso *corpus* apresentou um percentual baixo de ocorrências, com 1,7% e 1,2%, respectivamente, algo que já esperávamos devido ao fato do verbo ser a forma prototípica da expressão lexical no português do Brasil. Mesmo com poucas ocorrências, achamos relevante trazer exemplos que marcam a manifestação da evidencialidade nesses meios linguísticos. Por isso, a seguir, apresentamos as ocorrências (81) e (94), que demonstram o uso dessas classes gramaticais nas crônicas analisadas:

(81) Por trás da cerca, minha **visão** corria por todo o cenário e, aos poucos, minha curiosidade se desfazia em decepção e tristeza. (C15.OLP.81)

(94) Nos dias de Feira do Produtor, ouvia as ofertas **gritadas** entre palmas:

— Aqui, meu patrão! Farinha torradinha, da boa! Pode provar!

— Aqui, freguesa! Peixe fresquinho!

Curimatã, pescada e tamuatá! (C18.OLP.94)

Em (81), o substantivo abstrato ‘visão’, derivado do verbo ‘ver’, marca a evidencialidade Percepção de eventos. Acompanhado do pronome possessivo ‘minha’, o substantivo indica que o narrador constitui-se como fonte da informação ao perceber o lugar que estava. Sua ida ao local tinha o propósito de saciar sua curiosidade sobre o evento da vaquejada que esperava ser algo diferente do que visualizava. Já na ocorrência (94), a

evidencialidade citativa é manifestada, por meio do adjetivo ‘gritadas’, o modo como o narrador obteve a informação. Seu uso está relacionado à função de atribuir uma propriedade ou característica ao conteúdo reportado.

Quanto aos advérbios e preposições, não houve ocorrências em nosso *corpus*, no entanto, é interessante exemplificar como a evidencialidade se manifesta por meio dessas classes gramaticais. Para isso, utilizamos os exemplos retirados da pesquisa de Ferreira (2023) para realizar a demonstração desses meios linguísticos. Vejamos:

(68) ... momento de reflexão e ação propositiva para dar visibilidade ao legado das mulheres negras na construção desse país. EVIDENTEMENTE, à custa do acúmulo de desvantagens, que comprometem suas trajetórias de vida e as impedem de desempenhar suas capacidades com autonomia (p. 1). (A25.DN.122) (Ferreira, 2023, p. 106)

(65) A definição do candidato governista ao Palácio Abolição, embora os entendimentos comecem nesta segunda-feira (28), não deve ser concluída imediatamente. Este é o início do processo de definição que deve ser concluído entre a primeira e segunda semana de julho, CONFORME já sinalizaram os líderes do grupo (p. 1). (A10.DN.58) (Ferreira, 2023, p. 105)

No exemplo (68), Ferreira (2023, p. 106) afirma que “a marca evidencial adverbial evidentemente expressa a noção do grau de certeza da asserção pelo produtor textual, indicando assim que ele é a fonte do conteúdo asseverado.” Já no exemplo (65), ele diz que “a marca evidencial prepositiva indica que a fonte da informação são os líderes do grupo do partido PDT.” (Ferreira, 2023, p. 105)

Passamos, a seguir, para a análise da posição do item evidencial no enunciado.

6.1.2 Posição da marca evidencial

Como já discurremos no capítulo 5, a evidencialidade pode ser descrita em função de sua posição no enunciado, tanto em relação à fonte da informação quanto ao conteúdo asseverado. Conforme a GDF, há três posições básicas para os constituintes oracionais: posição inicial, posição medial e posição final.

Sabemos que essa organização pode ser motivada por fatores cognitivos e contextuais. Por isso, supomos que as marcas evidenciais nas crônicas analisadas ocorram, com mais frequência, na posição inicial, anteposta à fonte da informação e ao conteúdo veiculado, pois a crônica é um gênero que possui uma flexibilidade na sua construção, cujo sentido depende do

tom empregado pelo autor a partir do seu propósito comunicativo. Vejamos a tabela 2 que demonstram os dados do nosso *corpus*:

Tabela 02 - Posição da marca evidencial para a expressão da evidencialidade

		Frequência	Percentual (%)
Posição da marca evidencial	inicial	89	51,4
	medial	78	45,1
	final	6	3,5
	Total	173	100

Fonte: Elaborada pela autora com o uso do programa SPSS.

Na tabela acima, os dados revelam que a posição ocupada com mais frequência pela marca evidencial em nossa amostra textual é a inicial (com 51,4% das ocorrências). A posição medial ocupa o segundo lugar, apresentando o percentual de 45,1%. A posição final, por sua vez, acontece em apenas 6 ocorrências, o que corresponde a 3,5% do total de ocorrências.

Esse resultado mostra que, nas crônicas analisadas, há preferência da marca evidencial pela posição inicial, contrastando com a hipótese de Fontes e Pezatti (2011), para quem o português brasileiro tem preferência pela estrutura canônica do predicado medial. Percebemos que a opção pela posição inicial ocorre, principalmente, quando a referida marca é manifestada por meio do verbo que expressa a evidencialidade inferida, conforme o resultado do cruzamento das categorias. Isso acontece porque esses verbos, nessa condição, geralmente assumem a função de fonte da informação, visto que ela está implícita na desinência do verbo. Assim, as pessoas do discurso parecem constituir o fator motivador para a distribuição dos elementos na ordem em que se encontram.

As ocorrências (65), (71) e (96), apresentadas a seguir, ilustram, respectivamente, as posições inicial, medial e final da marca evidencial no enunciado:

(65) Num domingo pela manhã, fazia bastante sol no Povoado Pedra, município de Ribeira do Pombal, interior da Bahia; ao sentar à mesa para o café da manhã, **percebi** que a manteiga havia acabado. (C12.OLP.65)

(71) Ele me **explicou** que antigamente esse lugar se chamava “Terceiro” e que passou a ser chamado de “Depósito” por causa de um depósito de armas escondido pelas redondezas, durante a “Revolução de Trinta”. (C13.OLP.71)

(96) Quando menos se esperava, começavam uma pira-pegas.
— Ana-bu-bu-bu quem sai é tu pelo ra- bo do tatu, na minha terra tem pi-ra-ru-cu...

- um dava a deixa para a brincadeira.
- A mãe é tu! – outro **gritava**. (C18.OLP.96)

Em (65), a marca evidencial se antepõe à fonte e ao conteúdo asseverado. Nesse caso, a fonte da informação (o pronome ‘eu’ caracterizando o próprio narrador) está implícita na desinência do verbo (percebi) que se antepõe ao conteúdo asseverado (a constatação de que a manteiga havia acabado).

Na ocorrência (71), a marca Reportativa se intercala, ocupando a posição medial. Nessa situação, o item evidencial em destaque aparece na posição medial, entre a fonte da informação (Ele, que é o pai do professor de História) e o Conteúdo Comunicado (a origem do nome daquele lugar). Em (96), o conteúdo asseverado e a fonte da informação estão antecipados, logo a marca evidencial está ocupando a posição final da oração.

Na próxima seção, discutimos os resultados sobre os aspectos semânticos da evidencialidade.

6.2 Análise dos aspectos semânticos da evidencialidade

Nesta seção, respondemos ao questionamento se há um tipo de evidencialidade (subcategoria) mais frequente nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica bem como a forma como é delimitada a fonte das informações veiculadas no gênero textual crônica. Para isso, investigamos duas categorias que revelam essa manifestação: i) os subtipos evidenciais (reportativo, citativo, inferência, dedução e percepção de eventos); e ii) a fonte da informação (próprio autor, fonte externa - definida e indefinida e domínio comum). Apresentamo-nas, nas subseções a seguir.

6.2.1 Tipos evidenciais

De acordo com a proposta de Hengeveld e Hattnher (2015), Hengeveld e Fischer (2018) são cinco os subtipos evidenciais presentes nas línguas naturais. Considerando os elementos textuais que compõem a crônica, o uso das marcas evidenciais ajudam a situar o leitor no ambiente em que se desenrola o fato narrado, conferindo a ele verossimilhança. Além disso, uma narrativa que contém muitas inferências e suposições transmite um tom reflexivo e subjetivo, aproximando o leitor do ponto de vista do narrador. Partindo desse contexto, defendemos a hipótese, em nossa pesquisa, de que as marcas evidenciais expressas nas crônicas da OLP refletem as principais características desse gênero, visto que o narrador é um ser humano capaz de gerar conhecimento, baseado em percepções diretas, deduções e

raciocínios lógicos, predominando, por isso, a marca inferencial. A tabela 3 mostra os resultados encontrados em nossa amostra textual:

Tabela 03 - Subtipos evidenciais presentes no gênero textual crônica

		Frequência	Porcentual (%)
Subtipos evidenciais	Reportativa	29	16,8
	Citativa	40	23,1
	Inferência	51	29,5
	Dedução	15	8,7
	Percepção de eventos	38	22
	Total	173	100%

Fonte: Elaborada pela autora com o uso do programa SPSS.

Os dados acima revelam que o subtipo Inferência aparece com maior frequência, totalizando 29,5% do total das ocorrências como já esperávamos. Em segundo lugar, temos Citativa, com 23,1%; seguida pelo subtipo Percepção de eventos, com 22%. A Reportativa aparece com 16,8% e, em último lugar, a Dedução, com 8,7%.

A evidencialidade Inferida, com 29,5% das ocorrências, configura-se como uma importante estratégia evidencial usada no gênero textual crônica investigada em nosso estudo. Isso acontece, provavelmente, pelo fato do narrador colocar-se como fonte da informação e essa ser gerada a partir de seus conhecimentos internos que ajudam a construir a narrativa, atribuindo a ela um traço maior de subjetividade, característica que percebemos de forma recorrente nas produções das crônicas. Eis alguns exemplos desse subtipo evidencial:

(04) **Percebi** que ali na feira, ele estava em busca de algo, não para saciar sua fome, mas para acalantar seu coração solitário: atenção, carinho, risos, sentimento de ainda pertencer ao lugar e de ter com quem conversar. (C1.OLP.04)

(21) Ali estava eu, juntamente com aquele respeitável público, saindo de um estado de êxtase e entrando no circular, mas confesso, meus caros, perdi até a vontade de ir ao show do Manutti, pois **imaginava** que não seria mais animado do que aquele espetáculo de graça na rua. (C3.OLP.21)

(148) **Penso** que este [significado] se encaixa perfeitamente ao lugar e às pessoas que ali vivem, por que morar na Baixa Carnaúba é resistir às dificuldades de pertencer a uma realidade rural e, ao mesmo tempo, não resistir à imensa beleza das manhãs que invadem nossas janelas quase interioranas. (C30.OLP.148)

Em (04), o narrador infere o Conteúdo Proposicional, a partir de sua interpretação pessoal, que o senhor foi à feira porque se sente sozinho, já que ele não havia comprado nada, a exemplo de muitos outros idosos que ali estavam. O narrador revela, dessa forma, a sua visão pessoal sobre a solidão. Em (21), o narrador apresenta uma inferência (o show não seria animado) baseando-se no que ele observa (a animação das pessoas diante daquele espetáculo de rua). A partir dessa observação, ele perde a vontade de ir ao show do qual já estava a caminho. Por fim, na ocorrência (148), o narrador apresenta o seu ponto de vista sobre o lugar onde vive e sobre as pessoas que ali vivem a partir da reflexão sobre o significado que está associado ao nome daquele lugar.

A evidencialidade inferida, portanto, contribui para que a perspectiva pessoal do autor seja descrita de modo que reforça a proximidade da crônica com o leitor, tornando o texto mais natural e reflexivo. Ao usá-la, o narrador não só relata os fatos do cotidiano, mas interpreta e dá sentido a eles, reforçando o caráter autoral do gênero. Em resumo, essa estratégia evidencial transforma a crônica em uma conversa ao pé do ouvido, cheia de nuances e possibilidades interpretativas.

Em relação às marcas da evidencialidade Reportativa e Citativa, elas são usadas como estratégias evidenciais que marcam a heterogeneidade enunciativa no texto narrativo. Assim, o narrador pode apresentar as palavras do outro sujeito, com maior ou menor autenticidade, seja retransmitindo a fala desse outro em seu próprio Ato Discursivo (reportativo), seja reportando de forma direta as palavras dele (citativo).

É importante destacar a alta frequência da evidencialidade citativa em nosso *corpus*. Esse resultado pode estar relacionado à produção de grandes trechos de sequência dialogal dentro das narrativas, já que ao narrar os fatos, o narrador prefere apresentar os diálogos, muitas vezes, expondo a fala do outro de forma literal, por meio do discurso direto.

Percebemos que, na crônica, o discurso direto não costuma causar o mesmo efeito de baixo comprometimento do autor em relação à informação como ocorre em textos argumentativos. Acreditamos que isso acontece porque a crônica, por ser um gênero narrativo que carrega um tom mais subjetivo e reflexivo, o uso do discurso direto tem outras funções, como dar um tom mais informal ao texto, aproximando o leitor da cena narrada, conferir dinamismo e fluidez ao entrar várias vozes na narrativa e, principalmente, dar vivacidade aos personagens, características que tornam um texto simples e envolvente que desperta a atenção e a curiosidade do público-leitor.

Vejamos as ocorrências (93) e (106) que exemplificam, respectivamente, os dois subtipos mencionados, a evidencialidade reportativa e citativa:

(93) Minha mãe **diz que** se a gente pedir com fé as coisas acontecem. Ela tinha razão. (C17.OLP.93)

(106) Um senhor muito sarcástico se aproxima e **dispara**:
— O noivo desistiu porque a noiva é muito feia.
Enfurecendo a bela moça que já estava angustiada. (C20.OLP.106)

Em (93) o narrador, por meio de um verbo de elocução, retransmite o Conteúdo Comunicado produzido pela sua mãe, não com a intenção de se afastar da responsabilidade de dizê-lo, mas com o intuito de validar a situação narrada por ele. Na verdade, a informação relatada dita pela mãe dá uma maior credibilidade à fala do narrador ao afirmar que algo que pediu se realizou por conta da sua fé.

Na ocorrência (106), temos um diálogo, o qual o narrador reporta diretamente as palavras do outro personagem, trazendo novos elementos à narrativa, cabendo ao leitor interpretar os fatos narrados, pois a fala direta do senhor é incluída para que o leitor perceba o tom cômico e ligeiramente ofensivo da situação, características comumente atribuídas a este gênero.

Logo, tanto a evidencialidade citativa quanto a reportativa manifestadas na construção das crônicas analisadas, por meio do discurso direto e indireto, não têm o objetivo primário de afastar o autor da informação apresentada, mas sim de dinamizar a narração, conferir às falas e aproximar o leitor das cenas relatadas.

Em relação a Percepção de eventos, acreditamos que algumas situações colaboram para que este subtipo evidencial seja bastante comum em nosso *corpus*, o terceiro tipo mais frequente. Nesse viés, pontuamos três motivações: i) a capacidade perceptual humana de perceber o ambiente; ii) a natureza do gênero em questão que envolve a narração de eventos ocorridos no mundo verossímil e iii) o narrador que se coloca como o observador direto das informações relatadas no texto, conferindo-lhe um maior grau de confiabilidade. Vejamos as ocorrências (09), (57) e (113) que ilustram tais motivações:

(09) [...] **comecei a observar** um senhorzinho, bem mais velho, daqueles que usam o chapéu para sair de casa, que ia de barraca em barraca, parava em todos os grupos de conversa para puxar assunto, observava as frutas, mas nada comprava. (C1.OLP.09)

(57) Admirada, agora **observo** da janela da minha casa aquele cenário novo, sem a majestosa, sentindo falta de ver a minha velha amiga que costumava contemplar, da árvore que intitulou o meu bairro, que embelezava, purificava o ar e guardava a história do lugar onde vivo. (C8.OLP.57)

(113) O barulho das dobradiças antigas da porta me acordou. Levantei-me sonolento. Levemente, passei os polegares nos olhos e olhei para a porta. Por ela, **vi** meu pai entrando, cabisbaixo e cansado, pois passara a noite trabalhando. (C22.OLP.113)

Na ocorrência (09), a locução verbal apresenta o Estado-de-Coisas como obtido de forma direta. Baseado na sua experiência sensorial, o narrador-personagem descreve as características daquele senhor a partir do que vê.

Em (57), percebemos que, ao descrever o novo cenário observado, por meio da percepção direta daquele Estado-de-Coisas, o narrador utiliza a primeira pessoa para se colocar como fonte da informação, conferindo-lhe maior confiabilidade sobre o que descreve.

No exemplo (113), o narrador descreve o evento observado, atribuindo um tom concreto e sensorial à narrativa. Assim, ele permite que, além dele, o leitor visualize e sinta a cena.

Logo, a percepção de eventos é uma importante marca evidencial que contribui para a construção organizacional dos textos narrativos, pois uma das características essenciais de uma crônica é o olhar do cronista para o cotidiano, para os detalhes da vida que, às vezes, passam despercebidos. As crônicas analisadas apresentam temáticas que permeiam acontecimentos e situações do dia a dia, trivialidades, observações pessoais e reflexões sobre a vida cotidiana ou sobre a sociedade, costumes, valores, políticas e questões relevantes do contexto em que é escrita, por isso é tão importante a percepção do autor sobre esses temas.

Por fim, apresentamos o subtipo Dedução que ocorreu em nossa amostra textual com percentual menor, apenas 8,7% do total das ocorrências. Há indícios de que ele foi utilizado nas crônicas como uma estratégia evidencial que pode ajudar o leitor a reforçar a lógica dos eventos narrados, permitindo que ele acompanhe os desdobramentos da história de forma coesa e previsível. A ocorrência (19) ilustra essa marca:

(19) Nesse instante, foi imediata a lembrança das aulas de História e viajei direto para o Antigo Egito, pois aquilo que eu vira ali era a cópia fiel dos braços de uma dançarina egípcia, mas ao observar com mais atenção, **percebi** que essas dançarinas não tinham todo aquele molejo e comecei a reparar melhor e, se não fosse pela indumentária, poderia dizer com toda a convicção que Michael Jackson não havia morrido e tinha vindo se esconder nessas bandas do Norte do Brasil. (C3.OLP.10)

Na ocorrência acima, a evidencialidade é manifestada pelo subtipo Dedução, em que o narrador, ao observar as dançarinas, chegou à conclusão de que elas não tinham todo o gingado que parecia ter. Como mencionamos no capítulo 5, a Evidencialidade deduzida

caracteriza-se pelo um evento percebido na situação comunicativa, que leva a elaboração de um Episódio, por meio de raciocínio dedutivo.

A seguir, analisamos os diferentes tipos de fontes utilizadas na construção das crônicas.

6.2.2 Fonte da informação

Consideramos a identificação da fonte da informação como uma importante estratégia para reconhecermos aspectos essenciais da evidencialidade, pois, ao revelar a fonte da informação e o modo de obtenção da informação, o Falante mostra o seu comprometimento sobre o conteúdo que está veiculando. Além disso, possibilita-nos o reconhecimento dos subtipos evidenciais ao dar pista sobre o modo como obteve a informação. Partindo da hipótese de que, as crônicas se caracterizam pela visão subjetiva do narrador e por sua percepção direta dos fatos narrados, supomos que a fonte evidencial mais recorrente seja o próprio autor, o qual chamamos de sujeito-enunciador.

A tabela 4 mostra os resultados relacionados a essa categoria:

Tabela 04 - Tipos de Fonte da informação no gênero textual crônica

		Frequência	Percentual (%)
Fonte da informação	sujeito-enunciador	100	57,8
	fonte externa definida	56	32,4
	fonte externa indefinida	15	8,7
	domínio comum	2	1,2
	Total	173	100

Fonte: Elaborada pela autora com o uso do programa SPSS.

Os dados obtidos revelam que a fonte mais usada nas crônicas analisadas é a que denominamos sujeito-enunciador, conforme supomos. Isso pode se dever ao fato de que esse gênero textual apresenta como característica principal a subjetividade do narrador, por meio de percepções diretas, raciocínios, deduções e inferências. Essa estratégia demonstra o nível de comprometimento com as informações ditas, o que torna a narrativa pessoal e sensorial, permitindo que o leitor acompanhe a experiência como se estivesse presente, garantindo, assim, a presença recorrente da narração em 1ª pessoa do singular.

A seguir, apresentamos os exemplos (46) e (134) que explicitam a referida fonte:

(46) Sábado de manhã, abri a janela e o canto dos pássaros chamou-me a atenção. **Observei** atentamente as espécies de aves que moravam em uma árvore que margeava o muro de minha casa. (C08.OLP.46)

(134) Enquanto atravessava a ponte sobre o rio Doce, que corta a minha cidade em duas metades – o lado de cá e o de lá, deparei-me com uma cena intrigante. Olhando para baixo da construção e mirando as poucas águas que ainda restam do enorme rio, que já chegou a ser navegável, **observei** um pequeno barco que parecia mais estar encalhado do que flutuando. (C27.OLP.134)

Nas ocorrências explicitadas acima, a fonte da informação é o próprio narrador. Em (46), o canto dos pássaros é um evento percebido que o leva a observar atentamente a natureza ao redor. Ao narrar esse cenário em 1ª pessoa, o narrador-personagem utiliza suas experiências pessoais para construir a subjetividade da narrativa.

Em (134), a percepção direta da paisagem do rio e a inferência sobre a condição daquela embarcação mostra a visão pessoal do narrador, tornando a narrativa imersiva e conectada a questões sociais e existenciais que levam o leitor a refletir sobre elas.

As ocorrências, a seguir, exemplificam as demais fontes encontradas em nosso *corpus*:

(32) Foi nesta hora que a dona Albertina, minha vó, meteu os pés da cama, levantou-se como uma doida e **começou a gritar** pela casa:
— Homem de Deus, levanta que já vem chuva! Vai ajeitar a bica! (C5.OLP.32)

(42) E nessa volta, loucura mesmo é passar pelo “Caminho das Índias” – é assim que **chamam** a Cachoeirinha na hora do rush. (C7.OLP.42)

(120) **Sabemos** que de garagens saem boas bandas, tem lojinhas que funcionam em garagens, costureiras e doceiras usam muito bem suas garagens. Mas, sala de aula, para uma turma inteira?! É terrível... (C23.OLP.120)

Em (32), a fonte externa definida (dona Albertina) está anteposta a marca evidencial introdutora do discurso direto, ficando evidente que ela se constitui como a fonte da informação relatada. Em (42), ao utilizar o verbo flexionado na 3ª pessoa do plural, o narrador não revela a fonte da informação reportada por ele. Já em (120), o narrador é responsável pela expressão de um conhecimento amplamente compartilhado, ou seja, de conhecimento geral.

Geralmente, essas fontes são utilizadas quando o autor quer produzir o efeito de baixo comprometimento em relação ao conteúdo veiculado. Porém, percebemos que, nas crônicas, esse recurso pode ser utilizado para construir a cena, o ambiente e o tom da história narrada,

fazendo com que haja um maior envolvimento com o público-leitor. Por isso é importante relacioná-las com os aspectos pragmáticos.

Na próxima seção, analisamos os aspectos pragmáticos evidenciados neste estudo.

6.3 Análise dos aspectos pragmáticos da evidencialidade

Nesta seção, respondemos ao questionamento quanto ao uso das marcas evidenciais como estratégias discursivas para mostrar maior ou menor grau de comprometimento do falante sobre o conteúdo veiculado. Para isso, investigamos a categoria que indica essa manifestação: i) níveis de comprometimento (alto, médio e baixo). Apresentamos, na subseção a seguir, os resultados encontrados em nossa pesquisa.

6.3.1 Níveis de comprometimento

Lucena (2013, p. 89) considera que “a evidencialidade é uma instância semântico-pragmática que atua como uma importante estratégia textual-discursiva” na construção da persuasão em textos argumentativos. Em textos narrativos, especialmente na crônica, que é o gênero que estamos analisando, a evidencialidade também se configura como uma estratégia textual-discursiva muito relevante uma vez que seu uso molda a voz narrativa e influencia a interação com o leitor, funcionando como um recurso estilístico essencial para a construção de sentidos, pois, ao escolher como apresentar os fatos, seja por percepção direta, inferência, dedução ou por relato, o cronista determina o tom do texto, os efeitos de humor, ironia ou reflexão, envolvendo o leitor no processo interpretativo da narrativa.

Para o nosso estudo, assumimos que os diferentes graus de comprometimento, de acordo com o propósito comunicativo do narrador, podem contribuir para que haja a aproximação ou distanciamento do leitor aos eventos narrados.

Assim, acreditamos que, nas crônicas, pelas suas características composicionais, cujo propósito comunicativo é manter essa conversa “ao pé do ouvido” com o leitor, o narrador demonstrará um alto nível de comprometimento diante dos fatos narrados, estabelecendo, dessa forma, uma aproximação com o seu público-leitor.

Além disso, percebemos que as marcas evidenciais que indicam baixo comprometimento do autor sobre as informações apresentadas em gêneros textuais argumentativos, no gênero crônica, exercem funções diferentes. Podemos citar como exemplo o recurso da citação. Normalmente, ele é utilizado em um enunciado para legitimar o discurso e fortalecer a argumentação do autor, e, por consequência, reduz o comprometimento dele já que transfere a responsabilidade da afirmação para outra fonte.

Diferente disso, o uso dessa estratégia evidencial na crônica não tem o objetivo de legitimar um argumento, tampouco de manifestar o descomprometimento do autor em relação à informação. Quando o autor escolhe usar informações relatadas, é porque estas colaboram com a construção das cenas narradas, criando um ambiente verossímil, além de atribuir a elas um tom de informalidade, características que são próprias desse gênero textual.

Podemos dizer então que a presença constante de diálogos e de informações relatadas são características comuns em crônicas. Nesse cenário, o cronista pode escolher quais falas reproduzir e como estruturá-las. Isso não significa dizer que essas marcas evidenciais (citativas ou reportadas) anulam a subjetividade do texto e provocam o distanciamento do leitor.

A tabela 5 mostra o resultado da análise do nosso *corpus* nesta categoria:

Tabela 5 - Níveis de comprometimento apresentado nas crônicas

		Frequência	Percentual (%)
Níveis de comprometimento	alto	73	42,2
	médio	28	16,2
	baixo	72	41,6
	Total	173	100

Fonte: Elaborada pela autora com o uso do programa SPSS.

Podemos perceber que, nas crônicas analisadas, os dados apontam para uma relação paradoxal entre o alto e o baixo nível de comprometimento do narrador em relação às informações asseveradas, com os percentuais de 42,2% e 41,6%, respectivamente, do total de ocorrências.

Como sabemos, marcas que revelam o alto comprometimento mostram que o narrador tende a assumir para si a responsabilidade por tais informações, principalmente quando deseja aproximar o leitor de sua narrativa. Vejamos a ocorrência que ilustra esse contexto:

(129) Vendo o animal pequeno no tamanho e gigante na coragem carregando aquele galho, cambaleando no ar, **penso** comigo mesmo: estaria ele construindo seu ninho? (C26.OLP.129)⁴²

⁴² Essa ocorrência apresenta uma estrutura diferente dos casos prototípicos de evidencialidade inferida, pois o falante elabora seus enunciados na forma de discurso direto, lançando mão de marcas gráficas como os dois pontos. Vidal (2021, p. 112) considerou essa característica como uma espécie de “autorreportatividade”, isto é, o falante codifica o que se originou em sua mente (um construto mental), em seu solilóquio, na forma de discurso direto, reportando, assim, o pensamento ocorrido em um dado momento. De discurso direto, reportando, assim, o pensamento ocorrido em um dado momento. De acordo com a autora, mesmo apresentando a

Em (129), o narrador revela o alto grau de comprometimento pelo uso da marca evidencial verbal flexionada em 1ª pessoa do singular, cujo Conteúdo Proposicional é construído a partir da inferência feita sobre o movimento realizado pelo pássaro. Essa estratégia já era esperada por conta das características do gênero textual em análise.

Por outro lado, as marcas de baixo comprometimento são usadas normalmente para distanciar o autor e deslocar a responsabilidade da informação para outra fonte e, por isso, não esperávamos tantas ocorrências, tendo em vista que a neutralidade e o distanciamento das informações não são características que compõem uma crônica.

Diante desse paradoxo, buscamos explicar algumas possíveis razões que contribuíram para que tivéssemos esse resultado. O primeiro fato que observamos foi que além da sequência narrativa predominante no gênero textual pesquisado, em muitas crônicas, constatamos a presença marcante da sequência dialogal, uma característica comum utilizada pelos autores na construção das crônicas. Logo, se há muitos diálogos nas narrativas, haverá também uma mudança na escolha das estratégias evidenciais, o que leva o narrador a usar, em algumas construções textuais, marcas de baixo comprometimento.

É importante ressaltar que, embora classificamos essas marcas como de baixo comprometimento, nas crônicas, elas desempenham funções pragmáticas diferentes, cujo efeito de sentido diverge do que tradicionalmente revelam essas marcas. Eis o exemplo:

(153) — Simbora, Dorival! – **gritou** o genitor para o menino, que ainda cutucava o mesmo saco de lixo.
— Espera, pai! Deixa ver se eu acho a perna – **gritou**, ansiosa, a criaturinha.
(C31.OLP.153)

Em (153), o narrador opta pela transcrição literal da fala do outro, com a inclusão de várias falas diretas que reproduzem as palavras dos personagens. No entanto, como já mencionamos, o uso frequente de marcas de baixo comprometimento no gênero textual crônica não tem a função de distanciar o narrador, mas sim de criar envolvimento, inserção e subjetividade às narrativas.

característica de “autorreportatividade”, tais usos não poderiam ser classificados como Reportatividade, uma vez que o marcador evidencial veicula um Conteúdo Proposicional do próprio falante, e, como sabemos, a Reportatividade é uma subcategoria evidencial que se caracteriza pela veiculação de Conteúdos Comunicados por um outro falante ou compartilhados por um dado grupo.

Na crônica, o autor escolhe quais falas incluir, como organizá-las e qual tom dar a elas. Mesmo que os diálogos, que são as marcas que representam o baixo comprometimento nos textos analisados, sejam objetivos, o modo como apresentado carrega subjetividade. Vejamos o exemplo (58):

(58) Se o peregrino sentir fome, os agenciadores de restaurantes **gritam** mais que cigarra em noite de verão:
 — Olha o almoço, almoço! É baratinho e gostosinho!
 — Comida caseira, quentinha, na hora!
 — Vamo comê, gente, aqui criança não paga, quem paga é o pai ou a mãe!
 (C10.OLP.58)

Na ocorrência acima, embora apresente marcas de baixo comprometimento, as quais manifestadas pela presença dos dois pontos que introduzem o discurso direto, com a transcrição literal da informação trazida por outro personagem, ela não apresenta o efeito de sentido decorrente do uso dela. A comparação "gritam mais que cigarra na noite de verão" já traz uma interpretação do narrador sobre o comportamento dos vendedores, ele escolheu trazer essa fala e moldá-la no ritmo da oralidade popular, reforçando a atmosfera da cena e criando uma aproximação com o seu leitor.

Portanto, no gênero textual crônica, os diálogos, que poderiam sugerir um distanciamento do narrador para com as informações narradas, são utilizados como recursos linguísticos que criam dinamismo, ritmo e realismo às histórias, colocando o leitor dentro da cena.

Essa relação paradoxal entre o baixo e o alto nível de comprometimento na crônica mostra que o narrador pode parecer descomprometido em termos de exatidão factual, mas essa escolha é, na verdade, uma estratégia discursiva que fortalece a interação com o leitor, por meio da heterogeneidade narrativa.

Outra análise importante que reforça a nossa teoria é o cruzamento dos dados entre a fonte da informação e o grau de comprometimento acerca do conteúdo asseverado. O resultado revela, conforme observamos na tabela 6, que, quando o autor coloca-se como fonte da informação, as estratégias de alto comprometimento com o que está sendo dito ficam muito claras e bem marcadas sintaticamente, e, dessa forma, o narrador consegue facilmente estabelecer uma relação de confiabilidade com o público leitor, aproximando-o de sua narrativa.

Tabela 6 - A relação entre a fonte da informação e o nível de comprometimento

		Fonte da informação				
		sujeito enunciador	fonte externa definida	fonte externa indefinida	domínio comum	Total
Níveis de comprometimento	alto	73	0	0	0	73
	médio	28	0	0	0	28
	baixo	0	55	15	2	72
Total		101	55	15	2	173

Fonte: Elaborada pela autora com o uso do programa SPSS

Todavia, em outras situações narradas, o autor faz a escolha de usar marcas evidenciais que podem sugerir um baixo nível de comprometimento, ao reportar a fala do outro dentro do seu Ato discursivo, seja por meio da transcrição literal da informação reportada, seja reescrevendo a partir do seu ponto de vista. Isso acontece porque, nas crônicas, essas marcas não são simples transcrições que buscam distanciar o narrador das informações. Na verdade, elas cumprem uma função narrativa, de combinar elementos factuais com a sua subjetividade. Ou seja, o cronista usa elementos de observação, colocando-os de forma direta nas narrativas, mas sempre com um olhar pessoal sobre a cena, causando, com isso, uma aproximação com o leitor.

Portanto, ainda que esteja presente relatos de outras fontes dentro da narrativa que possam sugerir descomprometimento, o tom subjetivo e reflexivo que permeiam o gênero crônica faz com que o cronista reforce a sua posição interpretativa e crítica, pois, ao selecionar falas e estruturar o discurso, demonstra com essa atitude um alto nível de comprometimento sobre o que considera relevante narrar, sempre com seu olhar subjetivo.

Nas ocorrências a seguir, é possível notar essa construção narrativa que, mesmo com informações reportadas de fontes externas, o narrador consegue assegurar seu comprometimento com os eventos narrados e estabelecer uma relação de proximidade com o seu público leitor. Vejamos:

(75) Diante da confusão o que mais chamou-me a atenção foi quando um dos homens, funcionário de uma das funerárias, **disse** que o serviço de sua empresa era completo, o melhor da região, pois incluía tudo o de melhor que havia no mercado, até lembrancinhas para os “convidados”, podendo a família optar pelos tradicionais santinhos, por flores e até por um doce batizado de “bem-velado”.(C14.OLP.75)

(38) Certa vez, na escola estadual, que é pequena, onde todos se conhecem, chegou uma aluna nova. Muito bela e simpática. Chegou de algum lugar do Estado de São

Paulo, a cidade não me recordo. Mas **dizem** que ela era bem comunicativa, e bela. (C06.OLP.38)

Na ocorrência (75), embora formalmente a responsabilidade do enunciado esteja deslocada para o funcionário da funerária, a maneira como o narrador apresenta a fala não é neutra. O cronista destaca elementos inusitados e irônicos, como o fato de a funerária oferecer "lembrancinhas" e um doce chamado "bem-velado" (em referência ao bem-casado). Isso cria um efeito de estranhamento no leitor, sugerindo que há uma crítica implícita ou, pelo menos, um olhar curioso sobre a situação.

Além disso, a frase "Diante da confusão, o que mais me chamou a atenção..." indica que o narrador não é um mero transmissor do fato, mas alguém que interpreta os acontecimentos a partir de seu ponto de vista. A escolha da expressão "o melhor da região" e a lista de itens oferecidos pela funerária sugerem um tom sarcástico ou de estranhamento, pois o contexto (um funeral) contrasta com a lógica comercial que a fala do funcionário transmite. Portanto, o narrador, ao destacar isso, não está apenas informando, mas também trazendo uma reflexão crítica sobre a mercantilização da morte.

De forma parecida, na ocorrência (38), o narrador apresenta o conteúdo reportado na forma de discurso indireto. Ou seja, o conteúdo reportado é apresentado da perspectiva do narrador ao parafrasear a fala do sujeito reportado. Como o narrador não assume diretamente a informação, isso poderia ser interpretado como baixo comprometimento. No entanto, o modo como o enunciado é construído mantém um alto grau de subjetividade e envolvimento do narrador, o que é um aspecto típico da crônica. A escolha de palavras como "bela e simpática" já indica um julgamento subjetivo. A indecisão e a memória do narrador sobre a cidade a qual pertence a garota criam um efeito de proximidade com o leitor. "Dizem que..." reforça um tom de boato, não de distanciamento real. Aqui, a estrutura dá um tom de fofoca, de conversa do cotidiano, e não de neutralidade.

Diante do exposto, chegamos à conclusão de que as marcas de subjetividade, característica do gênero crônica, impedem que elementos indicativos de baixo comprometimento criem distanciamento com o leitor, mesmo quando o narrador opta por utilizá-los. Isso ocorre porque essa escolha gera outros efeitos de sentido, cuja função discursiva é justamente aproximar o leitor da narrativa.

No próximo capítulo, expomos nossas considerações finais, refletindo sobre as contribuições desta pesquisa para o estudo da evidencialidade no português brasileiro e seus desdobramentos para futuras investigações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou, a partir de uma abordagem funcionalista, como a evidencialidade se expressa em textos finalistas pertencentes ao gênero crônica, produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Brasil, para a 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que a caracterizam nos textos em análise.

Adotamos, nesta dissertação, o Funcionalismo Linguístico, mais especificamente, a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), por estabelecer um modelo de descrição gramatical completo, partindo das intenções comunicativas do Falante para expressão das unidades linguísticas. Em outras palavras, entendemos que essa teoria contempla aspectos cognitivos e pragmáticos que atrelam as funções das expressões linguísticas ao seu contexto de uso, característica primordial para o estudo da evidencialidade. Assim, essa abordagem funcionalista ajudou-nos a compreender, a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva da linguagem, a construção mais reflexiva e subjetiva que conferimos ao gênero crônica.

Neste estudo, analisamos um *corpus* de 38 crônicas que foram produzidas para a 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa e estão disponíveis no portal Escrevendo o Futuro. A partir da questão norteadora que está relacionada com a forma da manifestação da evidencialidade nas crônicas, selecionamos, com base na GDF, as seguintes categorias de análise: i) quanto aos aspectos sintáticos, os meios linguísticos e a posição do item evidencial; ii) quanto aos aspectos semânticos, o tipo evidencial e a fonte da informação; e iii) quanto aos aspectos pragmáticos, o nível de comprometimento.

Procuramos, por meio das categorias mencionadas, responder aos seguintes questionamentos: a) Quais meios linguísticos são utilizados como marcas evidenciais nas crônicas da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa? b) De que forma é delimitada a fonte das informações veiculadas no gênero textual crônica, conferindo maior ou menor grau de comprometimento sobre o que é dito? c) Há um tipo de evidencialidade (subcategoria) mais frequente nos textos finalistas pertencentes ao gênero crônica?

Para a análise quantitativa dos dados coletados no *corpus* em relação às categorias definidas, utilizamos o programa SPSS (Statistical Package for Social Science, versão 30.0 para Windows). Essa ferramenta permitiu calcular a frequência de uso e realizar cruzamentos entre as categorias de análise, facilitando a construção da abordagem quantitativa e proporcionando maior precisão na análise qualitativa dos dados, alinhada à teoria adotada.

Em relação aos aspectos sintáticos, analisamos os meios linguísticos que manifestam a evidencialidade bem como a posição que a marca evidencial ocupa no enunciado. Os dados mostraram que o verbo constitui o meio de expressão lexical mais frequente, com 97,1%, considerando o universo das ocorrências, corroborando o resultado de outras pesquisas que também confirmaram a prototipicidade da classe verbal na manifestação da evidencialidade no português brasileiro. Percebemos que, na construção das crônicas, há uma prevalência do uso de verbos de percepção e cognição, pois, ao utilizar esse recurso, os estudantes-cronistas marcam sua experiência individual com os fatos narrados e revelam o seu ponto de vista, convidando o leitor a compartilhar essa percepção. Em relação à classe dos adjetivos e dos substantivos, encontramos um número muito baixo de ocorrências, equivalente a 1,7% e 1,2%, respectivamente. Nas demais classes investigadas nesta pesquisa, não identificamos ocorrências.

Quanto à posição da marca evidencial no enunciado, constatamos a preferência pela posição inicial. Acreditamos que isso tenha ocorrido porque prevalece, em nosso *corpus*, as marcas inferenciais e, geralmente, os verbos que admitem essa função evidencial assumem o lugar da fonte da informação, que, na maioria dos casos, está subentendida na desinência verbal. Além disso, a crônica é um gênero que possui uma flexibilidade na sua construção, cujo sentido depende do tom empregado pelo autor a partir do seu propósito comunicativo.

Em relação aos aspectos semânticos que caracterizam a evidencialidade, verificamos quais subtipos evidenciais são mais frequentes no gênero crônica e quais fontes de informação manifestam-se nesses textos. No que tange aos subtipos evidenciais, os dados revelaram uma maior recorrência da evidencialidade inferida em relação aos outros subtipos, confirmando a nossa hipótese inicial. Isso ocorre porque ela mostra a capacidade cognitiva humana de construir um enredo baseado em informações prévias ou contextuais. Ou seja, essa marca evidencial desempenha uma função subjetiva na crônica, refletindo as impressões e interpretações pessoais do narrador acerca dos eventos narrados. Portanto, ela tem um papel significativo na estrutura composicional dos textos narrativos.

Quanto aos tipos de fontes, constatamos que o próprio narrador constitui-se como principal fonte das informações, o que já esperávamos diante da estrutura composicional do gênero crônica. Isso significa dizer que os textos são carregados de subjetividade, marcada morfologicamente pelo uso da 1ª pessoa do singular e semanticamente pelo uso de inferências, deduções e percepção direta dos fatos que compõem as narrativas.

Em relação aos aspectos pragmáticos, analisamos os níveis de comprometimento em relação ao conteúdo veiculado. Assumimos que os diferentes graus de comprometimento, de

acordo com o propósito comunicativo do narrador, pode contribuir para que haja a aproximação ou distanciamento do leitor aos eventos narrados. Os dados apontam para uma relação paradoxal entre o alto e o baixo nível de comprometimento do narrador em relação às informações elencadas na narrativa porque embora conste, em nosso *corpus*, a presença de marcas que caracterizam o baixo comprometimento, o efeito de sentido decorrente do seu uso não é de distanciar o leitor. Ao utilizar essas marcas, o autor busca trazer para o texto a heterogeneidade narrativa, em que a combinação de elementos factuais e subjetivos conferem à crônica suas características de ser um texto simples, leve e envolvente, como uma “conversa ao pé do ouvido”. Portanto, ainda que esteja presente relatos de outras fontes dentro da narrativa que possam sugerir descomprometimento, o tom subjetivo e reflexivo que permeiam o gênero crônica faz com que o cronista reforce a sua posição interpretativa e crítica, pois, ao selecionar falas e estruturar o discurso, demonstra com essa atitude um alto nível de comprometimento sobre o que considera relevante narrar, sempre com seu olhar subjetivo.

Este estudo mostrou-se bastante significativo para o avanço das pesquisas sobre o funcionamento linguístico e funcional da evidencialidade em língua portuguesa, considerando sua relação com fatores cognitivos e discursivos provenientes das práticas narrativas. No entanto, ressaltamos que as possibilidades de investigação sobre a evidencialidade permanecem abertas. Tendo em vista que o tempo foi um fator de limitação em nosso trabalho, uma possibilidade de ampliar a investigação que fizemos seria comparar as crônicas de diferentes edições da Olimpíada ou de distintas faixas etárias, verificando se há variações nas estratégias evidenciais conforme o amadurecimento linguístico e cognitivo dos estudantes. Essa comparação poderá revelar, por exemplo, se os alunos do ensino médio tendem a empregar as mesmas marcas evidenciais do que os do ensino fundamental, demonstrando qual relação o aluno tende a estabelecer em seu contexto comunicativo.

Outra possibilidade de estudo seria a aplicabilidade da pesquisa, voltada à formação de professores de língua portuguesa e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas para o ensino de produção textual. Os resultados da análise poderiam dar subsídios à elaboração de propostas didáticas que explorem a evidencialidade como recurso de autoria, posicionamento e responsabilidade discursiva, principalmente em gêneros argumentativos e opinativos. Ao compreenderem como os estudantes recorrem a diferentes fontes de informação para construir seus textos, os docentes poderão orientar a escrita de crônicas mais conscientes e reflexivas, fortalecendo o protagonismo juvenil e o letramento crítico.

Seria relevante também pesquisar outros gêneros narrativos para verificar se, de fato, os efeitos de sentido decorrentes do uso da evidencialidade nas crônicas se mantêm.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria luiza M; ABAURRE, Bernadete Maria. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar**. São Paulo: Moderna, 2012.

ADAM, J. M. (2008). **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez.

AIKHENVALD, A. Y. **The web of knowledge: Evidentiality at the cross-roads**. Leiden; Boston: Brill, 2021.

AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality: the framework. In: AIKHENVALD, A. Y. (ed.). **The Oxford handbook of evidentiality**. New York: Oxford University Press, 2018a. p. 1-44. DOI 10.1093/oxfordhb/9780198759515.013.1. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/38177/chapter-abstract/333045073?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 25 ago. 2024.

AIKHENVALD, A. Y. (ed.). **The Oxford handbook of evidentiality**. New York: Oxford University Press, 2018b. DOI 10.1093/oxfordhb/9780198759515.001.0001. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/38177>. Acesso em: 25 ago. 2024.

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change and mental maps: typologically regular asymmetries. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Ed.). **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **“Fragmentos sobre crônica”**, in: Enigma e comentários. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHITIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERNARDO, Kellivania da Silva. **O uso dos recursos linguísticos de modalidade epistêmica e evidencialidade na construção discursiva das redações de nota máxima do ENEM**. 2023. 217 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

BRONCKART, J-P. (2003). **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC.

CALDAS, Jane Eyre Martins. **Evidencialidade e gramaticalização: uma análise discursivo-funcional de verbos de percepção em espanhol**. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021.

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARIOCA, Cláudia Ramos. **A evidencialidade em textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo**. 2009. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2009.

CEZARIO, B. As Categorias de evidencialidade em wa'ikhana (tukano oriental). **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 4, p. 1054-1075, 6 nov. 2020

CEZARIO, B. **A evidencialidade em Wa 'ikhana (Tukano Oriental): uma proposta funcional tipológica** 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

DALL'AGLIO-HATTNER. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 40, p. 151-173, 1996 - estudos lexicológicos e lexicográficos. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4002/3672> . Acesso em 16 de fev. de 2023.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 81-108.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.

FERREIRA, Paulo Roberto Sousa. **Análise da evidencialidade em artigos de opinião do jornal "Diário do Nordeste" do Estado do Ceará**. 2023. 136f: Dissertação (Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

GALVÃO, V. C. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que**. 2001. 241f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

GIVÓN, Talmy. Prospectus, Somewhat Jaundiced. In: GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HATTNHER, M. M. D.; HENGVELD, K. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 15, n. 1, p. 1–14, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/jpl.1>.

HATTNHER, Marize Mattos Dall’Aglío. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 8, v. 8, número especial, p. 98-111, set. 2018.

HENGVELD, K.; FISCHER, R. A’ingae (Cofán/Kofán) **Operators**. *Open Linguistics*, 4, p. 328-355, 2018.

HENGVELD, Kees; HATTNHER, Marize Mattos Dall’Aglío. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015. Available at: <<http://hdl.handle.net/11449/128838>>. Acesso em 24 de ago. de 2022.

HENGVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. **Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure**. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.

HENGVELD, Kees; MACKENZIE, Lachlan. A gramática discursivo-funcional. (Trad. Marize Matos Dall’aglio-Hattnher) In: SOUZA, Edson Rosa (Org.) **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012.

HENGVELD, Kees. Illocution, mood and modality in a functional grammar of spanish. In: **Journal of Semantics**, v. 6, 1988, p. 227-269.

KAPP-BARBOZA, Aline Maria Miguel. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. 165f. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2017.

LAGINESTRA, M. A.; PEREIRA, M. I. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos**. 7. ed. SP: CENPEC, 2021.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LUNA, T. S. e. **Ensino do gênero crônica na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: ecos da tradição e novas práticas**. 2019. 513 f. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MAIA, Luana Ingrid Gomes; PRATA, Nadja Paulino Pessoa; VIDAL, Renata Pereira. La evidencialidad en entrevistas de diarios argentinos. Miguilim – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato (CE), v. 8, n. 2, p. 568-588, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52768>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.

MARCUSCHI, L. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. et alii (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual. Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MIRANDA, Amanda Freiburger. **A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso jornalístico**. 2021. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto - São José do Rio Preto, 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIMPIÁDA de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. **O lugar onde vivo**. Textos finalistas. 6. ed. SP: CENPEC, 2019.

OLIVEIRA, Valdineia Aparecida dos Santos. **Uso de enunciados proverbiais em crônicas na Olimpíada de Língua Portuguesa**. 2015. 370f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

PEZATTI, E. G. **A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Araraquara, SP: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 1992.

PINTO, Manuel da Costa. Crônica, o mais brasileiros dos gêneros literários. In: Antologia de crônicas: crônica brasileira contemporânea. São Paulo: Moderna, 2005. p. 7-13.

SILVA, Izabel Larissa Lucena; NOGUEIRA, Márcia Teixeira. A expressão da evidencialidade no contexto de gêneros textuais. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 7, v. 7, n. 4 esp., p. 130-147, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/24395>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.

SILVA, Izabel Larissa Lucena. **A expressão da evidencialidade no português escrito do século XX no contexto dos gêneros textuais**. 2013. 224f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.

SILVA, Vítor Henrique Santos. Padrões morfossintáticos da inferência e da dedução em língua portuguesa. **Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 1, p. 346-363, 2020.

SIMON, Luiz Carlos. **Duas ou três páginas despretensiosas: a crônica de Rubem Braga e outros cronistas**. Londrina: EDUEL, 2011.

TIMÓTEO, Lidianeiza de Moura. **As manifestações epistêmicas e evidenciais como marcas de (des)comprometimento em artigos científicos**. 2011. 140 f. Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

VENDRAME, Valéria. **Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa**. 2010. 173 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100108>>.

VERHEES, S. Defining evidentiality. **Voprosy Jazykoznanija**, v. 6, p. 113-133, 2019. DOI 10.31857/S0373658X0007549-2. Disponível em: <https://vja.ruslang.ru/en/archive/2019-6/113-133>. Acesso em: 10 out. 2024.

VIDAL, Renata Pereira. **Usos evidenciais dos verbos de cognição em língua espanhola: uma análise Discursivo-Funcional**. 2021. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

WILLET, T. A. Cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. In: **Studies in Language**, v. 1, n. 12, 1988.

ANEXOS - CRÔNICAS DA OLIMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

C1.OLP -O APANHADOR DE ACALANTOS

O sol estava dando um bom dia tímido nas primeiras horas daquela manhã de terça. Estávamos a caminho da feira da cidade. Meus colegas e minha professora já discutiam os assuntos, sabores e cores que encontraríamos lá.

O ônibus mal parou e eles já estavam na porta esperando ansiosamente para sair. A feira é pequena, típica do tamanho da cidade, situada abaixo da prefeitura. Ao seu lado, fica a linha do trem, margeada por quaresmeiras, uma ao lado da outra, num abraço roxo e rosa sem fim, cismando em querer dar boas-vindas ao trem que passa carregando nossas riquezas minerais, entre elas, o famoso nióbio.

A manhã estava fria. Via-se o vaivém das pessoas. A feira estava lotada e era difícil caminhar pelos estreitos corredores formados pelas barracas e pelo congestionamento dos passantes, cada qual com suas sacolas. Alguns colegas estavam tirando fotos, outros degustando e descobrindo sabores e eu, observando as pessoas. Ao longe, a igreja branca em cima do Morrinho do São João, nosso cartão-postal, parecia abençoar o nosso dia. Entre todas as pessoas, comecei a observar um senhorzinho, bem mais velho, daqueles que usam o chapéu para sair de casa, que ia de barraca em barraca, parava em todos os grupos de conversa para puxar assunto, observava as frutas, mas nada comprava. Eu, ali, fígada por algum encantamento vindo daquela figura magra e simpática, passei a observá-lo mais de perto, chegando a ouvir suas risadas e conversas.

Às vezes, pegava uma laranja e cheirava:

— As de hoje não têm mais aquele perfume... “Sassinhora”! Que saudade!

Parecia querer encontrar ali um cheiro que o transportasse à infância, à mocidade, à felicidade! Dali a pouco, ajudava algum feirante a colocar frutas na sacola de um cliente; ora entrava em grupo de conversas e falava sobre a política da cidade, sobre suas dores, sobre os netos que já estavam grandes e não o visitavam mais; ora falava sobre o tempo... ah, o tempo... o que ele fez àquele senhor?

Percebi que ali na feira, ele estava em busca de algo, não para saciar sua fome, mas para acalantar seu coração solitário: atenção, carinho, risos, sentimento de ainda pertencer ao lugar e de ter com quem conversar. Fiquei imaginando o quanto as pessoas mais velhas podem se sentir sozinhas no vazio de suas casas. Em muitas famílias, os adultos saem para trabalhar, os jovens para estudar e os idosos ficam à mercê de ver o tempo passar. Solitários, muitos já perderam seus contemporâneos e não reconhecem mais o mundo vazio em que vivem. Talvez por isso, aquele senhorzinho, tão velhinho, parecia tão feliz e tão acolhido quando encontrava alguém para conversar. Reparei que não era só ele. Ali, havia muitos outros, também mais velhos, sem sacolas nas mãos.

Na hora de ir embora, de longe, fiz um tchau para ele, que me respondeu abanando o chapéu, com um largo sorriso que me fez mais feliz.

Ao chegar em casa, fui para o meu quarto e, como de costume, acessei a internet para entrar em minhas redes sociais. Ali, fiquei horas, postei fotos, comentei com minha professora as impressões do passeio, ouvi minhas músicas... tudo na solidão do meu quarto.

Já era noite e, por mais que eu tentasse, não tirava o velhinho da minha cabeça. Fiquei imaginando ele levantando cedo, tomando seu café, arrumando-se e escolhendo seu chapéu de passeio para ir ao encontro do carinho das pessoas e, talvez, compensar a ausência dos filhos e netos.

Então percebi que, assim como ele, também me encontro numa grande solidão. Estamos o tempo todo conectados, sabemos tudo uns dos outros, em tempo real (mesmo no isolamento de nossos quartos), mas perdemos muito do “olho no olho”, do abraço, do toque, do sorriso verdadeiro que emana felicidade. Aquele velhinho, perdido num mundo tão diferente, e eu, perdida num mundo de indiferenças! Éramos cúmplices!

De uma certa forma, seu exemplo me move a mudanças. Onde será que encontro um chapéu?

C2.OLP - UM RAMINHO DE ARRUDA E UM ROSÁRIO NA MÃO

O dia começa com a aura fria de maio, vovó volta com a lenha no balaio picada por ela antes de eu acordar. Fogo aceso, água fervendo na chaleira de ferro rodeada de pinhão assado na chapa. Agora, com a cuia na mão, está a olhar as galinhas ciscando o milho no terreiro coberto por um feixe de grama aqui e ali, decidindo qual delas seria o almoço a ser servido com polenta. É assim que o dia começa aqui no interior do centro-sul do Paraná, em Faxinal dos Marmeleiros, onde porcos, carneiros e cavalos correm soltos em uma terra que ainda é cultivada coletivamente por alguns, mantendo a tradição dos faxinais. Tão sábia, leva os anos nas costas e a juventude ao seu lado, mesmo tendo tido uma vida dura e desgastante na roça, ainda sente vontade de dançar um xote de vez em quando.

Logo um barulho de carroça, um bater de palmas e um “ô de casa!” indicam visita. Dona Júlia, mulher esguia de cabelos longos presos em um coque amarelado e desajeitado, chega com o filho barrigudinho que esconde a “cetra” nas costas e cascas de mimosa no bolso do casaco. O marido, acendendo o cigarro de palha, fica na carroça ao longe só a observar. Como muitas pessoas, dona Júlia veio atrás de um benzimento ao filho, para curá-lo das bichas (vermes). Vovó é uma benzedeira conhecida por aqui, tem até certificado e carteirinha que regulamenta sua prática, sempre procurada para tirar quebranto, susto, ar no olho, ar no umbigo, peito aberto, machucadura, cobreiro, bugreiro, rendidura, garrafadas... São muitos os pedidos e as simpatias.

Seguindo seu ritual de curandeira, ela acende o toco de vela em seu pequeno e simples altar no velho guarda-louça de madeira com imagens de santos, como o coitado e desbotado Santo Antônio que teve as duas metades coladas depois de eu, acidentalmente, tê-lo derrubado no chão. Ali está também Nossa Senhora Aparecida e o pequeno retrato em preto e branco do monge São João Maria, um andarilho e curandeiro que passou pela região, de casa em casa, batizando as crianças. É considerado santo por aqui, tanto que a água dos olhos d’água, presente no caminho que ele percorreu, dizem ser benta, usada para a reza das benzedeiras e benzedores do Paraná.

Ao lado da chama acesa está o copo. Na água benta, vovó molha o raminho de arruda que já vinha com um pouquinho de orvalho, há pouco colhido do quintal, de onde tira todas as suas ervas medicinais: a erva-cidreira, a hortelã, o capim-limão para vários chás, pomadas caseiras e até como parte de suas simpatias. Um grande quintal do qual sou proibida de tirar ingredientes para brincar de benzedeira, na tentativa de imitá-la por admiração. Além do raminho, ela tem em mãos um rosário feito de sementes com o qual realiza o benzimento com oração própria, inúmeras vezes já repetida, tão rápida que quase não consigo entender, reconheço um Pai Nosso no final quando passa o rosário na cabeça da criança.

O olhar de dona Júlia ao lado do filho é de fé no benzimento. Ao final, seu tímido sorriso é de agradecimento, mas por educação logo pergunta “Quanto é?”, vovó apagando com um sopro a vela diz “Não é nada”. “Deus lhe pague”, finaliza a visitante. Minha avó é benzedeira, curandeira.

Há muitas delas por aqui, cada uma com seu ritual, algumas usam plantas medicinais, outras água benta e algodão, ou peneira, cera, costura com pano, linha e agulha. Mas o que une todas essas pessoas é a fé, representam sabedoria, cultura, história, tradição e religiosidade. É algo de difícil compreensão para alguns, muitos criticam, duvidam, têm preconceito, outros creem firmemente, acreditam nesse dom que, na verdade, acho ser fruto de muita fé, espiritualidade e saber popular. É um ofício tradicional do interior do Paraná que precisa de valorização e respeito. Vovó é uma médica que usa o rosário no lugar do estetoscópio! Já vi a chamarem de feiticeira, mas isso não a abala, tem muita coragem, muita sabedoria no olhar, que traz a cultura e a fé de um povo humilde. Admiro-a em seu ofício de ajudar o próximo, um dom de fazer o bem que passa de geração em geração. Quem sabe eu não seria mais uma benzedeira de Faxinal dos Marmeleiros?

C3.OLP - FU

Quinta-feira, primeiro dia de Expoeste e eu ansiosa e toda produzida de calça, botina e chapéu. Aguardava o dia passar para chegar a noite do mais esperado show, nada mais nada menos do que Manutti. Minha ansiedade crescia a cada minuto do anúncio do carro de som pelas ruas.

Cai a noite, e eu mais cinco amigas seguimos rumo à praça municipal para esperarmos o circular que faz o trajeto do centro ao parque de exposição Laurindo Chapéu de Couro. Ao chegarmos logo ali na subida do morro da Avenida 7 de Setembro, exatamente na faixa de pedestre em frente ao Sorvetão, percebi algo chamando a minha atenção, pois pessoas começavam a se aglomerar, e eu, que não sou gato e só tenho uma vida, não quis morrer de curiosidade e fui lá. Nesse instante, foi imediata a lembrança das aulas de História e viajei direto para o Antigo Egito, pois aquilo que eu via ali era a cópia fiel dos braços de uma dançarina egípcia, mas ao observar com mais atenção, percebi que essas dançarinas não tinham todo aquele molejo e comecei a reparar melhor e, se não fosse pela indumentária, poderia dizer com toda a convicção que Michael Jackson não havia morrido e tinha vindo se esconder nessas bandas do Norte do Brasil.

Aos poucos aquela aglomeração já havia virado uma multidão e não parava de chegar gente. Cada uma com um tipo de reação, algumas ficavam estáticas, outras boquiabertas, algumas assobiavam e, por incrível que pareça, todas sequer piscavam. Eis que de um salto majestoso do chão para o banco, ao som de assobios, gritos e aplausos, o espetáculo toma uma proporção gigantesca, e a empolgação do público faz com que aquele banco se torne a miniatura do palco da Broadway e, ali mesmo, sem aqueles sapatos brilhantes, mas de bermuda listrada, camisa floral abotoada até o pescoço e de gravata laranja, o dançarino desliza de um lado para o outro, joga os ombros para cima e para baixo, sobe e desce, rodopia, segura com uma das mãos na cintura e dá uma sarrada no ar, para e depois acena com as mãos. O público enlouquece e se eleva em gritos e assobios. Pensa que o show acabou? Engano seu. Também havia pensado.

Mas não, foi somente o primeiro ato do espetáculo e para o espanto da plateia, o artista dá um salto mortal carpado triplo de costas e, de pés no chão, deixa o banquinho ao lado do busto da praça Nilo Paulo Balbinot e atravessa a rua virando estrelinhas. Foi esse o momento de maior agitação, pois os gritos e assobios parecem ter triplicado. Ao chegar em frente à loja Varuna, o show recomeça, mas agora o próprio artista escolhe seus espectadores: os manequins, e assim ignora toda aquela gente que também atravessou a rua para segui-lo. No entanto, como uma surpresa, vira de costas para a loja e seus espectadores escolhidos e, de forma esguia e elegante, curva-se e roda as mãos três vezes reverenciando o público e finaliza fazendo um coração com as mãos, depois desce a avenida com rumo ignorado. O público vai ao delírio!

Ali estava eu, juntamente com aquele respeitável público, saindo de um estado de êxtase e entrando no circular, mas confesso, meus caros, perdi até a vontade de ir ao show do Manutti, pois imaginava que não seria mais animado do que aquele espetáculo de graça na rua.

Você pode até pensar que cidades pequenas são todas iguais, que têm apenas praça, loja, lanchonete e posto de gasolina, que as pessoas só falam mal da vida alheia e que sabem mais da nossa vida do que nós mesmos. Se você pensa assim, até certo ponto eu posso concordar, mas a minha cidade é mais que isso, a minha tem o Fu, o dançarino da praça.

C4.OLP - MANOEL E O VENDEDOR DE BUGIGANGAS

Em busca de uma inspiração que me levasse a escrever uma crônica, dirigi-me ao centro da cidade de Campo Grande. Meus olhos estavam famintos de acontecimentos, tanto banais como interessantes, desde que servissem para a composição da minha crônica. Por isso fiquei olhando através do vidro do carro, tudo o que acontecia à minha volta. Observei o cotidiano das pessoas que estavam por ali. Esse centro, aliás, que está sendo revitalizado, para que fique melhor. Meu pai decidiu estacionar em uma vaga permitida, na Avenida Afonso Pena.

Caro leitor, eu estava em busca de algo diferente no cotidiano das pessoas, e na breve caminhada junto com a minha família, avistei um garoto, e ele chamou a minha atenção. Era um vendedor de bugigangas, e ele usava o semáforo fechado para tentar arduamente conquistar a atenção dos motoristas. Quase todos se faziam de desentendidos. Confesso que eu também logo perdi o interesse pela cena, e não dei a devida importância ao fato. Continuei a transitar por ali, distraído com outros acontecimentos. Mas então fiquei com sede e decidi comprar algo para beber.

Na volta, tornei a observar o moleque vendedor com o sorriso contrariado no rosto, o menino sentou-se, esperando a próxima oportunidade para oferecer suas bugigangas. Enquanto isso, eu também esperei, tomando tranquilamente o meu suco, pois o dia estava quente e eu precisava me refrescar. Eu nem percebi que passei a testemunhar tudo o que ele fazia. O sinal abria e fechava, abria e fechava, e ele sempre pronto para trabalhar.

Voltando o meu olhar mais para além, e nas redondezas desses acontecimentos, eu vi que o menino aguardava ao lado da estátua do Manoel da Barros. Agora sim, caro leitor, eu me interessei de fato por tudo o que via e era muito inusitado e diferente. A cena me intrigou. A estátua do Manoel e o moleque pareciam “amigos”, o olhar do Manoel, a meu ver, cuidava dos pertences do garoto enquanto mais uma vez ele saía para oferecer suas bugigangas.

O Manoel sentado em seu sofá, com um sorriso cativante e em seus trajes simples, não se movia, mas parecia ter vida e, de alguma forma, auxiliava os trabalhos do menino.

Eu continuei a fixá-los e me aproximei um pouco mais. Cheguei até a sombra da figueira centenária onde os dois estavam. E ali era bastante fresco e agradável. Descartei a embalagem do meu suco no lixo próximo a eles, e permaneci olhando-os sem que percebessem o meu interesse.

A minha família, que entrara em uma loja, estava de volta e me apressaram para sairmos dali. Melhor jeito que achei, foi fazendo o contrário. Eu diminuí os passos para dar tempo de olhar tudo, estava encantado. E pensei: “Esse vai ser o tema da minha crônica.”

Mais adiante, ainda aproveitei a distração dos meus familiares com as vitrines para ver o Manoel. Manoel dá importância às coisas desimportantes e aos seres desimportantes e preza muito o menino vendedor de bugigangas. Que bom que o menino encontrou um parceiro.

Constatei, ainda, que o Manoel de Barros é poderoso e prestativo mesmo não estando mais entre nós. Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro, e sim aquele que descobre as insignificâncias das pessoas.

O garoto continuou a sua jornada, tentando vender suas coisas de pouco valor. Como disse anteriormente, o centro da minha cidade está sendo revitalizado e as pessoas estão aproveitando para ganhar um dinheirinho, enquanto as obras não terminam. Cada um tentando ganhar o pão de cada dia (se é certo ou não, legal ou contra a lei o que o garoto faz, isto é assunto para outra crônica).

Passei então a observar o ir e vir das pessoas e constatei como elas são apressadas! Então, ouvi uma voz:

— Vamos, Bernardo! Era minha mãe me chamando.

Enfim, era hora de ir embora. Estampeí um sorriso no meu rosto e fiquei admirando a cidade. Depois pensei: “Será que o vendedor de bugigangas tem ideia de quem é Manoel de Barros?”

Quando olhei para trás e vi o menino carregando as bugigangas e se sentando ao lado de Manoel de Barros eu tive certeza de uma coisa: eles eram amigos, e isso era o suficiente. É, caro leitor! Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

C5.OLP - DO TICO-TICO AO CHUÁ, LÁ VEM A CHUVARADA

No verão passado, em uma quarta-feira à noite de muito calor, as muriçocas estavam todas alvoroçadas no nosso pequeno povoadinho de Algodões. Já se aproximava das 22 horas, quando de repente... Tudo mudou! As muriçocas sumiram! O tempo se fechou, nuvens pesadas começaram a se formar, ao longe ouviam-se os trovões, viam-se os clarões iluminando o céu, o vento uivava igual cachorro desvairado. UH! UH! UH! A caatinga cinzenta de tão seca chega estremecia, um grande temporal se aproximava. Os ventos tornaram-se cada vez mais fortes, a caatinga deitava com a força dos redemoinhos, é nesse momento que dá um frio na barriga da gente! Aos poucos começou a gotejar, pequenos, médios, grandes pingos e já se podia ouvir o tico-tico das goteiras. Foi nesta hora que a dona Albertina, minha vó, meteu os pés da cama, levantou-se como uma doida e começou a gritar pela casa:

— Homem de Deus, levanta que já vem chuva! Vai ajeitar a bica! O piaba, tadinho, não para de latir (e o coitado do cachorro a gritar “caim, caim...”)! Cuida, “homê” à toa! Mal terminou de dar as ordens ao marido, já gritava aos filhos:

— Meninos, vêm me ajudar a colocar as panelas nas goteiras, se não vai amanhecer todo mundo nadando! Cuida, gurizada (e a mulher é agoniada)! O diacho desse telhado parece é uma peneira, mas é bom que já junto água!

Detalhe, a chuva ainda nem chegou, mas toda nordestina que se preze tem que fazer esse ritual, se vacilar até os pinicos vão para debaixo das goteiras! Pois é, o povo do Nordeste não pode ver uma gota d’água cair no chão que já se põe em prontidão.

Mas foi nesse momento que tudo aconteceu, pois depois de uma sequência de muitos pingos o céu se derramou em água, “eita que foi água!”. Parecia o dilúvio da Arca de Noé. E assim foram se desenrolando os acontecimentos desastrosos daquela noite, pois mais adiante existe um córrego desbravando uma caatinga mais seca do que vara de bater pecado, e foi por esse córrego que a água desceu desvairada para o povoadinho mais abaixo, a Vila. Porém, no meio desse percurso havia a casinha do senhor Antônio da Maria, popularmente conhecido como Capuco, um senhorzinho do meu lugarzinho, gente fina, mas teimoso que só ele, pois o mesmo achou de construir sua casa na beirada de um córrego, mas avisado ele foi dos perigos daquela empreitada. Contudo, achou que a razão estava apenas com ele, bom, talvez estivesse descrente, faltou-lhe a fé perante a tantos anos de seca. É, mas como Deus escreve certo por linhas tortas, aí foi que o bicho pegou, pois a força da água era tamanha que a coitada da casa foi invadida por um mundaréu de água, lama, galhos, entrou tudo pelo fundo da casa e saiu pela porta da frente, uma coisa de dar dó! Levou tudo! E seu Antônio e sua esposa? Bom, conseguiram fugir a tempo numa carreira desenfreada. “Quem espera tempo ruim é lajedo”, diz o dito popular da minha região, e assim, pernas pra que te quero.

Todos lembram desse acontecimento (e também da teimosia de Seu Antônio), coisa dessa é difícil esquecer, e me parece que até hoje a vizinhança ainda encontra objetos levados pela chuva da casa do Capuco, fato esse que espalhou-se por toda Campo Formoso de tão famoso que foi na nossa região. Bem, quem mora por estas caatingas, Algodões, Vila, Pauzinhos, Boa Vista e em Araras, sabe que demora chover, mas quando chove... Aí a vaca vai pro brejo (Você me entende!), literalmente. Mas quem liga? A gente mesmo é de chuva, é de ver o sorriso de sertanejo, sentir o cheiro de terra molhada, os pássaros a cantar demonstrando gratidão, tanque cheio de água barrenta, sapo a fazer festa, as pessoas simples na janelinha de casa agradecendo a Deus por tudo, todos numa imensa alegria dando as boas-vindas a essas chuvas abençoadas que fazem o nosso sertão florescer, sorrir, encantar e festejar. É difícil explicar, mas uma coisa eu posso lhe garantir, mesmo diante da teimosia, dificuldades e aperreações que o sertanejo enfrenta, nós somos arretados (palavra de nordestino), pois somos um povo lutador, em que a verdadeira felicidade do lugar onde vivo é a simplicidade de um povo sonhador e vencedor.

C6.OLP -ESTRANHA NO NINHO

A natureza humana é algo mesmo impressionante. Porém, mais impressionante ainda é a capacidade do ser humano em entender aquilo como lhe convém. A cultura popular diz que “coração humano é terra que ninguém pisa”, mas nada que se compare à maldade produzida pelo medo do novo, do desconhecido.

Engenheiro Passos, ou só Gererê, para os íntimos, é um desses recantos do interior. Fica no pé da Serra da Mantiqueira, na fronteira entre os estados do Rio, São Paulo e Minas, e talvez por isso, por não se saber ao certo onde começa ou termina cada estado, mas de se ter a certeza de que se está no interior, do interior do interior, onde se está tão acostumado com “o bom e o velho”, aquilo que é novo costuma causar estranheza.

Certa vez, na escola estadual, que é pequena, onde todos se conhecem, chegou uma aluna nova. Muito bela e simpática. Chegou de algum lugar do Estado de São Paulo, a cidade não me recordo. Mas dizem que ela era bem comunicativa, e bela. O tom de verde de seus olhos chamava a atenção, uma verdura que lembrava as calmas águas da baía de Angra e Paraty. Essa novata chegou e fez justiça ao título de Miss Simpatia, o que fez nascer um sentimento de inveja, desconfiança e quem sabe ódio. “Quem ela pensava que era pra chegar e conquistar nossa Gererê assim?”

A doce novata nem imaginava o que a aguardava. Ser bela e comunicativa foi o maior de seus pecados. Como num conto de fadas do interior, nossa bela novata seria vítima da tal inveja feminina, tão comum nos contos. Porém, a maçã envenenada foi a fofoca e o maldizer.

Inventaram de um tudo: que ela veio fugida de Tremembé por ser menor infratora, que sua mãe não deu conta do “fogo” e mandou pra cá pra se esconder na casa da avó, ou ainda que suas virtudes eram disfarce de uma boa bisca...

Calúnia, difamação, confabulação. De tudo tentaram para disseminar má fama da doce novata. Se ela se sentiu rejeitada? Talvez, mas não deixava transparecer. E não há nada como um dia após o outro. Era dia de jogo na escola. Futebol Feminino era a modalidade. Aqui as meninas são fera. Dignas de Copa do Mundo. Quem sabe até substituir a Marta? Enfim, todos aguardavam ansiosos pela especialidade de Gererê. Tudo indicava que seria um massacre. A novata vai ser A-TRO-PE-LA-DA, com todas as letras, pelas enciumadas “gererenses”. Coitada, ia apanhar como Judas em Sábado de Aleluia.

Ouve-se o apito. Começa o jogo. Todos prontos para ver o massacre, a novata bela e fresca ver sua beleza ser destruída com chutes, empurrões e boladas. Quando, simplesmente, ela tocou a bola e deu um show. Ninguém esperava por aquilo. E não só deu um show, como se entrosou com o time. Pareciam velhas conhecidas, praticamente irmãs.

Deram um baile no time adversário e saíram de campo abraçadas.

Aqui no pé da Serra da Mantiqueira, onde Rio, São Paulo e Minas se encontram, num fim de mundo, que é o interior, do interior, do interior, um joguinho de futebol feminino derrubou todas as muralhas e neutralizou o veneno da inveja e acolheu a quem antes era só a estranha no ninho.

C7.OLP -MEU MORRO

O morro acorda sempre apressado, agitado. Num desce e sobe vielas e escadas, pessoas seguem suas vidas ao mesmo tempo em que portas e janelas se escancaram e melodias, risadas saltam soltas daqui e acolá.

Dona Josefa, com seu cigarro já aceso, está de pé à porta de seu barzinho, curtindo suas músicas sertanejas; e não se demora muito pra ver a Brenda, dos salgadinhos, aos gritos com os filhos da Michele, que insistem em jogar bola na frente da sua barraca... Está declarada a confusão. Mas bom mesmo é passar pela dona Maria, a quitandeira – me delicio só de olhar todas aquelas frutas cheias de cheiros e sabores.

Os dias são quase todos assim: entre idas e vindas, “sobes e desces”, vou e volto da escola. E nessa volta, loucura mesmo é passar pelo “Caminho das Índias” – é assim que chamam a Cachoeirinha na hora do rush – Pensa num lugar agitado, cheio de gentes, gritos e buzinas? Aff!! Salve-se quem puder! Mas... Chego lá na minha casa, chego lá...

Já é noite no Morro do Macaco. As luzes tomam seu lugar e, aos poucos, tudo vai se aquietando... Bem aos poucos. Não vejo mais a Brenda nem dona Maria que, pelo horário, já fecharam suas vendinhas. Dona Josefa – agora sentada na sua cadeira de plástico vermelha – mantém o bar aberto até tarde da noite.

Continuo a subida e, lá pelo meio do caminho, um grito sai avisando:

— Os “cara” tão subindo!!! Cooooorre, coooooorre!! Tão subiiindo!!

O susto paralisante foi logo desfeito pelo apavoramento do povo. Quem pela rua estava, correu desesperado, assim como eu, pra se esconder em algum lugar. Os disparos pareciam vir de todos os cantos do morro. Portas e janelas agora fechadas, amedrontadas pelo caos armado. Tiros, muitos tiros e um último grito seguido de um choro sentido e doloroso...

— Meu filho nãããããoo!!! Mataram meu menino...

O silêncio reinou por alguns instantes e, aos poucos, via-se a cena final: uma mãe e o corpo coberto de sangue de um moço baleado.

No dia seguinte, o morro acorda sempre apressado, agitado. Num desce e sobe vielas e escadas, pessoas seguem suas vidas. Enquanto a noite ficou ali... Estendida no chão.

C8.OLP - A MORTE DA MAIS ANTIGA INQUILINA

Sábado de manhã, abri a janela e o canto dos pássaros chamou-me a atenção. Observei atentamente as espécies de aves que moravam em uma árvore que margeava o muro de minha casa.

Notei que na copa dessa árvore frutífera tinha um ninho de passarinho que com certeza deveria abrigar uma vida ali! Fiquei contente em poder contemplar um pedaço da natureza no pátio de casa. Ah... Quantas cores me envolveram e aguçaram os sentidos através daquele episódio.

Tudo isso me faz lembrar da rainha e majestosa árvore, localizada no meio de uma rua conhecidíssima em minha cidade. Devido a isso, a estrada que contava com sua participação não era conhecida por seu real nome e sim por “Rua da Árvore” ou “Rua do Pau no Meio”.

Inclusive esse fato inusitado, a imagem da árvore no meio da rua, era um dos pontos em destaque do lugar onde vivo, praticamente um ponto turístico. Não há como conhecer Rio do Sul, cidadezinha situada no interior de Santa Catarina, e não conhecer ou não ouvir falar da tal rua!

Não era uma simples árvore, dona de um imenso tronco largo, raízes profundas, centenária, era obra perfeita que a natureza nos proporcionou. A imponente planta era a mais antiga inquilina, testemunhou grandes acontecimentos e espetáculos nesse palco que é a minha cidade. Viu o progresso chegar com edifícios e a arquitetura moldando o lugar, invadindo seu espaço até a formação do bairro que era conhecido pela sua presença. Notou as feiras e os imigrantes se instalarem, o vaivém de carros e pessoas. A cada balançar de seus galhos, era como se ela torcesse por cada conquista do povo que por anos acompanhou. Imagina só! Quantos pássaros construíram nela seus ninhos, copularam e aumentaram a espécie. Quantos encontros aconteceram debaixo da sombra sedutora que convidava quem por ali passasse a descansar, sentir o vento e o aroma num clima benevolente singular.

Contudo, essa majestosa árvore, quase um personagem vivo de minha cidade, foi apagada ano passado. Minha vizinha, moradora do meu bairro, se foi. Agora a frondosa Sassafrás só fica na lembrança dos riosulenses, dos que tiveram a chance de conhecê-la e contemplá-la.

Recordo-me que, desde pequena, eu já tinha aprendido a amá-la e fazê-la de minha amiga. Minha confidente de todas as vezes que por ela passava para chegar ao meu destino. Parecia que apesar de não falar e não parecer ser sensível, ela me transmitia a sua compaixão e sua compreensão. Eu a entendia, chegava a ficar triste ao vê-la perder as folhas no perverso outono, e quando se torcia fraca pelo sopro do vento em dias de tempestade.

Os anos se passavam e ela sempre estava lá, até que o pitoresco e irrisório aconteceu; um impiedoso caminhão perdera o seu freio e a destruiu em pedaços de diferentes tamanhos! O que restou foi apenas um pedaço de seu tronco próximo à raiz.

Perdeu-se ali o símbolo e um pedaço da nossa história. A rua não é mais a mesma, morreu aquela que lhe deu o nome. Ícone desse lugar, frondosa árvore de Sassafrás, presente até em nossa bandeira. Ali jaz a mais antiga habitante. O meu coração chora essa saudade! Resta agora a esperança de que ela cresça, e quem sabe os meus bisnetos possam ter encontros marcados com o renascer daquela árvore, onde ficara no caminho de uma rua principal, que conduzia todos até o centro da cidade. Nós tínhamos encontros marcados com a protagonista da cidade cada vez que saíamos de casa e percorríamos aquele trajeto.

Hoje o que reparo, com olhar demorado e minucioso, é que tivemos uma perda. Nossa majestosa não se faz mais presente, muitos sentem sua falta, e em minha terra os murmúrios continuam sobre o triste episódio. Mas a rotina diária, o nosso cotidiano, continua! Nada preencheu o espaço vazio que a magnífica planta deixou. Crianças correm pela calçada, carros vão e vêm num movimento frenético e os cidadãos ainda usam aquele percurso para chegar ao seu destino. Eu ainda estou aqui, presa em meus devaneios. Admirada, agora observo da janela da minha casa aquele cenário novo, sem a majestosa, sentindo falta de ver a minha velha amiga que costumava contemplar, da árvore que intitulou o meu bairro, que embelezava, purificava o ar e guardava a história do lugar onde vivo.

C9.OLP - BOCA DE BADALO

Nem só alguns dias, nem só algumas horas, mas sempre. Às vezes um pouco de mim ou um pouco de você. Assim, sempre me pondo a pensar no que ela faz ou deixa de fazer para observar, cautelosamente, tudo que se passa diante de sua calejada janela em madeira e com marcas históricas de seus cotovelos. Nunca deixando passar despercebida uma boa oportunidade para atualizar seus queridos e desinformados vizinhos.

Como se tivesse sido crucificada naquele lugar estratégico, de onde podia ver da primeira à última casa de nossa rua, mantinha-se por horas imóvel, só observando para poder depois descrever com riqueza de detalhes tudo que se passava naquela pacata rua de Breu Branco. Bons hábitos, sei que todos temos, mas dona Maria boca de badalo (era assim que todos a chamavam, sem ela saber, é claro) era especialista em se manter imóvel em sua janela.

Se um cachorro ladrava durante a noite ou mesmo um vizinho voltasse tarde para sua casa, ela sabia de tudo. Podendo inclusive citar horas, minutos e segundos em que tudo acontecia. Às vezes, eu chegava a pensar que ela poderia ter também visão noturna, mas não. Sua habilidade era mesmo a curiosidade. Várias vezes tentei me aproximar dela para poder descobrir qual seria o seu segredo, já que das outras pessoas da rua ela sabia bem. Mas sempre se mantinha firme e com um certo ar de misteriosa.

Na semana passada, a esposa de seu Manoel, aspirante ao posto de boca de badalo, veio perguntar pra minha mãe se estava sabendo que dona Maria iria se mudar da rua para o bairro do Batata. Surpreso com a notícia, percebi um frágil sorriso com ar de liberdade brotando dos lábios das duas amigas. Diante disso, comecei a me perguntar se haveria na rua, no bairro ou mesmo na cidade alguém com tanta presteza para nos atualizar, mesmo quando não queríamos.

Cheguei à conclusão de que dona Maria, apesar de seus dotes descritivos, já havia se tornado parte não só da rua, mas também da minha vida e da dos demais moradores da rua, e que aquela janela antiga sem sua figura central não passaria de um quadro exposto ao sol, à chuva e ao vento. Sem significado, sem história, sem vida, sem nada...

Então, enchi-me de coragem e ao passarmos diante da casa dela, aproveitando a oportunidade ímpar de sua ausência, gritei bem alto:

— Fica, dona Maria!

C10.OLP - A DEVOÇÃO FAZ O LUGAR

Cá estou eu, em Aparecida, cidadezinha do interior paulista, com ruas estreitas, mas com construções gigantescas como o Santuário Nacional – famosa Basílica –, o coração de nossa cidade e que acolhe a todos, seja peregrino, seja morador, seja imigrante. Aparecida é assim... Uma cidade pacata, mas ao mesmo tempo, não. Nos dias de semana, é calma, silenciosa, um lugar onde você consegue andar de carro a 20 quilômetros por hora. Mas isso não dura muito. Logo na sexta-feira, os feirantes já se preparam para receber romeiros de todo o Brasil, gaúchos, cariocas, baianos, paranaenses... Até pessoas de outros países.

E tem ônibus em todo lugar da cidade!

Antes do amanhecer do sábado, os vendedores de fitinhas coloridas de Nossa Senhora Aparecida já estão a postos e, sem demora, o furdunço começa. Dá para ouvir o barulho dos ônibus, mais alto que britadeira, misturado aos comentários animados dos peregrinos, que dão vida à cidade.

Caminhar tranquilamente pelas ruas se torna algo impossível, são milhares de pernas, ora apressadas, ora lentas e duvidosas, ora ajoelhadas que se arrastam por preces ouvidas. Em meio a isso, grita o capitalismo na cidade:

— Água, suco, refrigerante...!

— Olha o sorvete, Itu geladinho!!!

— Um maço de fitinha, só dois reais! Se o peregrino sentir fome, os agenciadores de restaurantes gritam mais que cigarra em noite de verão:

— Olha o almoço, almoço! É baratinho e gostosinho!

— Comida caseira, quentinha, na hora!

— Vamo comê, gente, aqui criança não paga, quem paga é o pai ou a mãe!

Mas os visitantes não deixam por menos, sempre tem aquele que diz “Moço, me dá um descontinho? Eu vim de longe!” Frases ditas durante todo o fim de semana. A fé leva o romeiro pela cidade, de bondinho, de charrete ou no trenzinho, ouve-se de tudo, gente que agradece e gente que pede ao santo ou ao vendedor...

Ao fim do dia, os mais animados procuram algum barzinho para festejar, outros adormecem com a cidade. Quando sai o último ônibus, são desmanchadas as últimas barracas de vendas, a sujeira entra em cena. Já não há muitas vozes, apenas o barulho das vassouras dos garis ou do caminhão-pipa que vem lavar o que sobrou do furdunço.

Cá estou eu, vendo tudo terminar para começar na semana seguinte.

Assim é a rotina da “Capital Mariana da Fé”, e o mais maravilhoso é pensar que todo esse tumulto é por devoção, seja ao capitalismo, seja à religião.

C11.OLP - O TEMPERO DA VIDA

Sexta-feira de manhã, num calor de infartar, tumtumptumtum tum! Meu whatsapp anuncia: minha turma já me aguardava na Avenida Centenário, próximo à Cesta do Povo, para um protesto em prol dos nossos direitos.

Lá vou eu, cabeça erguida, peito estufado, um cidadão consciente. No meu trajeto, percebo que a cidade é um verdadeiro formigueiro. Pessoas chegavam de vários bairros, povoados ou até municípios vizinhos com seus produtos para comercializar. Todo dia de feira é assim! Agora, leitor, avistei um senhor que virou minha cabeça e dilacerou meu coração. Sentado num banquinho, barbas envelhecidas pelo tempo, gritava com voz frágil, chamando seus fregueses:

— Olha o tem-pe-ro verde! Olha o tem-pe-ro verde!

Os meus olhos pretos encontraram os olhos azuis daquele homem judiado pelo trabalho do campo e pelas ações dos anos. Talvez tivesse uns 50 anos, mas aparentava mais de 70.

A gritaria dos estudantes me lembrou da passeata, já na avenida, me juntei às várias escolas públicas, particulares, universidades, empresas e outras instituições. Trajando preto, cartazes em riste, apitos e buzinas expressando nossa revolta. A avenida agora era só nossa. Como o tempo não favorecia, foi necessário milhares de garrafas de água, geladinhos e picolés. Os vendedores ambulantes enchiam os bolsos. Os carros e as motos buzinando, não sei se era para ajudar ou pedir licença! Eu, motivado pelos gritos dos meus companheiros, também gritava: “Invistam na educação!”, “Melhorias para a saúde”, “Empregos, já!”, “Cuidem dos idosos!”. Nesse momento, me deu um calafrio, lembrei daquele senhor que ficou lá atrás, esquecido por nós.

Da Avenida Centenário fomos para a praça Capitão Francisco de Souza Meira, mais conhecida como Praça da Matriz. O cartão-postal da cidade. Imponente, viva há mais de 150 anos, a Igreja Matriz rei- na. Nesse lugar, a emoção aumenta, os discursos dos protestantes ganham força, nos enchem de esperança. É a fé do povo do sertão que resiste.

As horas passam, já é quase meio-dia. As pessoas voltam para as suas casas, não tão satisfeitas, mas com sensação de dever cumprido. Minha barriga ronca, é momento de ir embora. Passo pelas mesmas ruas, meu coração quer rever aquele senhor. Meus pés se apressam, mas meus olhos não alcançam mais a sua barraca. Ele já se foi! Provavelmente vendeu tudo. Uma mistura de sentimentos invadiu meu ser. Torci para que os temperos, que são o seu sustento, dessem muitos sabores à sua vida.

C12.OLP - A MANTEIGA DO SEU ZÉ DE ZABÉ

Num domingo pela manhã, fazia bastante sol no Povoado Pedra, município de Ribeira do Pombal, interior da Bahia; ao sentar à mesa para o café da manhã, percebi que a manteiga havia acabado. Mas não pense você que é uma manteiga qualquer, essa é da Bodega do Zé de Zabé!

A venda ficava no centro do povoado, então tive que atravessar todo ele para comprar, para eu poder comer com meu delicioso pão. No trajeto, passei a observar que, mesmo sendo um fim de semana, pela primeira vez, a rua estava deserta. E então, pude enxergar como havia mudanças no lugar em que moro, casas reformadas, com cores vibrantes, deixando um bonito colorido à comunidade, havia uma construção da praça já em andamento – ela servira para reunir ainda mais as pessoas daquele lugar, um ponto de encontro –, também várias lojas foram construídas, desde consertos de aparelhos eletrônicos a pequenas mercearias e lanchonetes. Então pensei: “minha comunidade tá crescendo!”. E continuei a caminhar, fui encontrando meus amigos e ficamos conversando, sobre futebol, escola e garotas, pois ninguém é de ferro!

E no decorrer da conversa, até esqueci o que iria fazer, mas logo lembrei. Se fosse outra coisa, já tinha esquecido mesmo, teria que retornar para casa para minha mãe refrescar minha memória ou até anotar. Mas como era minha manteiga de garrafa, essa eu jamais poderia esquecer, feita artesanalmente, tão saborosa ao ser colocada, chega a derreter. Só em falar me dá água na boca. Continuei a caminhada e, ainda observando, encontrei um grupo de amigos, mas dessa vez não era conversando, e sim todos plugados e vidrados na tela do celular, cada um em seu mundo. Que mundo é esse? Do jogo viciante “Free Fire”, tão diferente dos antigos rolês que fazíamos. O que fazemos agora? Ficamos presos nas tecnologias digitais, e cada vez mais distantes, querendo muitas vezes nem sair de casa.

Finalmente cheguei ao meu destino, à bodega, e por incrível que pareça, não havia ninguém na minha frente, ufa! Logo surge de uma dispensa, bem lá no fundo do, seu Zé de Zabé, com sua paciência e passadas lentas que só ele tinha. Pedi todo eufórico minha manteiga, e enquanto ele ia se afastando lentamente para buscar, voltei aos meus pensamentos, de como ocorreram mudanças em nossa comunidade e nas pessoas, trazendo características diferentes. Mas o meu alívio era saber o que não havia mudado, era a manteiga que continuava sendo a melhor e tradicional, trazendo um sabor diferenciado na mesa de cada família.

C13.OLP - DEPÓSITO DE QUÊ?

Hoje mais cedo, fui com minha mãe preencher os dados para minha matrícula em uma das escolas estaduais de ensino médio na nossa cidade sede, Espumoso. Quando terminei tudo, a diretora da escola me questionou sobre o nome do lugar onde eu moro:

— Desculpe a curiosidade, mas o nome do local onde você vive se chama mesmo Depósito?

Eu respondi que sim, então ela me questionou uma segunda vez dizendo:

— Mais uma vez peço perdão pela indelicadeza, mas, do que seria esse tal depósito? Eu respondi que, dessa vez, quem teria que se desculpar era eu, pois não fazia a menor ideia da resposta naquele momento. “Depósito”? sem dúvidas é um nome curioso a se dar a um lugar, fiquei com aquilo na cabeça por uma boa parte do dia, até que resolvi pedir para minha mãe onde eu poderia encontrar aquelas informações, ela então me sugeriu uma conversa com um professor de história que morava ali por perto. Ao chegarmos em sua casa, ele nos conduziu a uma sala onde se encontrava o seu pai, que além de sempre ter morado ali, já foi prefeito da cidade de Espumoso. Ele me explicou que antigamente esse lugar se chamava “Terceiro” e que passou a ser chamado de “Depósito” por causa de um depósito de armas escondido pelas redondezas, durante a “Revolução de Trinta”.

Prestei muita atenção nas palavras dele, conforme ele ia narrando os fatos, eu ia encaixando as cenas na minha cabeça como se fosse um cinema mudo. Saí de lá completamente abismada com aquelas informações e extremamente curiosa para saber qual seria a reação da diretora da minha nova escola, quando eu contasse tudo aquilo para ela. E então, ao voltarmos para casa de ônibus, uma senhora que se sentava numa poltrona ao lado perguntou:

— Mocinha, onde você mora?

Eu respondi que era no Depósito, então ela me questionou:

— Depósito, depósito de quê?

E assim acontece quase sempre quando alguém não sabe do meu endereço.

Depósito, um lugar que no passado guardava armas e munições, hoje, um lugarejo, pequeno ainda, mas repleto de pessoas batalhadoras, esperançosas, que cuidam das crianças, da natureza e que têm orgulho de sua morada. Aqui ninguém luta com armamento de guerra, aqui todos lutam por dias melhores, com trabalho e amor!

C14.OLP - CARTÃO-POSTAL

Era sexta-feira, final de tarde, quando retornava para casa depois de mais um dia de aula. Da janela do ônibus admirava a paisagem da praça do Rebentão, que tem ao fundo a lagoa Tanque Grande. Sempre faço esse percurso tanto para ir como para voltar da escola. Confesso que adoro pois é, sem sombra de dúvidas, a parte mais bela da cidade, um verdadeiro cartão-postal da minha querida Ibiassucê, conhecida por moradores e visitantes como “Capital da Amizade”. Do outro lado, acima do lago, tem um morro com várias casas, essas formam uma bela imagem ao refletir nas águas cristalinas do lago, parecem verdadeiras bailarinas a dançar um ballet ao som do vento rodopiando com movimentos de graça e leveza ao subir e descer da maré. No verde capim às margens do lago, alguns burricos a pastar dividem o espaço com enormes pedras brancas como nuvens, que parecem flutuar, tornando a paisagem ainda mais encantadora, eu diria poética. Pelo visto, amigo leitor, esse lago tem o poder de encantar não só a mim, mas tudo e todos que em suas margens ousam passar ou habitar.

Perdido em meus pensamentos e encantado com tamanha beleza, não me dei conta do que estava acontecendo logo mais à frente, não antes de o motorista frear bruscamente. De repente, me deparo com uma multidão às margens do lago, um verdadeiro formigueiro humano. Eu não estava entendendo nada, creio que você também não, acho que está se coçando de tanta curiosidade, aguento só um pouco que já lhe conto o que estava acontecendo. Tão logo o motorista parou o ônibus, descí, assim como todos os outros alunos que ali estavam, o mais rápido possível. Fui me embrenhando no meio da multidão e lá estava um corpo estendido no chão, ele tinha sido retirado sem vida, por populares, das águas da lagoa. Grande parte das pessoas portando seus celulares de última geração, tentavam o melhor ângulo para fotografar o pobre defunto ou ainda fazer um vídeo para, quem sabe, postar nas redes sociais e ganhar o maior número de curtidas possível.

Teria ele se encantado com tamanha beleza a ponto de “entregar” sua vida ao lago? Eu procurava respostas para tamanha tragédia, quando, de repente, levei um susto. Não pense você que foi com o defunto. Se pensou tens razão, é claro, mas me assustei com o que eu presenciava. Em meio ao alvoroço de uma multidão que, prefiro acreditar, tentava entender o motivo de uma pessoa ter se afogado, e ao desespero da família que chorava a morte de um ente querido, duas empresas funerárias roubaram a cena, pois se engalfinhavam para ver qual delas faria a cerimônia funerária.

Diante da confusão o que mais chamou-me a atenção foi quando um dos homens, funcionário de uma das funerárias, disse que o serviço de sua empresa era completo, o melhor da região, pois incluía tudo o de melhor que havia no mercado, até lembrancinhas para os “convidados”, podendo a família optar pelos tradicionais santinhos, por flores e até por um doce batizado de “bem-velado”. Acredite, amigo leitor, eles criaram uma versão fúnebre do bem-casado, e arrancando do bolso uma amostra expôs o doce que vem em uma caixinha em forma de uma miniatura de urna fúnebre. Nesses momentos, apesar da tragédia, muitos sorriram, parece que até o defunto, se pudesse, também teria sorrido da situação.

Olhei mais uma vez para o lago, meu cartão-postal, e mergulhei em meus pensamentos, convicto de que estamos imersos numa sociedade de consumo, que não poupa nem a morte, e que a mesma, por mais triste que seja, também revela surpresas, algumas nada agradáveis.

C15.OLP - O TRIUNFO DO BICHO HOMEM

Por que a galera daqui do sertão nordestino gosta tanto de vaquejada? Eis a inquietude de minha alma! Desde ainda muito pequeno, vejo as pessoas, principalmente as moças, se emperiquitando da cabeça aos pés para participar do evento. Sei que tem forró, tem boi e vaqueiro, mas nunca, nunquinha mesmo, eu tinha ido a uma. Até que semana passada, pela primeira vez, meu pai me levou para assisti-la. Eu tinha uma certa ideia de como acontecia esse tipo de esporte, se é que podemos chamá-lo assim! Todavia, eu não sabia que a arena era montada em condições favoráveis ao homem para mostrar sua covardia disfarçada de força e coragem para derrubar o boi.

Era bem à tardinha, o sol ainda abraçava o dia. Já estava tudo armado quando cheguei na festa. Eu pressentia que ia feder, pois assim que desci da moto, já pisei logo em algo flácido e em formato de pudim, de odor nada agradável, aliás, o ambiente todo fedia. “Ai que raiva!”. Respirei demoradamente... Tentei limpar o tênis com um pedaço de pau, que encontrei no chão. Cheguei mais perto do local, agora com mais cuidado para não pisar nos resíduos alimentícios excretados pelos bovinos. Meu pai, que mais adiante estava, gritava:

— Limpa logo essa merda, menino! Por trás da cerca, minha visão corria por todo o cenário e, aos poucos, minha curiosidade se desfazia em decepção e tristeza: abrem-se as porteiras, corre o boi; atrás dele, dois homens montados nos seus cavalos, cujo objetivo é pegar no rabo do boi e derrubá-lo dentro do espaço marcado a cal entre uma linha e outra. Assim, cumpre-se o objetivo: o pobrezinho do boi cai, rola duas ou três vezes no chão e os cavaleiros dão a volta em toda arena, orgulhosos do serviço bem feito, ostentando o troféu nas mãos: o rabo do boi.

Ao longe, em uma torre, o locutor vibra e grita no momento da queda do animal:

— Valeu Boi!

Eu torcia pra que no final ele gritasse:

— Zero Boi!

O que significa que o boi ficou em pé e pleno na faixa. Um sobressalto de alegria, entusiasmo e prazer sombreia nos rostos de todos que ali estavam a espreitar tal cena. Uma pontada de aflição fincava meu coração! A galera aplaudia, vibrava, e eu contido com meus pensamentos, sem entender aquelas vozes conjuntas e alegres com a queda do boi.

Não pensem, caros leitores, se acaso estiverem lendo esta crônica, que sou vegetariano, não sou, até gosto de carne. E aí alguém querer me julgar por isso é um tanto injusto, caso esteja me julgando. Eu acredito que cada caso é um caso. Acredito na lei da natureza e no equilíbrio natural do ecossistema. Mas aí, aquela judiação para ganhar uma merreca de dinheiro e para agradar aos olhos de quem assiste... Não, não entendo. Se é cultura, tradição, lucro e ajuda na economia local, não sei... Sei que estava torcendo pelo boi, que estava sendo um protagonista, no final derrotado pelo “bicho homem”.

No fim de tudo, ainda rolou um forrozinho, como uma espécie de celebração pela vitória do “bicho”. Ah, e o sol, será que dormiu tranquilo? Na certa, amanheceu com olheiras no dia seguinte, já que teve vergonha de testemunhar, mesmo a anos-luz, aquele horror.

C16.OLP - DO “BUTECO DA ANTÔNIA” À DONA MARIA

Minha avó mora há mais de três décadas numa pequena vila ao lado da minha cidade. Como a religiosidade micaelense sempre esteve encravada em nossa sociedade, a vila leva o nome de Nossa Senhora de Guadalupe. Mais de cem famílias formam esse vilarejo, que tem as necessidades básicas, como mantimentos, abastecidas por apenas quatro pequenas vendas.

Mesmo morando na cidade, nunca gostei da agitação e correria diárias que muitas vezes são a inspiração para as crônicas. Incrivelmente, achei minha inspiração num cenário diferente.

Aproveitei o breve recesso escolar para driblar o meu cotidiano e rumei ao aconchegante refúgio na casa de minha avó. Sobre as raras vendas que citei acima, uma é dela. E como o caro leitor já deve ter presumido diante de alguns fatos expostos, essa venda não tem caixa registradora, carrinho que conduz mercadoria, entrada de acesso ao cliente. Todas as transações corriqueiras ocorrem através do imenso janelão, que foi gradeado “graças” ao furto de doces da parte de pequenos invasores.

O janelão fica ao lado da porta de entrada da casa e foi recoberto por um toldo com o fim específico de acolher os clientes diante do sol, que parece ter maior apego ao Nordeste. Por esse janelão, é possível ver estantes, cujos produtores vivem apenas em relíquias como aquelas. Vê-se, ainda, um balcão arranhado e vários produtos que vão da limpeza aos mantimentos e também a famosa cachacinha. Um olhar mais apurado avista uma balança inconsequente que gosta mesmo é dos clientes, porque vive pendendo por eles.

Para nós, de casa, ali é a bodega, nome esquisito que acredito vir desde a primeira “bodega” que está lá dentro. A “bodega” da minha avó resiste há mais de 30 anos e como desperta-me curiosidade aquele cotidiano singular.

No alvará que encontrei subitamente em meio a teias de aranha e poeira, por ocasião de uma faxina, fiquei perplexo ao descobrir que em sua origem, a bodega tem o nome de “Buteco da Antônia”. Sim, antes que você pense que errei, está escrito assim mesmo. Essa descoberta me levou a uma reflexão sobre como o “Buteco de Dona Antônia” se transformou em “Bodega”.

Depois desse dia, observei melhor como as pessoas chegavam à Bodega e percebi que na verdade, ao chegarem, elas chamam pelo nome da minha avó. Os primeiros clientes, sonolentos, atrás do pão matinal, gritam quase em silêncio: “Dontonha”. E, assim, seguem as variações de Dona Antônia, que são iguais, conforme os grupos e seus horários na venda, mas distintas no vilarejo.

Minha curiosidade aguça na expectativa de mais variações e abro sorrisos quando as crianças soltam um tímido: “Dantonha”. As donas de casa, apressadas para dar conta do almoço, soltam um: “Ô, Tõha”; os adolescentes eufóricos, dão um grito de: “Dona Tõnia”, por sinal, fato que irrita levemente a minha avó. E, por último, aqueles que, talvez por estarem tomados pelo álcool, os famosos bêbados, esquecem seus próprios nomes e o da minha avó, mas não esquecem a direção da vendinha e soltam um: “Ô Dona Maria”, muitas vezes pausando a sagrada hora do almoço de minha avó, que a essa altura, já quase não sei mais como se chama. Acho que ela mesma confunde-se na identidade. Quem diria que a bodega em que minha avó “despacha” clientes há quase uma vida inteira, pudesse me revelar facetas micaelenses. Foi a partir daí que passei a dar mais atenção ao nosso linguajar. E ainda lá, descobri que conforme a pessoa e o que ela vai fazer ali, o apressado vira “avexado”; o bêbado vira “pinguço” ou “pé inchado”; se alguém está com vergonha, esse recebe o apelido de “acanhado”; se quer ir embora, devido ao sono, é porque está “mole” ou, ironicamente, “bêbado de sono”, e por aí vai. Eu prenderia você aqui, leitor, por horas a fio revelando o que descobri, se meu importuno cotidiano não me batesse à porta.

Quanto ao Buteco da Antônia ter virado bodega, assim como as coisas da vida se perdem no cotidiano, perdi esse detalhe embelezado com as variações linguísticas na bodega da minha avó. Mas refleti que a essência do lugar em que vivemos está entranhada nos detalhes corriqueiros que resolvi captar.

Aqui despeço-me e, noutro momento, prometo pagar a dívida contraída no início desta crônica.

C17.OLP -FIM DO MUNDO

Tempestade forte, desespero total, angústia, eram esses os meus sentimentos naquele momento. Tava acontecendo, meu Deus, tava acontecendo! 12/12/2012!!! Seria o fim de tudo. A chuva torrencial havia sido anunciada! Eu já tinha ouvido falar nas histórias bíblicas, até aí tudo bem, minha mãe sempre as lia para mim, mas na rádio São José do Rio Claro... Seria possível? É, tava tudo acabado, era mesmo o dilúvio!! Eram três da tarde quando se ouviu os primeiros ruídos dos grossos pingos caindo no telhado, a tragédia anunciada estava acontecendo. Minha mãe seria a testemunha do fim dos meus sonhos. Nem seria possível a despedida do meu pai, pois ele ainda não havia voltado da fazenda onde trabalhava.

A cada minuto o medo e o pavor tomavam conta de mim, pois o barulho se tornara agora um estrondo. Lá fora, árvores entornadas, vento forte, tudo branco, não demorou nada, a casa já estava alagada junto com a terra, sim, porque o que havia de grama, a tempestade tratou de carregar. Volta e meia o céu clareava com relâmpagos que mais pareciam foguetes riscando o céu.

Sem o consolo do colo do meu pai, o único jeito era ir para baixo da cama, nem sei o porquê, pois quando o mundo acabasse, com certeza não seria a cama que me salvaria.

Meu Deus, por favor, ainda sou tão novinha, não vivi nada, como assim, meu Deus? Não dá pra adiar, não? Não é porque anunciou na rádio que tem mesmo que acontecer. Tantas vezes, a São José FM noticiou coisas que eram só pra ganhar Ibope, e que só tinha “de verdade” a versão de quem contou mesmo! Coopera aí, vai!! Nada!! O Pai estava, pelo jeito, decidido!! Parecia que estava sendo despejado de balde, como dizia minha avó.

“Cadê a arca? Ela seria muito útil agora”, pensava. Da primeira vez todos tiveram a chance, mas e agora? O que fizemos para nem sequer termos a chance de salvar um de cada espécie? O medo era tão grande, e eu angustiada e sentindo a injustiça divina, que nem percebi que a chuva foi parando, claro. Em cima da cama e debaixo das cobertas que camuflam o barulho fica difícil ver ou ouvir alguma coisa direito; sim, porque minha mãe me arrancou de debaixo dela, já brava com tanto choro e também preocupada com a demora do meu pai.

Então a chuva foi acalmando e demorou para ela parar por completo. Meu pai chegou em seguida, ensopado, mas chegou, havia demorado porque estava na fazenda esperando a chuva acalmar.

Não entendi muito bem porque Deus mudou de ideia, talvez fosse o meu apelo debaixo da cama que o tenha sensibilizado. É deve ter sido, porque minha mãe diz que se a gente pedir com fé as coisas acontecem. Ela tinha razão. Mas por via das dúvidas, é melhor não ouvir mais a rádio!

C18.OLP - DAMA DA RUA, DAMA DE OURO

Muitos por ela passavam sem se dar conta. Seguiam sem notá-la, cegos pela pressa, ou pela rotina, que aos poucos nos rouba a beleza das coisas simples e tira de nosso olhar a sensibilidade. Mas, todos os dias, lá estava ela – acomodada bem na esquina, testemunhando o vaivém de uma das ruas de Macapá, a Claudomiro de Moraes.

Já tinha se acostumado com as conversas dos alunos que, de manhã, caminhavam para a escola. Apesar de ter idade para ser a avó deles, não estranhava o dialeto:

- Ih, moleque, Matemática, hoje.
- Caramba! É mermo!
- Tá firmeza, mano?
- Mas quando já! Vou me lascar!
- Tu jura?! Tu não comeu carço de pupunha!

Essa conversa juvenil, num macapanês com as pitadas de gírias, para ela fazia todo o sentido. Ela era da terra e tinha feito desse chão a sua casa.

Nos dias de Feira do Produtor, ouvia as ofertas gritadas entre palmas:

- Aqui, meu patrão! Farinha torradinha, da boa! Pode provar!
- Aqui, freguesa! Peixe fresquinho!
- Curimatã, pescada e tamuatá!

Observava as pessoas provando farinhas de mandioca e de tapioca, pegando punhados com as pontas dos dedos e atirando-os em direção à boca, sem cair um grãozinho sequer! Que pontaria! Uma importante habilidade para quem procura por aqui farinha de qualidade: baguda, torrada e gostosa.

Gostava da barulheira dos meninos, que ganhavam um dinheirinho carregando compras ou guardando carros. Quando menos se esperava, começavam uma pira-pegas.

- Ana-bu-bu-bu quem sai é tu pelo ra- bo do tatu, na minha terra tem pi-ra-ru-cu...
- um dava a deixa para a brincadeira.
- A mãe é tu! – outro gritava.

Saíam desembestados, feito doidos. Eram crianças sendo crianças. Escondiam-se atrás dela, colocando-a na brincadeira. Ah, aqueles meninos eram tudo de bom!

Como muitos seguiam sem notá-la, passou a valorizar a companhia de quem se achegasse. Sem julgar, ouvia o desabafo dos bêbados, os esquemas dos amantes ou as mentiras dos que iludiam.

Agora, o que dizer dos que seguiam entretidos no celular, sem notar a beleza do céu e o cumprimento vindo de um sorriso ou de um olhar? A esses, ela observava com tristeza e, ao vê-los tropeçar nos próprios pés, se fosse má, praguejaria:

— Toma-te! Bem feito! Eu acho é bom! Mas ela era uma gentil senhora, boa e generosa – uma verdadeira dama. Embora tivesse recebido muitas pedradas pela vida, não se prestaria a atirar pragas.

Numa cidade onde só se tem verão e inverno, aprendeu com a vida a ser outono e primavera, a ter suas próprias estações. Sim, a não guardar rancor ou ressentimentos, mas a florir e frutificar, fizesse chuva ou sol. A tarde chegava e trazia o calor que somente nós, os que moramos sobre a Linha do Equador, temos o privilégio de desfrutar. Mas, ironias à parte, era nesse horário, das treze horas, com o sol de rachar, o momento que ela mais gostava.

Nessa hora, ela era vista e notada por todos: os apressados, os distraídos e os que esperavam ônibus, táxi ou mototáxi.

Ficava cercada de estudantes. Devia se sentir vaidosa na companhia de tantos adolescentes, casais de namorados e de ficantes. Ali pintava o clima perfeito para encontrar o crush e para as

paqueras. Alguns matavam aula para ficar na companhia dessa agradável senhora. Que ficassem. Como já dizemos, a ninguém ela julgava.

Mas, como gente aglomerada precisa de organização e as ruas de urbanização, o poder público fez algumas mudanças na Rua Claudomiro de Moraes.

A desobstrução das calçadas e um novo plano de arborização foram algumas das ações realizadas em prol do bem-estar e da segurança de todos.

À tarde, por volta das treze horas, como de costume, muitos procuraram por ela. Encontraram uma nova parada de ônibus – um moderno abrigo de estrutura metálica com teto de acrílico azul. O sol, como sempre, estava escaldante e o calor era insuportável. A poucos metros dali, à espera de traslado para o aterro, estavam os restos mortais de uma frondosa sibipiruna ou “dama de ouro”. Rente ao solo, seu toco. Sim, era dela, da nossa acolhedora senhora, a “dama da rua”, cujo pecado fora viver florindo e frutificando – a árvore que, infelizmente, muitos só notaram quando sentiram a falta de sua sombra fria.

C19.OLP - O SONO ROUBOU O TEMPO

Os pontos turísticos do lugar onde vivo são como o sol, todos moradores sabem de sua existência, mas não cuidam e nem valorizam.

Às vésperas do maior festival multicultural da América Latina – o Festival de Inverno de Garanhuns – que atrai gente do país inteiro, aconteceu um fato inusitado. Uma das mais famosas digital influencers locais foi convidada para fazer a última divulgação do evento. O lugar escolhido para a produção do vídeo não poderia ser outro: o Relógio das Flores, cartão-postal da cidade, o único relógio do Norte e Nordeste, lugar muito visitado pelos turistas que fazem questão de parar, apreciar e tirar aquela foto.

Tudo preparado. A equipe saiu cedinho, enquanto os moradores dormiam, para que as gravações não fossem interrompidas. Chegando na Praça Tavares Correia, todos tiveram um grande susto: o Relógio estava mais florido do que nunca, porém, sem os ponteiros. Foi uma loucura só! A influencer começou a passar mal, sua empresária ficou desesperada porque era o vídeo que receberia milhares de curtidas e visualizações. E o fotógrafo, coitado, com a câmera em uma das mãos e a outra na cabeça, sem acreditar no que estava vendo. Os três tiveram o mesmo pensamento: sem ponteiro, sem vídeo, sem divulgação e até sem festival. Que vergonha para a cidade, um dos seus mais belos pontos turísticos, roubado!

Alguma coisa tinha que ser feita: a influencer pegou seu celular e começou a gravar o ocorrido postando em suas redes sociais, a empresária ligou para a imprensa e acionou a secretária de Turismo. E o fotógrafo, coitado, parado com a câmera em uma das mãos e a outra agora no bolso. Não demorou muito e o carro da imprensa parou e logo foi saindo o repórter ainda sonolento com o microfone na mão. A cidade acordou desesperada com a notícia, todos queriam conferir se não era fake news o que a internet dizia. Nunca se viu tanta gente preocupada com o Relógio e a cidade. Ouviu-se até gente lamentando, porque passavam por lá todos os dias e nunca tiraram foto com o relógio, nenhuma postagem nas redes sociais! E, agora, o Relógio estava sem ponteiros.

A secretária de Turismo quando viu que do mais importante ponto turístico da cidade faltava uma parte, levantou os braços e, como aquelas atrizes dramáticas, fingiu um desmaio. O prefeito, em tom de discurso político, chamou a polícia para resolver o caso. Gritava verbos imperativos para que as autoridades achessem logo o culpado. Batia no peito dizendo que aquilo cheirava a coisa da oposição, logo agora que o festival iria começar.

Depois que todos levantaram hipóteses sobre quem era o possível ladrão, escutou-se a voz de um homem com cara de noite mal dormida dizendo: “Com licença, pessoal. O que está acontecendo? Com licença. Muito obrigado!”. Era um dos responsáveis pela manutenção do Relógio, ele carregava os ponteiros pintados em um carrinho de mão. Para a alegria de todos, ele tinha terminado os reparos tarde da madrugada e acabou perdendo a hora.

C20 - A FESTA DE SÃO JOÃO

Segunda-feira, noite estrelada, a lua cheia se esconde por entre as montanhas de Reduto, cidade do interior de Minas Gerais. O sino da Matriz anuncia, através das badaladas, que a missa está por começar. Todos se agitam, é noite do padroeiro São João.

O céu está colorido por diversos fogos de artifício e balões. As ruas estão cheias, o pátio da igreja decorado com bandeirolas e organizado para receber os festeiros. O cheiro que vem da barraca de caldos invade a cidade de apenas um bairro. Caldos quentes saem a todo instante. Após a homilia do padre, é para lá que todos se dirigem. No palco, sanfoneiros e violeiros em harmonia, com apresentações variadas ao típico som mineiro. À frente do palco, casais veteranos se posicionam para puxar o forró.

O amor também está no ar. Na barraca de recadinhos do coração, solteiros românticos fazem declarações às suas amadas.

As crianças não ficam fora, sempre estão tentando acertar a boca do palhaço ou a pescaria que é a mais procurada – apesar de os peixes serem de plástico, a brincadeira faz a alegria da criançada.

Tudo seguia conforme a tradição, mas no meio da noite, algo inesperado acontece: a energia acaba em toda a cidade. A única luz que se vê é a da fogueira. Todos se apavoram, a dúvida é uníssona:

— Como se dará a quadrilha? E as opiniões são mútuas:

— Tem que haver quadrilha! A festa não será a mesma sem dança, “uai” – disse tia Maria, que é tia de todos e uma das organizadoras do evento.

Dona Lena indicando “não” com a cabeça, opina:

— Sem luz, não tem “arraiá”!

Foram minutos de incerteza e, logo, a luz retorna. E com ela, a alegria e o agito da festança. O sanfoneiro ajeitava a sanfona para o início da quadrilha, quando um novo rebuliço começa. Desta vez, o noivo da festa desaparece. A notícia se espalha e a tensão toma conta do ambiente:

— Sem o noivo, eu não danço! – grita a noiva desesperada. Um senhor muito sarcástico se aproxima e dispara:

— O noivo desistiu porque a noiva é muito feia.

Enfurecendo a bela moça que já estava angustiada. Mas, para não parecer indelicado, o senhor retrata-se:

— Estava apenas brincando. Desculpe-me! No entanto, a moça, emburrada, o ignora.

Tia Maria se movimentava para descobrir o que acontecera ao moço desaparecido e, inquieta, incumbe a todos:

— Dividam-se em equipes. Um grupo vai para a esquerda passando pelo “prédio redondo” e balaústres até o viaduto. O outro, pela direita passando pela “bíblia” e Biblioteca Pública até a faculdade. Encontrem-no!

Todos, engajados, saem para encontrá-lo. E procuram por diversas partes da pequena cidade, mas sem sucesso.

Uma criança que passava pela pracinha, perto do ponto de táxi, avista um moço deitado no canteiro, chapéu cobrindo o rosto, tirando um belo de um cochilo. E o aborda:

— Seu moço, seu moço! A quadrilha já vai começar.

O noivo levanta-se num susto, ajeita o chapéu e com os olhos esbugalhados, indaga:

— A energia já voltou?

E sai em disparada rumo ao local da festa.

Com o seu retorno, os olhos se voltam para ele. A noiva se alegra, tia Maria se aquieta, o sanfoneiro o primeiro acorde da sanfona toca e o baile começa.

Redutense, cidadão caloroso, com a festa continua. Após a dança, todos pulam a fogueira em sinal de união e em homenagem ao padroeiro.

Ao final da festa, todos retornam aos seus lares fazendo planos para o “São João” do próximo ano. Tia Maria, como sempre, é a mais animada.

C21.OLP - HAJA TAMPA DE DEDO!

Final de tarde e o sol já vai se pondo atrás do morro, deixando o céu com uma cor linda, então o povoado começa a se movimentar. Uns sentam na calçada, outros trazem cadeiras e uma garrafa de café para deixar a prosa mais confortável.

Tudo em Deuslândia é tranquilo e pacato, até o momento em que a criançada surge com uma bola e uns pedaços de tijolos para fazer os gols. Tudo fiscalizado pelos olhares atentos das mães, que conseguem prostrar, tomar café e ainda olhar a molecada. Surgem meninos de todos os lados e de todas as idades, nessa hora ninguém é melhor que ninguém, todos são iguais perante a bola.

Primeiramente, decide-se quem é de qual time, tira-se par ou ímpar para decidir quem fica com a bola. Então, começa o clássico, os sem camisa jogando contra os de camisa. Um clássico!

Todos descalços, pisando em pedra, terra, lixo, sem frescura. Um perde a “tampa” do dedo, o sangue jorra, as mães ficam aflitas, gritam, mas tudo em vão. Nada pode atrapalhar o clássico. É tanto barulho que até atrapalha os cultos nas igrejas evangélicas. Fim de jogo, briga porque a bola passou por cima do tijolo, briga porque um escondeu o chinelo do outro, briga porque o juiz é primo de um jogador que fez gol. Como diz o ditado, “entre os mortos e feridos, todos se salvaram”.

Cada um pega sua bicicleta, quem tem carrega quem não tem, e vão para a pracinha no “centro” do povoado. É necessária uma comemoração! Um dá dez centavos, outro dá sem dinheiro, mas cabe a esse buscar o refrigerante. Por fim, todos bebem. E ficam ali na praça por muito tempo, até escurecer. As mães entram levando as cadeiras e o café, afinal, não podem perder a novela. É aí que mora o perigo. A meninada não é boba! Assim que as mães entram começam a organizar os encontros com aquela paquerinha. Sempre rolam uns beijinhos atrás da igreja, na casinha abandonada e no “S”. Se você nunca frequentou esses lugares, não pode ser considerado um deuslandense.

Espero criar meus filhos aqui! Quero ser dessas mães que sentam na porta para tomar café! Quero que meus filhos percam as “tampas dos dedos” nas ruas de Deus- lândia. Quero fingir que não sei dos encontrinhos amorosos. Que meus filhos aproveitem a simplicidade do povoado...

C22.OLP - A PORTA

Uma porta não é somente a entrada ou a saída de um local, é um portal para a passagem de sentimentos bons ou ruins. Sempre que passar por uma porta, pense nas histórias vividas ali. Eu consegui perceber isto quando a vida decidiu soprar furiosamente sobre mim o seu vendaval da desilusão. Aconteceu próximo à porta de entrada da minha casa, foi lá que o meu mundo explodiu em mim.

Era um sábado e o Natal se aproximava, isso me despertava emoção. O dia estava ensolarado. O barulho das dobradiças antigas da porta me acordou. Levantei-me sonolento. Levemente, passei os polegares nos olhos e olhei para a porta. Por ela, vi meu pai entrando, cabisbaixo e cansado, pois passara a noite trabalhando. Ele me olhou e a alegria irradiou em mim. Correndo, abracei-o. Minha mãe acordou logo depois, preparou-nos o café. Era uma convidativa manhã para o meu sonho se realizar. Ganharia o presente de Natal! O dia perfeito para comprar a minha primeira bola. E o mais especial: meu pai iria comigo.

Quando chegamos à loja, não consegui esconder a felicidade. Lembro-me da decoração natalina e da música ambiente sonorizando o tradicional Jingle Bells que me enchia de emoção; chegara o momento! Apreciei os brinquedos ali; logo, me encantei por uma beleza de pentágonos vermelhos. Olhei para o meu pai e disse:

— É essa!

Fomos ao caixa e pagamos. Sorridente, eu ansiava por jogar, mas meu pai me dissera que somente jogaríamos no dia seguinte. Meu velho tinha trabalho acumulado. Quase não me contive, tamanho o desejo de inaugurar a bola.

À tarde passou; à noite, meu pai falou-me que precisaria ir a outra cidade adquirir umas peças para o seu ofício. Deu-me um beijo, como sempre fazia, e saiu em sua moto. Passei a noite junto à porta, esperando o seu retorno. Cada vez que olhava o olho mágico, imaginava-nos chutando, fazendo gols e defesas extraordinárias. As partidas de futebol que fantasiei superavam os campeonatos de Copa do Mundo. Meu pai era superior ao Pelé e ao Neymar. Ele era o meu herói. Mas a noite passava e ele não chegava, cochilei ali mesmo na porta.

Acordei minutos depois. Fui à calçada de minha casa e olhei o final da rua; era apenas uma travessa calçamentada, de casas simples e baixas, comum nos interiores. Mas naquele momento me pareceu um túnel desesperador. Não havia ninguém ali. Apenas o vento frio a tocar as copas das árvores, sussurrando-me palavras de consolo numa linguagem não compreendida pelo meu coração de garoto solitário. Olhei as pedras do calçamento, pareciam rostos tristonhos e calados, sob aquela parda iluminação dos antigos postes da cidade. Havia um silêncio gritante de melancolia, como se naquele momento as pedras partilhassem a minha solidão.

Retornei à minha casa, novamente adormeci no mesmo local de espera. Acordei com um barulho. Levantei-me, afastei o sono esfregando os olhos e abri avidamente a porta. Meu pai voltara, pensei. Pisquei algumas vezes e percebi que não era ele. Era um conhecido da família. O que queria àquela hora? Reparei as suas feições, havia tristeza no olhar.

O homem perguntou-me por minha mãe, falei-lhe que ela estava acordada. Apenas descansava, enquanto o meu herói não chegava. Ele interrompeu bruscamente nossa conversa e entrou em nosso lar, caminhando até minha mãe. Eu fiquei ali, estagnado. Olhava a rua, na esperança de ouvir meu pai anunciando sua chegada. Mas somente ouvi um choro abafado. Era a minha mãe no interior da casa.

Meu coração disparou e um vento gelado me cortou a espinha, quando recebi a triste notícia: meu pai havia partido para junto do Criador. No momento não quis entender, preferia não ter entendido. A partida de futebol estava marcada, meu pai nunca descumpria uma promessa. Permaneci lá. Próximo àquela porta estava uma criança esperançosa e contrariada. Meus sentimentos de menino foram traídos. Não pelo meu pai, ele fora sincero ao me prometer voltar; mas pela vida, que se interpôs entre nós, roubando-me a alegria de viver a diversão tão esperada. Não consegui inaugurar a minha bola com o meu herói. Não houve a partida de futebol, e sim, a partida de meu pai. Naquela noite em que tanto o esperei, naquela véspera de Natal, ele não voltou para casa. Nunca mais voltou.

C23.OLP - À ESPERA DA ÚLTIMA AULA

Enquanto um dos grandes cronistas que li e que me inspirou a escrever, ansiava pelo inusitado ou pitoresco que daria luz a sua “última crônica”, o inusitado aqui é o maior desejo deste pequeno aprendiz, a razão e a emoção de meu texto: que a última aula chegue logo.

Não me interprete mal, querido leitor. Não sou desses, como alguns dos meus mais divertidos colegas, que chegam à primeira aula esperando ansiosamente pela última. Muito pelo contrário, quando eles resolvem prolongar um feriado, aqui estou eu, sentadinho em minha cadeira. Sinto-me bem na escola. Todas as manhãs, quando a mão quentinha de minha mãe me avisa que já são seis horas e tenho que me arrumar, não lamento. Sei da importância dos estudos para o meu futuro. Talvez por isso, anseio tanto por essa última aula. Acredito que essa última aula seja aguardada por todos na cidade. Pois, se apesar da demora, ela está tão próxima, devemos isso aos valentes santa-barbarenses... Quando esse dia chegar haverá festa, haverá choro, haverá foguete! Meu coração se empolga só de pensar. A última aula na garagem! Você não imagina como esperamos por isso.

A escola onde estudava, começou a desmoronar. Foi interditada. Os alunos foram “provisoriamente” (há seis anos) colocados no salão paroquial. Não foi suficiente. Arrumaram-nos umas garagens... Isso mesmo: garagens! Sabemos que de garagens saem boas bandas, tem lojinhas que funcionam em garagens, costureiras e doceiras usam muito bem suas garagens. Mas, sala de aula, para uma turma inteira?! É terrível...

E apesar de terrível, aqui estou escrevendo minha crônica numa delas. Arrepiando-me com o frio que nos abraça nas manhãs de inverno, observando as colegas que se distraem com os gatinhos e os cães da rua que vira e mexe nos visitam e ouvindo o gargarejo das galinhas – nossas vizinhas do fundo. Afinal, nossa “garagem de aula” fica na última casa de uma rua estreita e sem saída. Quando os colegas querem tirar os olhos do quadro e viajar pela paisagem atrás de nós, têm apenas alguns pezinhos de café cercados por uma tela e um pequeno galinheiro para observar. Confesso que já me diverti algumas vezes, quando a professora fazia uma pergunta e as primeiras a responder eram as galinhas, cacarejando em alto e bom som. E não são só as galinhas: há dias que a trilha sonora que nos embala é o animado sertanejo da vizinha, em outros, o que nos abala é a “makita” dos pedreiros na construção ao lado, tão irritante que consegue desestabilizar até mesmo a firme professora de Geografia.

Mas, finalmente e felizmente, essa construção, assim como a da nossa escola, está na reta final. Nunca estivemos tão perto da última aula na garagem. Confesso que uma emoção diferente me invade ao pensar numa escola com quadra, refeitório, sala de informática, biblioteca... Meu Deus! Eu vou estudar numa escola de verdade! Uma escola que não começou de graça, sem grito, nem choro. Foi na briga mesmo. Naquele dia em que o povo daqui entrou na onda de “acordar o gigante”. Pais, alunos e professores, vestiram uma camisa de luto, tomaram a BR 116 que corta a cidade e gritaram:

— Garagem não é sala, igreja também não! Senhor Governador, olha a situação... E só então, com as fotos e vídeos nos jornais, começamos a ser percebidos.

Ah! Como espero por essa última aula... Porém, não posso dizer que não quero nem ao menos lembrar-me desta garagem. Inesquecíveis lições tenho aprendido aqui: vendo o esforço de meus professores para compensar o tempo perdido entre as corridas de uma garagem a outra, com os colegas que ignoram o espaço em que estamos e se dedicam aos estudos, com aqueles que sabem colorir, com alegria e leveza, o nosso dia a dia. E, sobretudo, com a minha comunidade que nos deixa uma belíssima lição, mostrando-nos que diante das adversidades, não precisamos fazer as malas e mudar de cidade ou de escola, mas sim, lutar para transformar a realidade. Lições tão importantes que ultrapassam as linhas de minha crônica, as paredes desta garagem e os limites de nossa cidade.

C24.OLP - O GUARDIÃO DO CONHECIMENTO

Sou velho, muito velho, mas ao contrário do que muitos pensam, minha velhice tem me deixado mais conhecido. Todos vêm até a mim para adquirir o conhecimento, tanto do passado quanto do presente ou do futuro. Às vezes, só de me observarem, as pessoas já sentem certo “orgulho”, aquele sentimento de que podem contar comigo. Mas ao contrário do que você pode estar pensando, neste exato momento, não sou uma pessoa. Sou apenas um antigo prédio, majestoso, cercado pelo movimento da cidade que cresce a cada dia.

Antigamente, eu tinha uma importante função. Sem a minha presença as pessoas não tinham o sustento matinal. Eu era um moinho. As pessoas vinham até a mim somente para ter o essencial para garantir o alimento, ou seja, o pão de cada dia, fruto do trabalho dos pioneiros desta terra tão fértil. Fortalecendo o povo desta cidade para, assim, construir a nossa história. A modernidade, porém, começou a chegar e eu comecei a não ser tão necessário no dia a dia das pessoas. “O que eu faria agora?” – pensei. Pouco tempo depois descobri. Peças antigas começaram a chegar e prateleiras com livros foram ocupando os meus espaços. Aos poucos, as histórias, tanto antigas como novas, foram povoando o meu interior. Então recebi o nome de Biblioteca Municipal de Horizontina. Agora, as pessoas entram e saem todos os dias. Escolas vêm visitar minhas exposições e o meu museu, que guardam as memórias deste povo hospitaleiro, que acolheu o imigrante que aqui chegou e fez essas terras produzirem.

Sempre tenho visitas, recebo a todos com carinho, os rangidos das portas e das escadas de metal fazem parte do que um dia eu fui. Guardo em meu interior muito conhecimento. Se outrora eu alimentei esta cidade, com o pão material, hoje, alimento este povo com o pão intelectual. Por isso, eu sou o guardião do conhecimento!

C25 - LÁ NA MINHA TERRA

Dizem que o bom filho à casa torna... E eu, depois de estudar e viver alguns anos longe, também voltei para a minha terra natal. E foi a partir dessa minha volta que me dei conta de uma particularidade dessa cidadezinha: que ninguém é livre, todo mundo é de alguém. Pode parecer estranho, eu sei, mas vou explicar.

Aconteceu que, nos primeiros instantes de minha volta, ao desembarcar na rodoviária da cidade, olhos curiosos me acompanhavam. Eu, com duas malas e alguns anos adquiridos fora dali, despertei o interesse de quem por ali passava.

— Quem será este que está chegando? – perguntavam as comadres.

— Parece com o Marquinho.

— Marquinho?

— É, aquele, do João do bar.

— Nada, tá mais para o Pedrinho, do Zé do posto.

E assim as tentativas de adivinhações prosseguiram, e eu segui adiante.

Mais tarde, precisando comprar algumas coisas, fui a venda do Português e, diante do caixa, uma criança dizia:

— É para marcar!

— Marcar para quem?

— Marcar para a Maria!

— Qual Maria?

— É a Maria do João Riso.

Agora estava explicado para quem era a pendura.

Na volta para casa, passo pela Praça São Pedro que, como de costume, reúne muitos senhores a distraírem-se com jogos de baralho. Não se preocupam com o tempo e nem com a prosa entre eles, que é para quem quiser ouvir.

— Ficou sabendo do que aconteceu com o Neco do João leiteiro?

— Não, o que foi?

— Deu praga na roça dele, perdeu tudo o que tinha plantado.

— Coitado! Será que deu também na plantação do Tonho, do Dito Saracura? É vizinho dele lá no sítio.

— Ah, esse eu não sei...

E eu vou passando e, além de saber das novidades, percebo mais uma vez que por aqui não adianta falar só o nome, tem que dizer de quem é, senão ninguém vai saber.

No cair da tarde, o sino da Igreja Matriz toca, é para anunciar o falecimento de um ente querido que ali morava. Todos saem para fora de suas casas para ouvir direito de quem se trata, e a notícia vem:

— Faleceu hoje José Nascimento dos Santos.

Quem é? Ninguém sabe! E é por isso que o comunicado vem completo.

— Faleceu hoje José Nascimento dos Santos, o “Zé da Lurde”. Agora sim, todos sabem de quem foi o infeliz dia.

E assim chego a uma conclusão sobre essa cidadezinha: ela tem um povo muito bom e hospitaleiro, uma terra vermelha da boa, lindas paisagens verdes... E o diferencial é que nesse lugar ninguém está sozinho, todo mundo é de alguém. Se quer ser conhecido por aqui tenha sempre alguém a quem pertencer, conselho de amigo, fica mais fácil. Mas e eu? A quem eu pertenço? Quem pertence a mim? Ahhh, eu sou filho de Riversul, e vou logo tratar de arranjar alguém pra chamar de meu.

C26 - A PEQUENA GRANDE GUERREIRA

Já estava amanhecendo o dia, e como é rotina aqui no meu lugar, ele amanhece lindo, o sol aparece brilhante no pé da serra, feito segundo despertador de sertanejo, já que o primeiro é o cantar do galo, muitas vezes já acompanhado pelo coral dos pássaros que me convida a ser feliz.

Da janela do meu quarto, contemplo toda esta beleza. Aquele mar de plantas diversas que embelezam o meu sítio Jangada, e abrigam tantos pássaros que comigo dividem esse pedacinho de Jucurutu, no Rio Grande do Norte.

Como todo menino de sítio, o amanhecer é hora de trabalhar, de ajudar aos pais, e assim, logo coloco o boné na cabeça, e como todos os dias, vou até a minha cisterna pegar a água do consumo diário. Quando ali, na portinha estreita do reservatório, avisto um passarinho com cores chamativas e ofuscantes, que mesmo pequenino tentava carregar em seu bico um galho de mato bem maior do que ele, acho que era o dobro do seu tamanho. Fico admirado. Sabe como é menino, curiosidade despertada por tudo, e também sou assim.

Quando ele finalmente consegue levantar o galho e voar, decido segui-lo para ver até onde ele consegue sustentar aquela bagagem. Muito comovido com a cena, entro em uma mata fechada e nem percebo.

Vendo o animal pequeno no tamanho e gigante na coragem carregando aquele galho, cambaleando no ar, penso comigo mesmo: estaria ele construindo seu ninho? E mesmo com essa interrogação na minha cabeça, continuo seguindo o pássaro, que com certeza, nem percebe, pois está muito concentrado na tarefa que realiza.

Depois de muito segui-lo, o pássaro para em uma árvore, e de longe observo que ele constroi seu ninho, arruma o galho direitinho, acho que está na fase de acabamento, os retoques finais, pois ali já havia moradores; um barulhinho suave e insistente, um cantar baixinho denunciava isso. É o chiado dos filhotes! Isso mesmo, toda aquela força era de uma mãe dedicada, pequena guerreira, zelando os filhos. Me emociono com tanta sabedoria que vinha daquele amor materno. Um ninho pequeno, parecia desprotegido; e me aproximando, vejo os dois filhotes no chão. Tento ajudá-los. Que má ideia, essa! A mãe fica enfurecida com a minha presença, não aceita ajuda. Entendo tudo, sou desconhecido para ela, provável ameaça, mãe é assim mesmo. Só ela sabe cuidar. Logo me afasto, e reflito sobre a necessidade do respeito aos animais. Volto para a cisterna, pego a água e sigo para minha casa, mamãe me espera. Antes de entrar, da porta aberta já observo minha mãe naquela cadeira de madeira, com olhar aflito, preocupada com a minha demora, com certeza. Você sabe como é, mãe protege os filhos. E assim, penso ainda mais na mãe dos passarinhos. Amor puro e verdadeiro.

Minha mãe e a mãe dos passarinhos, tão parecidas no amor, no cuidado, na luta diária neste lugar de sol quente e de paisagem que encanta. Mãe é tudo igual.

C27.OLP - HISTÓRIA DE PESCADOR

Enquanto atravessava a ponte sobre o rio Doce, que corta a minha cidade em duas metades – o lado de cá e o de lá, deparei-me com uma cena intrigante. Olhando para baixo da construção e mirando as poucas águas que ainda restam do enorme rio, que já chegou a ser navegável, observei um pequeno barco que parecia mais estar encalhado do que flutuando. Imaginei a dificuldade de fisgar algo comestível e, conseqüentemente, a frustração da missão atrapalhada pelos bancos de areia. A cena, definitivamente, inspirou-me. Esta crônica tem origem naquele momento, naquele olhar. Antes de pensar na agonia do rio morrendo a olhos vistos, na escassez de seres vivos nas águas do “Doce”, foi a imagem do pescador que me sensibilizou. Já ouvi dizer sobre a responsabilidade do rio, cujo histórico revela os valores do povo presente em suas margens. Quanto mais bem cuidado, maior a educação dos moradores da cidade que desfrutam dele. Houve, porém, uma tragédia que mudou o seu destino. Nela, a alegria constante trazida pelas correntes fluviais transformou-se

em tristeza. Um verdadeiro pesar. Ao invés da corriqueira festa com a chegada das águas, um velório coletivo. Os volumosos remansos e as típicas correntezas do grande rio, inspiradores de credibilidade e abundância no passado, cederam lugar às águas barrentas e, também, contaminadas pelos rejeitos de minério. Quem poderia imaginar? Quem poderá calcular os danos surgidos após o desastre ambiental conhecido como “o desastre de Mariana”? Talvez o pescador. Foi ele o profissional que acompanhou mais de perto a ferida formar-se. Os rejeitos anunciavam, com a chegada lenta, mas densa e constante, a quase despedida da maioria das espécies. As vidas presentes no rio nunca mais seriam as mesmas. A rotina que delineou por tanto tempo o dia do profissional das águas precisou, compulsoriamente, sofrer alterações. Enquanto o peixe não vinha à linha, era com o manancial que conversava sobre seus planos e sonhos. O rio era o seu ombro-amigo, seu diário de anotações. As fisdadas, o troféu que celebrava o sucesso de seu dia. Além do sustento que lhe proporcionava, trazia alegria em seu peito, um sentimento percebido por aqueles que amam a profissão que exercem: o orgulho de ser pescador. A lama barrenta tingiu de tristeza a vida do simples e, ao mesmo tempo, nobre profissional, que fazia do rio seu palco de conquistas.

Restam poucas esperanças. Todos, porém, torcem para que o rio volte a respirar. O que antes era um sonho de vida, atualmente se configura como pesadelo. A tormenta tornou-se responsável por despertar o pescador no meio da noite, imaginando o que será dele e de sua família, antes totalmente dependentes do “Doce”. O rio, hoje, chora. O pescador chora. Ouve-se, na verdade, um choro coletivo. Saudades? Sim. Muitas lembranças sobre o que esse gigante representou no passado, dos momentos em que as redes eram lançadas logo de manhãzinha, enquanto a cidade ainda dormia, voltando preenchidas. O rio foi, por muito tempo, o sinônimo perfeito para o progresso da “Princesa do Norte”. Era o seu amuleto da sorte.

Também não há como se esquecer do “bê-a-bá” sobre a arte da pescaria que atravessou gerações, ensinada de pai para filhos, de avô para netos e para bisnetos. O testemunho que descreve a herança deixada pelos entes queridos tornou-se um documento amargo, preenchido de tristes relatos do povo ribeirinho. Um rio antes cheio de cardumes, de mistérios, de maravilhas da natureza, hoje leva consigo só as lembranças de bons momentos. É como se tivessem lançado, sem filtro, o veneno do poder e da ganância que brota de alguma parte, localizada no interior dos homens que se dizem autoridades. Ele está lá, contudo, vai morrendo lentamente, da pior forma possível: agonizando.

Há, mesmo assim, pescadores invencíveis. Reproduzem os heróis, buscando lutar até o fim. Aquele que visualizei perto do banco de areia, enquanto passava pela ponte, propôs-me uma reflexão. Se houve ou não peixe, naquele dia, não importa. Dedico a ele minha crônica que, como uma fotografia, deixa registrada a imagem de sua persistência. Uma verdadeira e triste história de pescador.

C28.OLP - LÁGRIMAS DE ESPERANÇA

Estou em frente ao futuro, em frente à esperança, em frente à escola. Daqui de fora, sua estrutura é como a de uma prisão, mas nela está todo o conhecimento, a dedicação e a cultura de que preciso para ser livre.

É meu último ano nessa escola, estou observando cada detalhe, detalhes que deixei passar por anos. O portão rabiscado, a mercearia aberta do outro lado da rua, o ponto de ônibus e a esquina onde ficamos conversando após as aulas. Do portão para dentro, o sinal grita nos chamando para estudar, falta uma quadra para as aulas de educação física, há a correria dos que chegam apressados e enchem de vida este lugar. Vidas que aqui se juntam no único propósito de aprender. Sim, alunos, professores, funcionários, todos são aprendizes.

Saindo da escola, caminho em direção à praça abandonada que perdeu seu encanto, sinto o assombro da falta de segurança em todo canto, vejo a falta de cuidado e de atenção para aquilo que é de todos e inevitavelmente me entristeço. A nostalgia e a saudade antecipadas me surgem novamente: é meu último ano na escola do meu bairro; ano que vem, frequentarei outros bairros de Cariacica ou até de outro município da Grande Vitória. E o que levarei daqui? Escolho levar a doçura das lembranças, das brincadeiras e andanças. Levarei a menina que corria por estas ruas, sem medo. Levarei todo o aprendizado construído dentro e fora da escola. Um dia, aqui nessa praça, uma amiga – muito mais que uma professora – fez com que eu enxergasse a beleza, onde antes eu só via a degradação. Suas palavras de poetisa penetraram em mim como sementes penetram na terra e fizeram brotar um novo olhar, mais esperançoso e confiante. Se antes eu só enxergava o vazio, os problemas e o descaso, naquele momento eu aprendi que só há abandono quando eu também resolvi abandonar, que a violência e a dor ocupam o lugar que o medo deixa vazio. Eu passei a ver que as riquezas estão justamente nas pessoas, nas suas histórias e lutas diárias, para não se entregarem e vencerem as dificuldades. Quando entendemos isso, entendemos também que cada um de nós tem o poder de construir uma escola melhor, uma rua melhor, uma praça, uma cidade, um mundo melhor. Aquela aula, nessa praça, me mostrou isso.

Eu sou uma dessas pessoas que lutam e hoje sei que não luto sozinha. Estou armada com meus livros, minha munição é o meu conhecimento. Este lugar, no alto do morro, me dá uma visão estratégica. Vejo onde estou, aqui é a favela, aqui é permitido ter casa sem acabamento, lixo nas ruas, banco de praça quebrado, mato no lugar de jardins, traficantes em vez de universitários, boca de fumo no lugar de parques. Daqui, posso ver também onde quero chegar. Minhas lágrimas são de esperança e elas encherão um rio que nos conduzirá a um país em que estar nesse morro não seja sinônimo de insegurança, de medo, de dor, mas, sim, sinônimo de alegria, por estar mais perto do céu e suas estrelas.

Meus ídolos estão aí para me mostrar que minha esperança é válida: sou Nelson Mandela, lutando com minhas palavras; sou Conceição Evaristo, crescendo na favela, estudando para ter um futuro melhor, cruzando abismos para ter uma vida mais digna e inspirar outros como eu, como nós. É meu último ano na escola do meu bairro, mas minha luta por esse lugar só está começando.

C29.OLP - TRADIÇÃO DE CARIDADE

“O que eu benzo? É carne rasgada, osso quebrado e nervo tendido!” Assim fala Maria Pinguela, que cura tudo: quebrante, sapinho, amarelão... Não há o que a benzedeira não cure com a sabedoria antiga. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Para chegar até sua casa, o caminho é longo e sinuoso, fica perto do Rio Uruguai. Vejo laranjeiras carregadas de frutas gordas e salientes. O mundo silencia para a natureza cantar. Tico-ticos e Joões-de-barro cantam e as árvores dançam. Que bela paisagem.

Chegando mais perto, ouço vozes e vejo algumas pessoas. A cuia de chimarrão passa na roda. Respiro fundo. Sento e começo a analisar a casa. Simples, de madeira, pequena, a tinta verde descascando, grandes janelas antigas, telhas cobertas de musgo e a fumaça do fogão a lenha saindo pela chaminé. As pessoas são bem distintas umas das outras. Uma senhora grisalha quer benzer seu neto de “susto”. Ele brinca com um gato de pelo ralo, muito misterioso. Um agricultor alto, sotaque italiano e mãos encardidas quer benzer uma dor de cabeça persistente. Ao meu lado, uma mãe com um bebê espera benzê-lo de quebrante. Há um adolescente vidrado no celular. Ele diz ter amarelão.

Algumas pessoas saem parecendo bem satisfeitas. Mesmo não estando nem um pouco a fim, penso que mal não vai me fazer e entro. A situação é precária. A geladeira aberta mostra uma fartura de nadas. Então, uma mulher alta, morena, gorda e sorridente aparece e começa a benzedura pelo adolescente do amarelão. Ela faz o sinal da cruz e reza: “Amarelão, te corto!”. Eu arregalo os olhos. A benzedeira conclui e chama a senhora e o neto. Há rosários e estatuetas de Nossa Senhora, além de anjos e santos nas paredes e no altar. Com uma vela, ela descobre que o menino se assustou com um galo. Pinguela chama o agricultor italiano. Ela começa a orar com um copo de água e, de repente, a água começa a soltar muitas bolinhas, como água com gás. Estranho. Ela dá a ele um chá de ervas e aponta para mim:

— Tu não tem fé! Todos têm de rezá junto, sem fé não dá certo, ainda mais nessa altura do campeonato. Crendeuspai, como tu deixou o braço assim, guria? Só por Dio!

Fico espantada. Como ela sabe da minha dor?

Há um tempo notei essas feridas no braço, que pioraram cada vez mais. O médico falou que não havia cura, a carne apodreceu e o braço seria amputado. Minha avó, muito religiosa, sabendo sobre minha situação, disse: “Puro cobreiro! Vai na Pinguela”. Nunca fui muito chegada nisso, mas esse é meu último recurso.

A benzedeira começa uma oração e todos rezam junto. Depois, me senta em uma cadeira e passa arruda no meu braço. “O que eu corto?”, grita. Eles respondem: “Cobreiro brabo!” – repetem isso inúmeras vezes, entre Pai-Nossos e Ave-Marias. Eu permaneço quieta, meio arrependida de ter ido. Ela passa mais ramos nas feridas e elas doem. Ela ri e me dá um chá de cor verde-gosma. Devo tomá-lo três vezes ao dia.

— E reze Salve Rainha toda vez que tomar – fala, dando-me um tapa nas costas.

— Nem duas semanas teu braço tá bom! Vai, retchuda! Pode vim o nenê!

Ao tomar o chá, descubro que, na verdade, ele é bem gostoso. O vidro não durou nem cinco dias, exagerei um pouco nas doses. A dor no meu braço acalma, mas ainda persiste. Afinal, ele está se decompondo. É normal doer. Vou para última consulta antes de amputar. Quando desenfaiço, estranho não sentir o cheiro usual. Mas o médico fica ainda mais surpreso quando vê que meu braço está limpo. Limpo? Com casquinhas e cicatrizes, mas... Limpo! Mas como? Maria Pinguela, a benzedeira! Ela, com sua humildade, sua fé enorme e seu coração puro teve o dom de me curar. Agora penso em como o benzimento é uma crença bonita. Uma cultura de muito tempo, que já foi chamada de feitiçaria, substituiu médicos, curou casos que ninguém diria que seriam sarados e resistiu ao tempo e à modernidade com muita fé. A natureza é realmente muito sábia ao nos proporcionar acesso às ervas medicinais. Mesmo assim, muitos jovens se recusam a aprender esta arte. Sou abençoada por ter tido a graça de melhorar através do benzimento. Não sei quanto aos outros, mas meu braço foi curado por Maria Pinguela e por essa tradição de caridade que permeia minha região.

C30.OLP - EU VIM DE LÁ

Meu lugar... Como posso descrevê-lo? Não há lojas, grandes comércios ou bares. Um lugar calmo até demais. Há somente pessoas pacatas que compartilham entre si das dores e alegrias de pertencerem a ele. O lado bom é que ainda se pode sentar nas portas para uma conversa nos fins de tarde. Não é uma cidade, está mais para povoado. Alguns chamam de interior, mas não acho que seja merecedor desse título. Na verdade, pertence à zona rural de Parnaíba, localidade Baixa da Carnaúba.

Dizem que carnaúba significa “árvore da vida” pelas suas inúmeras utilidades e, principalmente, por sua resistência e capacidade de adaptação a climas adversos. Penso que este se encaixa perfeitamente ao lugar e às pessoas que ali vivem, por que morar na Baixa Carnaúba é resistir às dificuldades de pertencer a uma realidade rural e, ao mesmo tempo, não resistir à imensa beleza das manhãs que invadem nossas janelas quase interioranas. E se alguém por acaso me perguntar se gosto de morar lá, não diria nem que sim e nem que não, sabe?

O ápice do ano, na Baixa da Carnaúba, é o festejo de Nossa Senhora da Conceição, que ocorre em dezembro, o qual é tão aguardado pelos moradores quanto ao de São Francisco, no Canindé. Uma atmosfera diferente parece envolver toda comunidade durante esse período.

Uma estranha tensão toma conta de seus habitantes que se preocupam em fazer um festejo “mais bonito” que o do ano anterior. Para mim esse já é o primeiro milagre: a cotidiana monotonia das noites dá lugar a inúmeras histórias de fé, devoção e até situações engraçadas! Jamais esquecerei o dia quando num final de festejo, todo povo reunido já se preparava para sair em procissão da igreja; velas acesas nas mãos, o som dos sinos e suaves cantos tocando os corações dos fieis, flores, bandeirinhas... A coisa mais linda que se pode ver em um “interior”. Quase ninguém além de mim reparou em um menino que passou correndo com um balão em suas mãos e, por descuido, encostou em uma das velas carregada piedosamente por um fiel também distraído. O balão, claro, estourou. Para minha surpresa, uma confusão geral quebra subitamente a sacralidade do momento. Todo povo correu em diferentes direções imaginando que fosse um tiro.

Fiquei ainda mais surpreso com a reação do padre ao falar pacientemente em sotaque alemão tentando acalmar o povo:

— Calma! É só um “ladron”!

Sei que a intenção foi boa, porém suas palavras surtiram um efeito bem contrário ao que desejava. O povo se desesperou e era gente para tudo quanto era lado. Imagine, caro leitor, o tamanho da confusão que se deu em um lugar tão pequeno! Foi tudo muito rápido: gritos histéricos, correria, desespero, um caos!

Lamentei profundamente que uma festa tão bonita fosse interrompida daquela forma, porém, confesso que algo dentro de mim divertiu-me, como se houvesse saciando minha sede de emoções.

E assim, em meio a essa e tantas outras histórias curiosas, engraçadas e até um pouco vergonhosas, que eu cresci. Apesar da Baixa da Carnaúba ser para muitos um lugar quase desconhecido, também possui um povo trabalhador que nunca perde a fé, o bom humor e a esperança em dias melhores.

C31.OLP - AH, MALDITOS CINCO MINUTOS!

Foi numa segunda-feira pela manhã, era o dia do carro de lixo passar na nossa rua. Ele sempre passa nos dias pares. Só uma vez passou num dia ímpar. Eu estava indo para o colégio.

Sempre saía atrasada ou em cima da hora, mas naquele dia, por milagre, tinha uns minutinhos de sobra.

Levava uns dez minutos para chegar à escola, estavam me sobrando cinco, naquela segunda. Talvez, por isso, tenha conseguido pousar meus olhos atentos na cena que se passava na calçada da casa ao lado da minha. Um homem, acompanhado de seu filho, um garotinho de uns 6 anos, acorados, vasculhavam o lixo da vizinha. “Meu Deus, será que procuram comida?” – pensei.

Lembrei, imediatamente, do poema “O bicho” de Manuel Bandeira, que tanto me encantou e emocionou, na voz da minha professora de Língua Portuguesa, quando eu fazia o sétimo ano. Até hoje, culpo aquele malvado poema por despir-me, um pouco, da inocência em enxergar misérias ao meu redor. É, a literatura tem dessas maldades!

A lembrança do poema ainda me azucrinava, quando observei, do outro lado da rua, uma carroça daquelas feitas de fundo de geladeira. Estava quase lotada de papelão velho.

Nossa, que alívio! Não buscavam comida. Catavam materiais recicláveis. Faz diferença? Minha natureza me diz que sim. Catar recicláveis é, na minha visão adolescente, algo digno. Buscar comida no lixo despe o homem de sua dignidade. Mas voltemos à cena.

Os dois, homem e criança, compenetrados na busca por algo que lhes rendesse uns míseros trocados, caras quase enfiadas dentro dos sacos de lixo, ignoravam a minha presença ali. E eu, não querendo atrapalhar os dois, mentalmente, implorava aos céus que eles não me percebessem ali. Não sei quem sentiria mais constrangimento, se minha presença fosse notada: eles ou eu.

Mas uma coisa era certa, precisava chegar à escola, não poderia permanecer ali, plantada feito estátua. Sim! Era assim que me sentia: como uma verdadeira estátua. Aliás, estátua perdía para a minha petrificação naquele lugar, diante da cena que vislumbrava. Até a respiração era cuidadosa para não fazer o mínimo barulho que atrapalhasse o trabalhador homem e o trabalhador mirim. Por fora eu era pedra, por dentro, um redemoinho.

O homem, de repente, ergueu a cabeça e, num movimento brusco, levantou-se. Nas suas mãos, pousavam três caixas de leite pasteurizado Lebon. De uma das embalagens, jorravam alguns pingos de leite, que desciam retos pela calça jeans que o vestia. Se sentia o líquido escorrer pelas vestes, não dava sinais.

Nesse instante, seus olhos miraram os meus. Ele não se mostrou constrangido como achei que ficaria. Muito educado e com um leve e tímido sorriso, me desejou bom dia, ao que eu, pronta e calorosamente, respondi, embora bastante embaraçada, claro! Em seguida, ele atravessou a rua, até a carroça, onde depositou o seu achado. O menino continuava a tarefa. Parte do rosto quase enfiada no saco.

— Simbora, Dorival! – gritou o genitor para o menino, que ainda cutucava o mesmo saco de lixo.

— Espera, pai! Deixa ver se eu acho a perna – gritou, ansiosa, a criaturinha.

Foi aí que vi em uma de suas mãos, a mesma que segurava o saco, enquanto a outra rebuscava os restos, um boneco do Super Homem, faltando uma das pernas.

— Deixa de ser abestado, tá no lixo porque tá sem perna. Simbora, avia! – reclamou o homem.

— Achei, pai! Achei! – gritou a voz infantil, cheia de contentamento. As perninhas correram até a carroça. — Olha, pai, olha pai!

— Pronto, agora vai ficar embromando com essa porqueira ao invés de trabalhar. Vumbora!

Ainda fiquei alguns segundos ali, parada, acompanhando a caminhada dos dois, subindo a rua enladeirada. O pai, resmungão, empurrando a carroça, e o menino atrás, com seu brinquedo recém-encontrado. Não dava para ver, mas, certamente, deveria estar com um belo sorriso estampado no rosto. Nem aí para os resmungos do pai. Enquanto aquele pequeno seguia na lida com o pai, feliz com o seu boneco do Super-Homem, eu rumei para a escola, um redemoinho de sentimentos a atazanar-me a cabeça! Tudo culpa daquele sádico poema de sétimo ano e, também, daqueles cinco minutos de sobra. Ah, malditos cinco minutos!

C32.OLP - OPERAÇÃO CINDERELA

Todo setembro, Arraias parece um formigueiro pegando fogo. Embaixo de um sol escaldante, em meio a tantas barracas, é gente subindo e descendo ladeira, crianças dando birra por brinquedos, cachorros latindo, ambulantes tentando convencer as pessoas a comprarem seus produtos... É um shopping center popular nas ruas apertadas da minha pacata cidade que, nesses dias, mais parece capital. O evento é esperado por muitos e odiado por outros, principalmente por aqueles que ficam impedidos de sair, e nem conseguem guardar um carro devido à porta de casa ficar bloqueada pelos mascates.

Esses gostos e desgostos já são antigos e não mais é possível imaginar Arraias sem desfile de 7 de setembro, sem a missa da Padroeira Nossa Senhora dos Remédios no dia 08 ou as famosas barraquinhas, que aguçam nossas vontades e levam nossos trocados.

Porém, em meio a essa diversidade de acontecimentos, algo inusitado me chamou a atenção e me intriga até hoje. Logo após o desfile (aquele em que ficamos todos engomadinhos, suando igual cuscuz em panela tampada), diversos alunos passeavam pelas barracas no retorno para suas casas, quando uma aluna decidiu dar uma paradinha em uma barraca de sapatos. Até aí tudo normal, pois como já falei, é tanta oferta para pouco dinheiro e todo mundo fica animado para renovar o guarda-roupa e “curiar” as novidades no shopping. A garota pediu para experimentar um par e, assim que o barraqueiro se virou, a aluna deu no pé... Levando os novos e deixando para trás os que estava usando, pois os mesmos já estavam um pouco desgastados de tanto subir e descer ladeira.

No outro dia, houve uma reclamação para o diretor da escola (não é que a bendita usava o uniforme da escola e conseguiram identificar onde estudava?). O barraqueiro procurou a direção da escola e informou que uma de suas alunas havia furtado um par de sapatos dele.

A operação para encontrar a dona do furto foi chamada de “Operação Cinderela”, pois a garota havia deixado para trás os sapatos que estava usando. A diferença é que, além de não ser de cristal (pelo contrário, estava bem “acabadinho”), nessa operação nenhuma das “princesas” da escola se ofereceu para experimentar o sapato, igual na história da Cinderela. Já imaginou se o sapato servisse! Eu fui uma delas, quieta estava e quieta permaneci...

As especulações foram muitas e parecia que todo mundo ficava olhando para os nossos pés para tentar identificar o objeto roubado... Acho que quem tinha sapato novo nem quis usar mais na escola e até a brincadeira “que sapato bonito, é novo?!” já provocava olhares curiosos e acusadores. A resposta era imediata: “minha mãe comprou em Campos Belos!”

Só sei que muito se perguntou, se especulou... Mas até hoje, ninguém tem certeza do nome da Cinderela às avessas... E eu fico aqui pensando o que levou uma menina a se arriscar tanto: foi necessidade ou malandragem mesmo? Também sei que, depois desse episódio, em barraca de calçados só entro acompanhada de meus pais.

C33.OLP - SENTIMENTOS AMARELOS

A presença da claridade nas brechas das janelas envelhecidas pelo tempo e o cocoricó dos galos anunciavam que o sol desanoiteceu. A minha casa ainda dormia, não se ouvia nenhum barulho dos moradores nas vias empoeiradas do Povoado Alegria – uma região bastante rústica da nossa “Cidade Verde”. Somente nos quintais das casas, os animais já denunciavam que estavam famintos. O céu totalmente desanuviado previa mais um dia escaldante de setembro, o primeiro mês do B-R-O-B-R-Ó, como é conhecido este tempo por essas bandas nordestinas.

Os sinos da igreja local tocavam dando provas que eram seis horas da matina, hora de levantar, me arrumar, quebrar o jejum noturno, caminhar até a parada, pegar o ônibus e ir para a escola. É a vida seguindo o seu percurso habitual. Conseguem imaginar assim? Pois é, como de costume entrei no ônibus, sentei no banco próximo a uma das janelas do lado esquerdo do transporte e fiquei observando aquela paisagem acinzentada e castigada pelos ventos impiedosos da estação. A vegetação arbustiva já não escondia mais seus galhos secos e retorcidos. As flores! Essas já não davam mais sinais de vida.

Durante o itinerário, a cena era a mesma de sempre. Até aí, tudo normal! Será mesmo? Já não tenho tanta certeza! Por um instante minha percepção visual foi arrebatada pelo encanto de um enorme ipê salpicado de buquês amarelos erguido em meio aos escombros daquela sequidão. Como minha visão não alcançava o local de fixação daquele ipê, imaginei seu tronco adornado por um tapete de flores amarelas desidratadas pela sucessão das horas.

— Que lindo! Que perfeição! Como faço para tocá-las? – falei tão alto que todos no ônibus olharam para mim.

Naquela hora do dia, o vento já soprava uma brisa morna que levantava poeira seca e que ardia nos olhos da gente, mas essas intempéries não impediam que minha visão se amarelasse de beleza e prazer. Prazer de ver, prazer de tocar, prazer de cheirar... Eu pensei em leveza, perfume, cor, alegria. Quase pedi ao motorista para parar o carro enquanto eu tirava uma foto daquela floração exuberante, mas como não podia realizar esse intento, tratei de preservar na memória aquela imagem. O trajeto continuou normalmente, o mesmo ônibus de todos os dias, o mesmo motorista, os mesmos colegas, a mesma sala, tudo igual, mas a minha opinião sobre aquela cena tão imperceptível por causa da rotina, ganhou um novo significado, não era mais a mesma.

Em uma das aulas de Língua Portuguesa fui desafiada a escrever um poema. Retruquei... Retruquei... Retruquei... Enfim, os mais profundos sentimentos tomaram forma em meu coração. Assim, escrevi:

Contemplação

Diante do ônibus que anda Parada estou
Parada a contemplar Ipês Árvores regando o amanhece
O dia chega
Com sol e vento de bem-querer Manda à terra
Seu Ipê-amarelo florescer

Abro a janela
A cantiga do vento
Me leva, como de costume Ao jardim secreto do coração Que é amarelo
Como um tapete estendido no chão.

A minha história não terminou. Só o tempo dirá quando continuarei a escrever sobre minhas concepções, acerca das cenas do cotidiano. Só sei que ainda tenho muita coisa pra contar...

C34.OLP - O DIA EM QUE A NOITE FICOU VERMELHA

Já era noite. Abro a porta e vou em direção à rua; faço isso com um único objetivo: contemplar a linda noite da Chapada Diamantina.

Lá fora vejo algo que nunca esquecerei: “Ah, aquele dia... Nunca me esquecerei daquele dia!”. Que dia? Vocês devem estar se perguntando. “O dia em que a noite ficou vermelha”.

Aquela noite tudo havia mudado, a noite não estava sendo iluminada pela lua, ou pelas estrelas; ela estava brilhantemente iluminada, porém, seu brilho provinha do fogo. É, do fogo! Milhares de árvores estavam a pegar fogo, nos propiciando um grande espetáculo. Parecia que o céu se tornava uma imensa tela de arte. E aquelas cores? Lindas pinceladas de Deus...

Meus olhos viram aquilo de maneira diferente. Será que fui egoísta? As cores vermelhas pareciam lutar contra o verde da serra, uma verdadeira obra de arte! Bem à frente de meus olhos.

De repente, quase todo o povoado fora ver o acontecido.

Foi então que percebi os olhares e semblantes dos meus familiares e amigos; eles não compartilhavam dos mesmos sentimentos que eu. A tristeza era nítida em seus olhos, parecia que alguém muito importante havia morrido... e morreu. Um pedaço de nós foi perdido.

— Meu Deus! – alguns falavam.

— Vamos ver de perto! – outros diziam.

No outro dia, vários carros percorriam as ruas; helicópteros sobrevoavam o céu; todos com um único intuito: combater o fogo! Minha mãe, que trabalhava na Pousada Pai Inácio – localizada ao pé do Morro do Pai Inácio, viu tudo de perto. Seus olhos refletiam as chamas que consumiam o vívido cerrado.

Desesperadamente gritava:

— Corre! Corre! Vamos apagar o fogo! Com suas colegas de trabalho, mulheres corajosas, fortes, trabalhadoras e destemidas, sem hesitar, empunharam suas armas contra o fogo: abafadores. Irresponsáveis? Sim. Corajosas? Com certeza. Naquele dia, verdadeiras heroínas foram encontradas. Heróis sem fardas foram descobertos. Homens e mulheres saíam de suas casas vestidos com suas armaduras: botas, luvas, capacetes e roupas à prova de fogo. Uma grande luta ali foi travada, e nenhuma das partes queria render-se.

As ruas estavam movimentadas. E o céu? Nem se fala... helicópteros e aviões transitavam a todo instante transportando brigadistas de toda a Bahia. Um belo helicóptero branco sobrevoou a minha casa trazendo consigo um barulho extremamente alto. Seu objetivo era armazenar água, tal água que provinha do lago artificial aqui construído nos tempos do garimpo – que outrora era a base econômica de Campos de São João. O gigante branco ia e vinha, provocando um efeito de deslumbramento em todas as crianças, que repetiam a mesma frase:

— Me leva, avião! Me leva, avião!

Queremos ir!

Não se importavam em falar errado, contanto que gritassem o mais alto possível. Comecei a me perguntar: “Será que o piloto ouvia os gritos daquelas crianças?” – cada vez que retornava parecia estar mais próximos delas... Parecia que todos do povoado tinham o mesmo pensamento: ser um brigadista honorário; aventurar-se na serra.

Meio perigoso, não? Esses jovens não se preocupavam com os perigos que poderiam enfrentar, todavia, ser um herói apagava todos os medos e receios.

Com grandes esforços do povo e dos brigadistas, o fogo foi apagado. Os morros e as serras perderam sua luminosidade...

Os dias que se estenderam se mostraram tímidos; os pássaros não cantavam com a mesma alegria, os rios emanavam a morte, e a floresta, que antigamente possuía todo tipo de barulho, estava tristemente calada. As nuvens se mostravam escuras, expressavam o “descontentamento de Deus”, sua bela floresta havia sido queimada, totalmente destruída.

“O homem destrói e Deus constroi”. Essa frase nunca fez tanto sentido para mim, como agora. Intensas chuvas que chegaram à Chapada expressavam o seguinte sentimento: “Deixa que eu cuido de tudo. Sua simples função será preservar o que eu construo”.

E como num passe de mágica, a floresta renascera.

C35.OLP - O GUERREIRO DO SERTÃO

Já é final de tarde, o sol e a lua se entreolham nos horizontes, em um romance astral que transforma o céu de Cocal dos Alves em uma obra de arte, mas que nenhum artista no mundo conseguiria reproduzir com tamanha perfeição. Os grandes morros que rodeiam a cidade contemplam o espetáculo com fascínio, enquanto são atingidos pelos amarelados últimos raios do astro rei.

Ao longe, em uma longa estrada de terra, entre os últimos tons do crepúsculo, avisto algo vindo em minha direção, parece estar montado em um cavalo, e suas roupas vermelhas contrastam com a luz do sol, em um espetáculo de cores que mais se assemelham a uma labareda de fogo. Aquela figura torna-se a atração principal deste cenário, a que tenho o privilégio de momentaneamente pertencer. Algo me chama a atenção naquele ser alumiado. Caminhando a passos lentos em sua direção, aproximo-me daquela incógnita. O vermelho tocante que o cobre se revela um chapéu e um grande gibão de couro que, como uma armadura, protege-o dos pontiagudos galhos secos da caatinga. Seu facão na cintura é uma espada, com a qual parece ter enfrentado diversas batalhas, e o suor em sua testa queimada de sol indica que o dia foi de árduo trabalho. Sua imagem torna-se única para mim, e enfim posso dizer: é um vaqueiro.

Mostrando sua astúcia e coragem, ele aciona seu cavalo, que com uma velocidade impressionante levanta a poeira da estrada e desaparece em meio ao mato seco, sem temer os perigos que o rodeiam. Posso ver apenas seu vulto, que vai de um lado para o outro, cortando caminho entre a mata e se misturando com a vegetação morta, em uma harmonia perfeita, quebrando o ensurdecido silêncio e dando vida novamente a essa triste caatinga. Ao sair da mata, ele para, amarra seu cavalo, senta em uma pedra e, olhando para aquele lindo céu, tira do bolso de seu gibão o que me parece ser a fonte de sua força: um terço. O vaqueiro com suas mãos calejadas o segura levemente. Rezando baixo, agradece por mais um dia de trabalho duro, se benze e abre um largo sorriso, um sorriso tão puro quanto aquele pôr do sol, e tão brilhante quanto a lua que clareia o límpido céu de Cocal dos Alves. Para muitos, poderia ser apenas um simples vaqueiro, mas para mim é uma pessoa especial, que simboliza o povo cocalalvense, que enfrenta as adversidades com o peito estufado, sempre com fé de que os próximos dias serão melhores. Eis o guerreiro do sertão.

C36.OLP - SEMPRE EM BUSCA DE LUZ

Era uma tarde quente e ensolarada, algo comum na cidade de Palmas, que tem o calor como sua marca registrada; naquela tarde minha mãe me comunicou que precisaríamos ir a Taquaralto, bairro que é muito conhecido pela sua grande aglomeração de comércios de rua. Ele é bem distante de onde moro, e como não temos carro, nossa única opção era recorrer ao nosso “GOL”, trocadilho que eu e minha mãe usamos para Grande Ônibus Lotado!

Enfrentar um ônibus cheio por mais de 30 minutos com um sol de rachar justifica bem o slogan da cidade: Palmas, cidade do calor humano.

Sáimos de casa após o almoço, em horário de pico, isso só tornaria tudo mais cansativo. Pegamos o ônibus e, como era de se esperar, “lotaaado” e sem nenhum lugar para sentar. De repente, algo me chamou atenção, ou melhor, alguém.

O olhar de uma garotinha me levou a uma viagem sem sair do lugar. A criança aparentava ter por volta de 7 anos, seus cabelos encaracolados escorriam por toda a sua pele cor de chocolate que se destacava ainda mais com o vestidinho cor-de-rosa que usava. Ela havia notado que eu e a minha mãe estávamos em pé e tratou logo de se sentar no colo de sua mãe para liberar um assento. Minha mãe já cansada com todo aquele trajeto se sentou e seguimos viagem. A menina, que também aparentava cansaço, sussurrou algo no ouvido de sua mãe, que no mesmo instante retirou de sua bolsa um pacote de biscoitos de chocolate. A garotinha abriu um sorriso radiante ao ver o que sua mãe segurava, sem pensar duas vezes ela abriu a embalagem e direcionou aquele olhar cativante para mim.

Foi aí que pude escutar sua voz.

— Você quer um biscoito?

Surpresa com a atitude da pequena, respondi:

— Não, muito obrigada! Acabei de almoçar. – Sem esperar muito, lhe fiz outra pergunta:

— Qual é o seu nome?

Ela com brilho nos olhos me respondeu:

— Sol!

— Como assim? Por que Sol?

Reparei pela sua cara de confusa que ela não havia entendido minha pergunta, logo complementei:

— Acredito que para você ter esse nome, tenha um motivo, não tem?

— Ah, sim! A mamãe disse que me chamo assim porque ela ama girassois e fala que eu tenho que ser como um girassol, “sempre em busca da luz”.

Imediatamente meu olhar foi atraído para a janela, uma luz sem fim num espaço grandioso, “enorme”. Estávamos passando pela Praça dos Girassois, “point” esportivo da cidade.

Entreolhamo-nos com pupilas sorridentes em um diálogo sem palavras, rimos, Sol olhava encantada a praça que também é dela, cheia de sol e girassois.

Nesse instante, até me lembrei de que brincava no parquinho correndo por toda aquela praça, mas que nunca tinha visto as famosas flores do sol.

Distraída pelo trajeto me perco no tempo, volto à tona com o chamado de minha mãe.

— Chegamos!

Me despedi da minha graciosa amiguinha e descemos. Prometi a mim mesma que nunca me esqueceria daquela pequena, a menina iluminada que sorri com o olhar.

Nunca mais a vi, mas todas as vezes que passo na Praça dos Girassois a vejo refletida.

C37.OLP - ESCOLA FÁBRICA, FÁBRICA ESCOLA

6h – despertador toca, sono, frio, eu me acordo, meu pai se acorda. Banho, escovar os dentes, colocar o uniforme, eu e meu pai. Trânsito, asfalto, semáforos, tudo de um cinza idêntico, nunca notei a diversidade de tons sem vida que existem na cidade. Só diferimos no lugar, eu vou para escola e meu pai para a indústria, mas no fim é tudo igual. Eu entro na escola e meu pai bate o ponto na fábrica, eu vou para meu assento e meu pai para sua máquina. O professor fala, as máquinas rugem, lápis, papeis, óleo, engrenagens, é tudo igual. Os funcionários não sorriem, querem seus salários; os professores estão exaustos, querem seus salários, para gastar com as mesmas coisas mês após mês. As mercadorias não pensam, não falam, são modeladas; os alunos não pensam, repetem, não criam, reproduzem o que lhe é passado, SILÊNCIO!!! Não podem falar. Números e letras sem cores, nos computadores e nos livros, nas planilhas e nos cadernos, é tudo igual. Os quadros se enchem, os cadernos se escrevem, as planilhas se preenchem, os gráficos estão cheios, é tudo igual. O professor fala, escreve, ensina o que nós não vamos aprender, apenas fingir saber. O gerente passa e os funcionários sorriem, satisfeitos em fingir satisfação e manter seu emprego e sua dignidade (dinheiro). As mercadorias são revistadas, as sem defeitos passam adiante e as demais retornam; a criatividade é tamanha que não mudaram nem o nome “série de produção”; os alunos também têm seus números de série, uma lista de chamada, são números, é tudo igual. Os sinos tocam, não são das igrejas, hora da refeição, fila no refeitório, hora do intervalo, celulares em mão, eu estou on-line e desconectado do mundo, meu pai está on-line e desconectado do mundo, sirenes tocam, hora de voltar, é tudo igual. Acabou, guardar materiais, pressa para finalizar um dia sem pensar que o próximo será igual. Carros, buzinas, placas, motos, uma gigante massa inerte de pessoas apressadas, é tudo igual. Chego em casa, wi-fi, me desconecto do mundo na rede; meu pai na televisão; minha mãe prepara o jantar; anúncios, propagandas, nos movem para um novo dia, estudo para ter um futuro, um futuro de compras, tudo igual. A noite desce, como a noite anterior, “AMANHÃ TEM AULA, VAI DORMIR!!!”, é tudo igual. Eu vou para a escola fábrica e meu pai para a fábrica escola. A única diferença entre a fábrica e a escola é o ambiente escuro, quente e mal iluminado da primeira, talvez a escola não seja assim para que os alunos sobrevivam até chegar na fábrica.

C38.OLP - O DONO DO PEDAÇO

O sol bate na janela do meu quarto e, dando-me bom dia, deixa tudo dourado. O cheiro sapeca do café me convida para a cozinha. Lá fora, a pequena e tranquila cidade de Pitanga, no interior do Paraná, já acordou também. Na rua pego carona com os amigos e deitamos o cabelo para a escola, apressados para não chegarmos atrasados... E como num passe de mágica lá vem ele, contente, indo ao encontro de um, de outro... Seus olhos felizes nos dizem bom dia e nos acompanham com muita alegria. No meio de todos parece um passarinho que encontrou seu ninho.

Ele é mesmo um sarro! Frequenta muitos lugares: Planalto, Pitanguinha, Parque São Basílio e até Alto da Colina. Quando menos se espera, chega de fininho, como se conhecesse todas as pessoas. Começou na Igreja Matriz. Eu o conheci lá. É só as pessoas começarem a entrar para a missa que logo ele vem também, e embora quieto, tímido, chama atenção. Com cuidado vai até a parte de trás do altar, se acomoda e de lá observa tudo.

No começo era estranho tê-lo na igreja e muitos queriam mandá-lo sair, mas a insistência dele os venceu, afinal, não incomoda ninguém, na maior parte do tempo dorme, mas sabe exatamente a hora que a missa termina. Com o passar do tempo, os fiéis foram se apegando a ele. Fiel frequentador da casa paroquial, principalmente na hora do almoço, recebeu o nome de Jacó, dado pelo Padre Tiago. Se a celebração começa e ele não aparece, todos já ficam perguntando: “onde anda o Jacó? Você viu o Jacó?”.

Muitas indagações passam pela minha cabeça: de onde veio? Será que já teve uma casa? É livre... Sabe os lugares onde será bem recebido, diante de tantos que andam pelas ruas da nossa pacata cidade. É engraçado, ele escolhe sempre os lugares onde têm muitas pessoas. Não gosta de solidão. Onde chega, com seu jeito pidão, conquista todos e se torna o dono do pedaço. No Colégio Dom Pedro, o Jacó faz parte da nossa rotina. No dia que não o vemos na entrada, parece que está faltando alguma coisa. Quando chegamos, lá vai nosso amigo a passear pelo saguão. Depois, fica sentado observando tudo, como se fosse um guarda. Toca o sinal, obediente, sabe direitinho o seu lugar. Vai para a porta da frente do colégio e lá espera o toque das 10h15 da manhã, e das 15h30 para ganhar o seu lanchinho.

Estudar? Acho que não é o que procura. Até já foi convidado a entrar na sala de aula, mas apenas deu um olá a todos e pirulitou-se dali. Não! Não é isso, não! Uns dias atrás queria, porque queria, conhecer a biblioteca. Com jeitinho convencemos a Celina, bibliotecária, a deixá-lo entrar. Nossa, que felicidade do nosso companheiro! Será que ele sabe ler? – pensamos. Que nada! Logo aconchegou-se num cantinho e lá, talvez, fez a leitura que achou melhor. O único problema do nosso amigo, é quando desaparece nas farras e baladas dos companheiros de rua. Chega no outro dia, acabado e o pior: sujo e machucado. Logo percebemos que voltou, pois seu cheiro atropela todos pelo caminho... Por onde você andou, vivente?! Dormiu com os urubus? Aí o recurso é mandá-lo para o banho e cuidar de seus ferimentos. Ah, danado! Fazer o quê? Ele é livre, sai e volta a hora que quer.

Jacó é bem social, não perde eventos aqui na cidade. Se tem festa da Padroeira Sant’Ana, na Igreja Matriz, não perde uma novena. Sai faceiro em todas as fotos. Ontem mesmo, o padre Gilson comentou no final da missa: “Jacó, hoje se comportou muito bem!”. Todos riram, pois a presença dele é marcante, já é parte da comunidade, nunca houve algo parecido por aqui. Se tem maratona do grupo de corrida da cidade, lá está o Jacó, como um bon vivant – folgazão – parado na linha de chegada, só esperando as câmeras. Correr que é bom, nada! Sempre imprevisível! Chega e já vai ocupando seu espaço. Até no Hospital São Vicente de Paulo, no hall de entrada, ele dá o ar de sua graça.

Apesar de não sabermos de onde ele veio e nem para aonde vai, esperamos tê-lo por muitos anos entre nós, para podermos um dia falar dele com saudade, reviver bons momentos, contar para os netos, que aqui na cidade de Pitanga, na escola, na igreja, tivemos um mascote chamado “Jacó”. O dono do pedaço! Um cachorro especial para dias especiais.